



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA – PRAC
COORDENAÇÃO GERAL DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL E PSICANÁLISE

**OS CAMINHOS DA PAIXÃO AMOROSA E ALGUNS DOS SEUS
DESTINOS PATOLÓGICOS**

ANA CLÁUDIA ZUANELLA

ANA CLÁUDIA ZUANELLA

**OS CAMINHOS DA PAIXÃO AMOROSA E ALGUNS DOS SEUS
DESTINOS PATOLÓGICOS**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica, área de Pesquisa Psicopatologia Fundamental e Psicanálise, da Universidade Católica de Pernambuco.

ORIENTADORA: PROFa. DRa. EDILENE FREIRE DE QUEIROZ

Para Silvio e Leonardo
meus dois amores

AGRADECIMENTOS

A Deus e ao Espírito Santo por me iluminarem e estarem sempre ao meu lado.

A meus pais que me permitiram estar aqui e conhecer o amor.

A meu filho Leonardo que faz tudo ser mais bonito, mais feliz, mais colorido e que me faz entender o que é o amor personificado.

A Sílvio que acaba sempre me dando motivos para apostar no amor e para escolher amá-lo a cada novo dia.

A meus amigos, especialmente aqueles, como Cintya, que cuidaram de forma especial de mim nesse período de Mestrado.

A minhas colegas de turma que viraram grandes amigas e até afilhadas e que compartilharam comigo um dos períodos, não só acadêmico, mas de vida, mais intensos e felizes, tensamente felizes, que já tive.

A Zeferino Rocha que me apresentou a Psicanálise e acabou por inspirar e estimular a pesquisa do tema da paixão.

A Edilene Queiroz que me aceitou com minha lacuna lacaniana e nunca exigiu de mim mais do que eu poderia dar.

A Ana Lúcia Francisco pelo modelo de pessoa e professora que ela é e nos move a ser.

A Unicap e seus funcionários por serem tão acolhedores e agradáveis.

A Psicanálise, na figura de Freud e daqueles que o apresentaram a mim, que me ajuda a entender a vida, as pessoas e me instiga incansavelmente a estudar mais e mais, E, além disso, ainda me fez descobrir a paixão.

À PAIXÃO que me move para vida, para os estudos, para o trabalho, para os amigos, para os amores. Um agradecimento especial à paixão.

*Minh'alma, de sonhar-te, anda perdida
Meus olhos andam cegos de te ver!
Não és sequer razão de meu viver,
Pois que tu és já toda a minha vida!*

*Não vejo nada assim enlouquecida...
Passo no mundo, meu Amor, a ler
No misterioso livro do teu ser
A mesma história tantas vezes lida!*

*Tudo no mundo é frágil, tudo passa...
Quando me dizem isto, toda a graça
Duma boca divina fala em mim!*

*E, olhos postos em ti, vivo de rastros:
"Ah! Podem voar mundos, morrer astros,
Que tu és como Deus: princípio e fim!...*

(Fanatismo, Florbela Espanca, 1923)

Resumo

Esta pesquisa teórica surgiu do interesse em estudar a paixão, especialmente no seu sentido *pático*. Partimos da sua etimologia originada do termo *páthos* da Grécia Clássica que tem o sentido de passividade e sofrimento e é igualmente o radical de patologia. Utilizamos a metapsicologia freudiana para estudar alguns dos destinos marcados pelos aspectos patológicos da paixão, começando com a ideia de que no apaixonamento o objeto é colocado no lugar do ego ideal do sujeito, lhe caracterizando uma dinâmica psíquica particular. Concluimos que pode haver três tipos de paixão: aquela que dá lugar ao amor (enamoramento), aquela que termina sem maiores danos, por autocombustão (arrebatamento) e a paixão patológica, cujo destino é ficar aprisionado à fixidez, ao excesso, ao sofrimento. Nos detivemos nesse terceiro tipo de paixão, pesquisando alguns dos seus desdobramentos: o narcisismo patológico, a melancolia, a negação da alteridade, a alienação e o fetichismo.

Palavras chaves: paixão, patologia, ego ideal, narcisismo, melancolia, alteridade, fetichismo.

Abstract

This theoretical research came from the interest in studying love passion, mainly in its *páthic* sense. Starting with its etymology from Classic Greek's word *páthos* which means passivity and suffering and is also the root of pathology, we used Freudian metapsychology to study some of love passion destinies related to its pathological aspects, beginning with the idea that in it, the object is put on the subject's ideal ego. This gives passion a particular psychic dynamic. We concluded that there may be three kinds of love passion: one that gives place to love (endearment), one that finishes with no great damages by self-combustion (catchment) and pathological passion, which destiny is to be prisoner of fixation, excess, pain. We carried on the third kind of love passion, researching some of its consequences: pathological narcissism, melancholy, lack of otherness, alienation, fetishism.

Keywords: love passion, pathology, ideal ego, narcissism, melancholy, otherness, fetishism.

SUMÁRIO

Introdução	08
Capítulo 1. O <i>páthos</i> da paixão	16
1.1. A paixão e os gregos	16
1.2. <i>Páthos</i> e os tempos atuais	19
1.3. A paixão amorosa	24
1.4. A distinção entre paixão e amor	27
1.5. A paixão e a psicanálise	30
1.6. Patologia em psicanálise	36
1.7. O <i>pathológico</i> da paixão	42
Capítulo 2. Os ideais da paixão	47
2.1. <i>Verliebtheit</i> (paixão)	47
2.2. O ego ideal e o ideal do ego	53
2.3. O ego ideal na paixão	60
2.4. O amor que constitui o ego e o ódio que cria o objeto	62
2.5. Tipos de escolha de objeto	67
Capítulo 3. Aspectos patológicos da paixão	71
3.1. Narcisismo patológico	72
3.2. A melancolia	88
3.3. A negação da alteridade	93
3.4. A alienação	99
3.5. O fetichismo	102
Considerações finais	116
Referências	119

INTRODUÇÃO

O interesse por estudar o tema da paixão amorosa foi despertado por duas constatações: uma de ordem clínica, outra de ordem teórica. Primeiro, a escuta analítica permitiu notar a recorrência de assuntos ligados à paixão amorosa. A dor de amor, ou de desamor, além de ser um frequente motivo de busca por ajuda psicanalítica, quando não, surge como um tema importante ao longo do processo. Portanto, estudar a paixão nos leva a aprofundar um assunto sempre atual e recorrente nos consultórios. Além disso, compreender o que está implicado na forma como o sujeito se relaciona afetivamente ajuda a entender certos aspectos de sua dinâmica psíquica, colaborando com nossa escuta clínica.

A segunda constatação surgiu em decorrência de um convite em 2008 para apresentar um trabalho sobre *Formas patológicas de amar*. À época foi difícil encontrar publicações psicanalíticas a respeito, inclusive tal fato era mencionado por vários autores (Green, 1988a; Paz, 2001; Person, 2007; Escribens, 2007; Kernberg, 1995). Imaginou-se, então, que seria interessante agregar mais pesquisa teórica ao tema¹.

Nosso objeto de pesquisa é a paixão amorosa, recíproca ou não, e alguns de seus aspectos patológicos localizados na esfera das neuroses e perversão, não nos detendo nos seus desdobramentos psicóticos. Entendemos esses aspectos como inerentes do desenrolar do apaixonamento, porém com a fixação nos mesmos, pode-se pensar num destino marcado pela patologia.

A escolha dos aspectos acima citados se deveu ao fato dos quadros majoritariamente psicóticos serem menos frequentes na clínica, além de que, nos

¹ Ao serem pesquisadas duas bibliotecas eletrônicas, Scielo – Scientific Electronic Library Online com periódicos nacionais, e Lilacs – índice de Literatura Científica e Técnica da América Latina e Caribe, deparou-se com os seguintes dados: sobre o tema da paixão com alguma relação com a psicanálise foram encontrados quatro artigos nos últimos dez anos no Scielo; já no Lilacs, encontrou-se 22 artigos (inclusive os quatro do Scielo), no entanto, esses 22 artigos foram escritos num período bem mais extenso, de 28 anos, e considerando-se toda América Latina e o Caribe. Sobre o tema do amor, no Scielo havia três artigos na área psicanalítica que tratavam do assunto como tema central nos últimos dez anos; no Lilacs chegou-se a 39 artigos num período de 33 anos. Encontramos apenas um artigo que relacionasse a paixão às Instâncias Ideais, de Ana Lila Lejarraga, intitulado *Freud e Winnicott: do apaixonamento à capacidade de amar*, publicado na revista *Pulsional*, ano XV, n. 164, dez./2002 - ano XVI, n. 165, jan./2003

determos nos desdobramentos ligados à psicose abriria um espectro de estudo vasto demais que não teríamos como dar conta nessa pesquisa.

Para estudá-la, problematizamos a paixão amorosa relacionando-a às instâncias ideais, mais especificamente ao ego ideal para sustentar a ideia de que na paixão amorosa há a projeção do ego ideal no objeto eleito.

Através da compreensão das consequências psíquicas de sua dinâmica, a paixão foi estudada nos seus possíveis desdobramentos patológicos, como na prevalência do narcisismo patológico, na melancolia, na negação da alteridade, na alienação e no fetichismo. Essas possibilidades estão vinculadas ao papel do narcisismo primário na constituição do ego ideal. Acredita-se que ele está também relacionado à supervalorização inerente ao apaixonamento e à necessidade de fusão; ao passo que o Ideal do Ego remete a relações mais maduras em que o outro é reconhecido na sua diferença e suportado em suas falhas.

Freud construiu sua compreensão do psiquismo humano a partir do estudo das neuroses. Acreditamos, como ele, que pesquisar o aspecto patológico de determinado fenômeno nos permite entender sua dinâmica também nos estados ditos normais. A patologia se apresenta, nesses casos, como uma lente de aumento, amplificando os mecanismos igualmente envolvidos no funcionamento “normal” do sujeito.

Não se pretende afirmar que todos os destinos da paixão sejam marcadamente patológicos, mas que através do estudo do seu aspecto patológico é possível entendê-la em maior profundidade e amplitude.

Quando Freud (1914, p.101) afirma que “devemos começar a amar a fim de não adoecermos, e estamos destinados a cair doentes se, em consequência de frustrações, formos incapazes de amar”, e que amar é uma das formas, juntamente com o trabalhar, de manter a saúde mental, nos perguntamos que lugar a paixão ocupa nesse contexto.

Em *Grande Sertão: Veredas* (1993), Guimarães Rosa, na voz de Riobaldo, declara: “Só se pode viver perto de outro, e conhecer outra pessoa, sem perigo de ódio, se a gente tem amor. Qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura.”

Ao que tudo indica a paixão, sob diversos aspectos, pode se afastar da saúde advinda de amar. Como diz Rocha (2008, p. 101), os destinos da paixão “tanto podem ser aquele de uma fase normal, embora ilusória, da experiência amorosa, quanto uma experiência desestruturante da vida psíquica nos casos do apaixonamento patológico”.

Quando a paixão dá lugar ao amor, pode ser compreendida como uma fase do processo amoroso; ou então, se termina sem maiores danos, também pode ser entendida como uma “loucura passageira”. Porém, há casos em que há uma fixação no objeto da paixão, onde entra em jogo o comprometimento da maleabilidade da pulsão e fica mais evidente seu desdobramento *pathológico*. Para além do sentido de doença, *páthos* também quer dizer sofrimento. Estes dois sentidos são privilegiados neste trabalho.

“As paixões são experiências verdadeiramente *páthicas*, visto que são *sofridas*, nas quais o sujeito *se deixa levar por, se deixa con-vocar por.*” (MARTINS, 2000, p.72). Situação onde prevalece o sofrimento em detrimento do prazer. No nosso entender essa dinâmica colabora grandemente para o destino patológico da paixão, esse aprisionamento no sofrimento.

Ferreira Neto (2004) discorrendo sobre o terceiro livro da *História da Sexualidade de Foucault – O Uso dos Prazeres* (1983) – lembra que os gregos utilizavam o conceito de *páthos* aplicando tanto às paixões quanto à doença física. Essa conexão também é observada por Fédida (1992², 2000), Ceccarelli (2005), Costa Pereira (2004) e Berlinck (1998, 2002).

Ceccarelli (2005, p.471) refere que “*Médico* é aquele - diz Platão no *Banquete* – que está sempre atento ao *páthos*, às paixões, pois as doenças apresentam-se como um excesso de paixões”.

No entender de Costa Pereira (2004), a psicopatologia é uma disciplina que se debruça sobre o sofrimento humano, enquanto que é intimamente vinculado às paixões humanas. O autor cita Fedida (1992) quando aborda o *pathei mathos*, exposto por Ésquilo, ao reportar-se à aprendizagem que pode advir do sofrimento, para, então estabelecer o protótipo de uma tradição trágica na concepção do psicopatológico.

² FEDIDA, P. Crise et contre-transfert, Paris: PUF, 1992.

Por sua vez, Berlinck (2002, p.10) escreve que Platão nos lembra que o médico está sempre lidando com o amor, “porque as doenças físicas em sua evolução, se apresentam como *páthos*, paixão amorosa”.

Berlinck (1998) observa que além de sofrimento, *páthos* também tem como derivados as palavras paixão e passividade. A psicopatologia fundamental debruça-se sobre o sujeito trágico que é constituído com o *páthos*, não sendo senhor de suas ações. Quando *páthos* acontece, algo da ordem do excesso, da desmesura, *da hybris* se põe em marcha sem que o sujeito possa se assenhorar desse acontecimento.

Quanto ao lado *páthico* da paixão, Roland Barthes traz uma pergunta muito pertinente em seus *Fragmentos de um discurso amoroso* (1991): “Então Zoé pode ao mesmo tempo “amar” e “estar apaixonada”? Esses dois projetos não são considerados diferentes, um nobre e outro mórbido?” (p.119)

Em *As paixões e suas vicissitudes*, Green (1988a, p.220) afirma: “Loucura e paixão, dois tributários do mesmo rio, cuja fonte é ‘hubris’”. E acrescenta:

Então o que veio a ser a loucura? Antes de caracterizá-la como uma desordem da razão, dever-se-ia, pelo contrário, enfatizar o elemento afetivo, apaixonado, que modifica a relação do sujeito com a realidade, elegendo um objeto parcial ou total, tornando-se ligado mais ou menos exclusivamente a ele, reorganizando sua percepção do mundo em seu redor e lhe dando uma aura única ou insubstituível pela qual o ego é cativado e alienado (GREEN, p.226).

Como frisamos anteriormente, não pretendemos dizer que toda paixão seja patológica, ela é um estado transitório de loucura, é bem verdade, mas a saúde está justamente no fato dela ser transitória. Entendemos a patologia no momento em que há uma fixação no estado de apaixonamento e este não dá lugar para uma forma mais branda que é o amor, nem tampouco se aceita o abandono pelo objeto. Há uma estagnação nisso que deveria ser a transitoriedade, mantendo a negação dos limites próprios de nós, seres castrados. É a *fixação* no retorno narcísico e na ilusão de que é possível escamotear a castração.

Não podemos nos esquecer de que na medida em que na paixão amorosa há a procura da revivescência da fase narcísica, enquanto tal, ela se torna tão impossível de se sustentar quanto o foi sustentar o narcisismo infantil, significa:

uma exploração do possível a partir do impossível, um esforço de realizar o estado paradisíaco na terra. Por essa razão (...) o homem tira a espada flamejante do querubim e entra no jardim do Éden. Certamente não pode fazer dele sua morada estável; o enamoramento não dura para sempre; o extraordinário convive sempre com o comum e a ele regressa. Mas aquele é o jardim do Éden. Todos o conhecemos, todos já estivemos nele, todos já o perdemos, todos sabemos reconhecê-lo (ALBERONI, 1988, p.41).

A paixão está sempre fadada ao fim e a algum tipo de desilusão. Em alguns casos a pessoa não consegue aceitar as limitações inerentes aos outros, inerente a si, inerente a toda e qualquer relação e assim, elaborar sadicamente a desilusão.

Estabelecemos como nosso objetivo geral, estudar, dentro da perspectiva freudiana, os mecanismos psíquicos próprios da dinâmica do apaixonar-se e alguns de seus desdobramentos patológicos. Mais especificamente, almejamos:

- Distinguir o amor, a paixão e a paixão patológica.
- Conceituar o ego ideal e o ideal do ego, relacionando o ego ideal ao narcisismo e o ideal do ego ao reconhecimento da alteridade.
- Compreender o papel do ego ideal e do narcisismo na paixão amorosa.
- Estabelecer uma correlação entre o narcisismo, melancolia, negação da alteridade, alienação, fetichismo e a paixão patológica.

Para atingir nosso objetivo, realizamos uma pesquisa teórica de fundamentação psicanalítica, utilizando-se a metapsicologia freudiana. Foram estudados os aspectos topográficos, dinâmicos e econômicos dos fenômenos intrapsíquicos envolvidos.

Diz Green (1988b, p. 18) que a “metapsicologia só serve para pensar. E sempre retroativamente, não na poltrona analítica, mas naquela na qual o analista senta frente a uma folha branca que estimula ou inibe seu intelecto”. Espera-se que as observações da prática analítica que despertaram o interesse por essa pesquisa possam ter sido pensadas neste *a posteriori* quando a metapsicologia funcionou como instrumento para

lhes dar um sentido e permitir que folhas brancas agissem como “estímulo ao intelecto” na busca de respostas.

Almeja-se que a metapsicologia seja a semente lançada num solo que se torne fecundo, possibilitando a criatividade e a originalidade. Como escreveu Wittgenstein: “Minha originalidade, caso seja esta a palavra certa, é, acredito, uma originalidade do solo e não da semente. Pode ser que eu não tenha semente alguma que me seja própria. Lance uma semente no meu solo e ela crescerá diferentemente do que sobre qualquer outro solo.” (citado por CAON, 1994, pg.151). A metapsicologia foi dada, é a semente de Freud, espera-se que o solo onde ela foi plantada a tenha feito germinar.

É importante lembrar que a Psicanálise designa tanto um tratamento, quanto uma forma de pesquisa e um arcabouço conceitual. Neste trabalho, a psicanálise foi utilizada enquanto arcabouço conceitual e fundamentação teórica, privilegiando sua metapsicologia.

Houve a apropriação dos conceitos *teóricos* psicanalíticos para entender o fenômeno do apaixonamento. Quanto ao caminho para nos apropriarmos do conhecimento contido nos textos, foi realizada uma dupla leitura, tanto sistemática, contextualizante quanto desconstrutiva que “explora as tensões, as trilhas perdidas, as pequenas aberturas do texto que a leitura clássica tende a fechar” (CAPUTO, apud Figueiredo, 1999, p.20).

A leitura desconstrutiva é transgressora em relação à proteção que a leitura sistemática oferece, ela se move nas direções abertas, colocando em marcha um mecanismo de produção de sentido que instabiliza e temporaliza o sentido dado e dá mais vida ao texto em exame (FIGUEIREDO, 1999).

Abordamos o texto na busca de respostas a uma série de questões e um questionamento a uma série de crenças, acreditando que devemos trazer o texto para nosso campo e também deixar-nos tocar pelas questões que o texto nos traz e pelas respostas que ele solicita³.

³ Essas ideias são desenvolvidas por Gadamer (apud LAWN, 2007). Apesar de usarmos a metapsicologia freudiana, a *forma* de leitura dos textos teve premissas semelhantes às desenvolvidas por Gadamer, esclarecendo que não estamos associando essas interpretações: a hermenêutica gadameriana e a interpretação psicanalítica criada por Freud. Uma se refere ao Inconsciente a outra ao texto escrito pelos autores pesquisados.

“Interpretar seria, em si mesmo, mais um lance desse incessante diálogo em que perguntamos e respondemos a um determinado texto; nesta medida, deve-se conceber a interpretação como interminável, dado que interminável é o diálogo”. (FIGUEIREDO, 1999, pág.13)

O texto é atualizado através da sua compreensão, implicando a interpretação⁴ como criação e coautoria. “Essa atividade de interpretação seria, necessariamente, interminável, uma vez que a alteridade do texto e do intérprete não é passível de equacionamento” (CAMPOS e COELHO JR., 2010, p.251).

É muito importante ter um terceiro para quem se dirige a escrita produzida pelas leituras. Esse outro dará a dimensão de realidade ao diálogo e deduções feitas a partir dos estudos. Esse terceiro é primordialmente a orientadora, a banca e os leitores, para os quais se destina a escrita.

Na pesquisa em questão houve um plano de fundo, a paixão, sobre o qual se tinha algum entendimento ou alguma conjectura, o mesmo se pode dizer sobre as instâncias ideais. Caso não houvesse esse conhecimento prévio, não seria possível tentar uma articulação entre ambos. A figura que emergiu deste fundo foi o objeto de estudo propriamente dito, aquele problematizado para se prosseguir com a pesquisa, qual seja, relacionar a paixão ao ego ideal para, através dessa perspectiva, entendê-la nos seus aspectos patológicos.

Nessa pesquisa não houve o objetivo de criar uma forma conclusiva ou única de explicar a paixão, mas sim abrir questões e caminhos que possibilitassem a compreensão reflexiva de alguns componentes na singularidade do apaixonar-se. Pretendeu-se se aproximar de possibilidades de arranjos intrapsíquicos e assim ter mais meios de interpretar os sinais e o discurso analíticos

Seguindo a convicção que não há verdades ou respostas derradeiras compactuamos com Iribarry (2003, p.132) na assertiva sobre a forma de escrita: “O ensaio é como a vida: sempre inconclusivo para o seu autor, pois no dia de sua morte, apenas os que ficarem poderão falar do que restou, enquanto o autor jamais poderá extrair uma aprendizagem desta vivência radical e derradeira. Enquanto se vive, se

⁴ Gostaríamos de deixar claro que não estamos nos referindo à interpretação psicanalítica.

pode ensaiar". Enquanto vivemos, que possamos ensaiar. Assim realizamos nossa pesquisa, um ensaio de paixão, de eros, de vida.

A pesquisa teórica foi empreendida em torno de três eixos investigativos os quais geraram os três capítulos da mesma.

O primeiro capítulo traz o conceito de *páthos* do qual é oriunda a palavra paixão, em dois momentos históricos: nos gregos clássicos e nos dias atuais. É, então, apresentada a paixão no campo amoroso, delimitando-o como nosso objeto de pesquisa, diferenciando-a do conceito de amor e circunscrevendo-a na esfera do *páthos*, sofrimento e patologia. É apresentada a noção de patologia em psicanálise com a finalidade de compreender a paixão no seu sentido *páthico*. Este capítulo tem a intenção de contextualizar a paixão e associá-la tanto ao sentimento amoroso quanto ao seu caráter patológico. Estabelecemos três possibilidades para o sentimento de apaixonamento: ele dar lugar ao amor, ele terminar por autocombustão, ele se fixar numa patologia.

No segundo capítulo a pesquisa avança para o contexto mais psicanalítico. Partindo da afirmativa freudiana de que no amor (*Verliebtheit*), o objeto é colocado no lugar do ideal do ego, pesquisamos o termo *Verliebtheit* e sua tradução ora como estar amando, ora como apaixonamento, ora como auge do sentimento de amor, para determinar a tradução que nos parece mais apropriada. Em seguida nos detemos na distinção entre as instâncias ideais visando estabelecer em qual lugar ideal o objeto da paixão é colocado. Assim começamos a entender a metapsicologia da paixão pelo viés do ego ideal, o qual tem uma dinâmica particular e, a nosso ver, responde em grande medida pelas peculiaridades do apaixonamento.

Essas peculiaridades são trabalhadas no terceiro capítulo, onde se veem o que chamamos de "os destinos patológicos da paixão", aqueles em que a particularidade da paixão encontra seu desdobramento no adoecimento, marcado pelas características de fixidez e sofrimento. Pesquisamos o narcisismo patológico, a melancolia, a negação da alteridade, a alienação e o fetiche.

Agora, vejamos o que foi construído em torno do nosso tema.

1. O PÁTHOS DA PAIXÃO

A paixão inquieta desde sempre. Na Grécia Clássica os filósofos já se ocupavam de entender esse sentimento paradoxal, que podia ser ora sofrido, ora prazeroso, mas nunca deixava de ser enigmático.

Conceituar a paixão é um eterno aproximar-se sem se chegar a uma resposta definitiva. Mesmo assim o tema não deixa de provocar estudos, discussões, especulações e novas tentativas. Apesar de saber que não teremos definições conclusivas, acreditamos que muitas questões não são postas para serem simplesmente respondidas, mas, principalmente para servirem de estímulo e companhia na constante busca do saber.

Os gregos clássicos se dedicaram à compreensão do *páthos*, palavra de onde se deriva *paixão*, trazendo importantes contribuições. Se todo conhecimento se origina da Grécia, teremos ali nosso ponto de partida. Nesse primeiro momento apresentaremos a questão germinal da paixão, através do *páthos*, ainda no seu *Lato Sensu*. Iremos direcionando nossa pesquisa para os dias atuais, com o intuito de afunilar o conceito de paixão, não nos esquecendo de sua ligação com o *páthos* originário. Para estudá-la mais profundamente, delimitaremos a paixão à esfera do amor, nos detendo à visão psicanalítica da mesma, circunscrevendo, assim, nosso campo de estudo⁵.

1.1. A paixão e os Gregos

A palavra paixão tem sua raiz no latim *passio*, o qual, por sua vez deriva dos termos gregos *paskein* e *páthos* (MARTINS, 1987). *Passio* (de *passio* – onis) vem do participio passado de *pati* – “sofrer”) (Treccani apud WIKIPEDIA, 2016). O termo grego *páthos* é uma “palavra que vem do verbo *páthein* e significa ser *afetado, padecer, sofrer, suportar*” (ROCHA, 2010, p.136).

⁵ O *páthos* pode ser abordado sob várias perspectivas: etimológica, histórica, filosófica, psicológica e até astronômica, dentre tantas (Rocha, Z., informação verbal – comentário feito na banca prévia realizada em Recife em vinte e dois de fevereiro de dois mil e dezesseis) . Quanto ao nosso estudo, nos interessa estudá-lo ligado à paixão, pelo viés psicanalítico.

Etimologicamente o páthos tem o sentido de ser afetado por algo da ordem do excesso e da desmedida, da *hybris*. Em *As paixões e suas vicissitudes*, Green (1988a, p.220) pontua: “Loucura e paixão, dois tributários do mesmo rio, cuja fonte é ‘hubris’”.

Páthos é também o radical de patologia.

Rocha (2010, p.136) declara “duas são as manifestações semânticas mais importantes do páthos: o sofrimento e a paixão”.

Carvalho da Silva (2006) enfatiza que a cultura clássica atribuía grande relevância à questão do *páthos*, uma vez que as paixões da alma estavam implicadas no bem-estar pessoal e coletivo, nas escolhas do modo de vida e nas próprias condições de busca da verdade. *Páthos* dizia respeito a uma forma de ser e se posicionar. Lebrun (1987) afirma que os gregos clássicos viviam com as paixões e não *contra* elas.

Bento (2006) observa que os gregos atribuíam à paixão uma passividade diante da ação. O sofrer nesse contexto remeteria não à dor, mas ao fato de se sofrer passivamente uma ação, no sentido de estar na voz passiva do verbo, como por exemplo, “ele foi preso pela polícia estadual”, “a paciente foi diagnosticada por um especialista”.

Esse autor traz ainda a definição de *Páthos* no dicionário clássico de língua francesa do século XX, Le Petit Robert (1992) como um termo oriundo do grego antigo que significa sofrimento, paixão. Diz o autor que em Aristóteles, “*páthos* é sinônimo de *paixão*, ambos os termos significando um sofrimento passivo” (apud BENTO, 2006, p.186).

Aristóteles na *Retórica* (1378, apud LEBRUN, 1987, p.18) assim define a paixão: “tudo o que faz variar os juízos e de que se seguem sofrimento e prazer”. Apesar de fazer variar os juízos, ele afirmava que o homem não poderia ser julgado como bom ou mau por suas paixões. Uma vez que ele não as escolheu, não seria responsável por elas, mas apenas pela maneira como agiria diante delas.

Conforme a ética aristotélica (CARVALHO DA SILVA, 2007, p. 539), na alma humana há as paixões, as faculdades e os estados de caráter. As paixões são dadas pela natureza e “em si mesmas não são nem virtude nem vícios”, as faculdades são responsáveis por experimentar as paixões, e os estados de caráter permitem “se

posicionar bem ou mal em relação às paixões, sendo, portanto, dessa ordem, o que determina a virtude” (op. cit., p.539).

Vemos em Aristóteles um pensamento que remete ao caráter passivo do *páthos*, uma vez que ele considerava que o homem tinha responsabilidade por suas ações, mas não por suas paixões.

Já Platão apresentava uma visão mais categórica acerca do *páthos*, a qual foi retomada tanto pelos estoicos quanto por Kant (LEBRUN, 1987). “Para Platão, o homem está preso à armadilha de suas paixões na Caverna das suas ilusões” (MEYER, 1994, p.17). Ela não é refletida por aqueles que caem na sua armadilha, pois, caso eles tomassem consciência da mesma, deixariam de ser suas vítimas. No platonismo, paixão e razão não podem coexistir.

Ele tratava a paixão de forma rigorosa, para a qual não havia muita saída, já que, no seu entender, ela era tanto um problema quanto o empecilho para a resolução desse problema. Em virtude da cegueira que suscitava, a paixão impediria a percepção de que houvesse qualquer problema a ser resolvido (MEYER, 1994, p. 31).

A solução apresentada pelos estoicos seria erradicar as paixões. Eles discordavam de Aristóteles de que pudesse haver uma “educação” das mesmas. Estas seriam, para eles, e também para Kant, um obstáculo a ser transposto, uma força que deveria ser vencida, o sintoma de uma fraqueza da alma. Conseqüentemente o apaixonado seria um desvairado que deu as costas à razão. Conforme nos recorda Lebrun (1987), extirpar as paixões era o objetivo da profilaxia estoica.

Não se tratava mais de controlar as paixões, já que isso era impossível. Para os estoicos paixão era sempre o resultado de uma doença e não uma reação inevitável a uma emoção. Para eles: “toda paixão desde o seu despertar já infringe a lei que me constitui como ser razoável, todas as paixões, na sua origem, já me conduzem ‘para fora de mim mesmo’” (LEBRUN, 1987, p.25). Pensamos que esse “fora de mim mesmo” é um retrato da *hybris* que os gregos associavam à paixão: aquilo que excede, que está fora da medida, que nos extrapola⁶.

⁶ A *hybris* está muito presente na paixão e teremos chance de ver um de seus desdobramentos na questão da alteridade, quando o outro é aquele que nos excede, bem como no interessante debate de Laplanche no mesmo tópico.

Nietzsche (apud LEBRUN, 1987) veio apontar uma contradição no discurso dos estoicos. Para ele a preconização da apatia diante da paixão por intermédio de um fortalecimento interno, nada mais era que um sinal de imensa fraqueza de vontade, uma vontade incapaz de enfrentar as perturbações da alma. Eles partiam da ideia que era impossível viver uma paixão sem ser totalmente dominado por ela. Não haveria chance de vitória da vontade contra a paixão, a única saída seria eliminá-la para não enfrentá-la.

Através do olhar dos estoicos podemos pensar no caráter de passividade do *páthos* para os gregos. Os estoicos afirmavam que a passividade era em virtude da desarmonia entre a alma e a razão, sendo esta última a instância que por natureza deveria estar no domínio, mas fora alterada pela paixão. Era esse desvio em relação à natureza racional do homem que explicaria o caráter excessivamente passivo do *páthos* (LEBRUN, 1987).

Quanto à questão da passividade pensamos que podemos nos arvorar a fazer um primeiro contato com a psicanálise, a qual terá sua relação com a paixão debatida mais tarde. Pensamos que no apaixonamento o sujeito sofre passivamente uma ação, porém a ênfase dessa passividade recai no fato dessa ação ser inconsciente, não se sujeitando ao uso da razão, característica de um outro registro, o consciente. Por esse motivo as paixões falam tanto do sujeito, elas são um reflexo de sua história pessoal, mesmo que inconsciente e passiva diante da razão.

1.2. Páthos e os tempos atuais

Hegel⁷ (apud LEBRUN, 1987), na *Estética*, se esforça por distinguir o que os gregos entendiam por *páthos* e os modernos entendem por *paixão*. Sua opinião é de que a palavra *páthos* seria de difícil tradução, tendo em vista que o uso do termo *paixão* implica numa noção de algo de menor valor – como no sentido dado ao dizermos que “um homem não deve sucumbir às paixões” – e esse não era o significado para os gregos. Na Grécia antiga, *páthos* era visto num plano mais elevado, sem qualquer nuance de censura ou egoísmo. Hegel usa como exemplos o amor sagrado de Antígona por seu irmão e também o assassinato cometido por Orestes.

⁷ HEGEL. *Aestheik*, 12, S. 313-4, Glökner.

Orestes mata a mãe, não sob o império de uma dessas pulsões internas da alma, a qual chamaríamos de *paixão*; o *páthos* que o conduz a esta ação é bem pensado e refletido [...] Deve-se limitar o *páthos* às ações humanas e pensá-lo como o conteúdo racional essencial presente no 'eu' humano, preenchendo e penetrando a alma inteira” (Hegel⁸ apud LEBRUN, 1987, p.23).

Hegel⁹ enfatiza o elemento interno, *pulsional*, e irracional da *paixão*, no entanto, dá ao *páthos* um conceito diferente desse, afastando os dois conceitos. Para ele o *páthos* é “um conteúdo racional essencial presente no 'eu' humano”, tanto que ele afirma: “Nada de grande se fez sem paixão” (apud LEBRUN, 1987, p.23). Na Grécia Clássica essa racionalidade não estava presente na noção aristotélica e, menos ainda, na definição de Platão.

Martins (2000) defende *páthos* como fazendo parte de uma disposição originária do sujeito que está na base do que é próprio do humano. O autor pontua que existem várias perspectivas contidas no conceito de *páthos* que trazem consigo possibilidades e problemas mais amplos que o sentido de doença, à medida que remete a uma dimensão essencial humana.

Páthos, segundo o autor, atravessa toda e qualquer dimensão humana, permeando todo o universo do ser. Esse *páthos* que Martins descreve seria o substrato de todas as ações e sentimentos, que desde os gregos clássicos é apresentado como parte do humano, especialmente quando se toma o sentido de passividade, sofrimento ou espanto.

Berlinck (2002, p.8) traz sua contribuição ao dizer que quando *páthos* acontece, “algo da ordem do inusitado, do excesso, da desmesura se põe em marcha sem que o sujeito possa se assenhorar desse acontecimento”. A paixão é algo que invade a pessoa tomando-a de surpresa, sem deixar chance de uma apropriação do que ocorreu. Ao não se integrar esse evento, ele excede o sujeito e o apassiva, não o deixa mais senhor de si, mas um mero espectador sem vontade própria.

⁸ Op. cit.

⁹ Op. cit.

Queiroz (1999), reportando-se a Meyer (1990)¹⁰, traz a definição de *páthos* como afecção, que significa tanto a qualidade do ser humano de poder sofrer alteração, quanto o deslocamento do homem do lugar de agente para o de sujeito. O *páthos* leva a um assujeitamento do ser.

Todos sentirão paixão em algum momento, entretanto cada um se apaixona a sua maneira, como posto por Meyer (1994, p.9), “a paixão é o que de mais individual há no indivíduo; ela cristaliza os conflitos do homem consigo mesmo e, desse modo, também com os outros”.

Segundo Lebrun (1987) há dois conceitos originalmente distintos para *páthos*, o *passional*, que se relaciona com a forma de ser, de se posicionar moralmente no mundo; e o *patológico*, que remete ao diagnóstico médico. Nesses termos, podemos começar a nos questionar se a paixão é apenas *passional*, inerente à condição humana ou se traz sempre algo de *patológico*, doentio consigo.

Minkowski (1999) aborda uma outra distinção entre o *pático* e o *patológico*. Ele fala da construção de uma identidade enquanto intermediada pelo *páthos*. Diz que o sofrimento é do domínio do *páthos* humano e nele o homem se reconhece enquanto parte da humanidade. O autor acrescenta que a partir do sofrimento, abre-se para nós o aspecto pático - e não patológico - da existência. Esse aspecto pático atravessa toda nossa vida, imprimindo sua marca, ele a torna humana. Como bem salienta o autor, “pode-se atravessar a vida sem jamais ter-se estado doente. Não se pode atravessá-la sem sofrer” (MINKOWSKI, 1999, p.157).

Quanto à conexão entre *páthos* e sofrimento, Bento (2006) pontua que do *páthos-paixão* genérico derivou o *Páthos* específico, sinônimo de doença, significando um sofrimento particular. Nesse caso, *paixão*, em sentido amplo, como “fato de sofrer passivamente uma ação” se transforma em “fato de sofrer passivamente uma ação prejudicial, *dolorosa*” (BENTO, 2006, p.186, o itálico é nosso). O aspecto de simples passividade embutido na palavra *páthos* passou a ter o significado de uma passividade que causa dor; tornou-se o caso de ser vítima uma ação sofrida, dolorida.

¹⁰ Michel Meyer, “Introdução”. In: DESCARTES, R. Les passions de l’âme. Paris: Librairie Générale Française, 1990, p.05-14.

Este autor defende a ideia de uma relação entre o tóxico, a adicção e a paixão. Ele compara a paixão à toxicomania iniciando sua discussão com a explicação etimológica da palavra tóxico, a qual vem de *toxicum*, veneno usado nas flechas dos citas – um povo bárbaro – para paralisar o inimigo. Podemos traçar um paralelo com a flecha usada no contexto do apaixonamento, lançada por cupido em corações incautos, que passam a ser intoxicados pelos efeitos da paixão.

Mesmo que Bento (2006) não fale de cupido, ele faz referência a um tipo de paixão-sofrimento mais contundente ainda ao sublinhar a passagem do sentido de paixão da antiguidade grega para o período cristão, pontuando que do original dos gregos para o latim ficará apenas o sentido de sofrimento *prejudicial*. Esse é o contexto da palavra “Paixão” na expressão “Paixão de Cristo”.

Flecha envenenada dos Citas, flecha de cupido, sofrimento de Cristo, são todas circunstâncias, reais ou fictícias, de um mal para o qual não se pode impedir o efeito, está-se sujeito a ele. No entanto, isso não significa que paixão seja sempre maléfica. “Razão sem paixão não é mais do que a ruína da alma”, diz Meyer (1994, p.10).

Páthos significa não só sofrimento, pontua Queiroz (1999, p.81), “mas também a experiência que se adquire na dor e que se refere a essa condição fundamental do homem como ser mortal”. A autora nos remete às tragédias encenadas na Grécia Antiga onde:

tudo era montado para provocar no espectador a vivência do *páthos* como experiência trágica fundamental e que, a partir dela, pudesse o homem adquirir o conhecimento pelo sofrimento. (...) A tragédia colocava em destaque o sentimento quando se é tocado por outrem, sentimento este inerente ao próprio sentido da paixão – o de ser afetado – e que faz dela uma relação intersubjetiva (QUEIROZ, 1999, p.83).

No entender de Berlinck (2002) também é possível tirar proveito de *páthos* à medida que ele não é apenas considerado estado transitório, mas algo que alarga ou enriquece o pensamento, sendo, então, transformado em experiência. Na tradição grega da tragédia, *páthos* transforma-se em patologia, no sentido de haver um discurso (logos) sobre o sofrimento, as paixões, a passividade.

Podemos pensar numa comparação entre a paixão e o sentido do *Phármakon* platônico descrito por Derrida (1968/1997) em *A farmácia de Platão*, em que o segundo é “simultaneamente, e paradoxalmente, veneno e remédio, droga maléfica e benéfica, filtro de esquecimento e possibilidade de salvação pelo acesso ao *lógos*”. (apud BENTO, 2006, p. 191). Dependendo de seu uso e de sua intensidade ela será cura ou doença.

Berlinck (2002, p.10) dá uma ideia de como o *páthos* da paixão pode se transformar num mal:

Páthos não pode ensinar nada, pelo contrário, conduz à morte se não for ouvido por aquele que está de fora, por aquele que, na condição de espectador se inclina sobre o paciente e escuta essa voz única se dispondo a ter, assim, junto com o paciente, uma experiência pertencente aos dois.

A paixão, assim como o *páthos*, pode ser veículo de cura ou de vício. Acreditamos que haver uma relação a Dois, com o registro da existência do outro é essencial para um desdobramento benéfico do estado de paixão.

O *páthos* pressupõe a existência de um outro além de mim. No dizer de Berlinck (2002, p.9), “um ser autárcico não teria *páthos*”. Somos sempre provocados pela presença ou imagem de algo que nos leva a reagir, em geral de improviso. O *páthos* é o sinal que se vive cotidianamente numa interrelação com o outro.

Pastore (2013) concorda com Berlinck quando refere que *páthos* é sinal de que o outro nos impacta, e dele vivemos em constante dependência. O *páthos* humano designa qualquer emoção da alma despertada pelo outro, isso faz da paixão uma relação intersubjetiva, contrariamente ao estado de apatia.

No nosso entender nem sempre essa intersubjetividade é registrada. Certamente o outro nos impacta e reagimos a esse desequilíbrio causado pela percepção do outro do qual somos diferentes. Porém, esse impacto pode ter como resultado a negação desse outro, fato que pode acontecer na paixão. Esse aspecto será visto mais adiante para dar ênfase à ausência do reconhecimento da alteridade no desdobramento patológico da paixão.

Nosso interesse no momento é apresentar visões de autores atuais que nos permitam manter ou não a aproximação do *páthos* da paixão com a passividade, o sofrimento, a patologia. Vimos que esses três elementos permanecem permeando o *páthos* e também a paixão. No entanto, ainda não conseguimos derivar algo que seja uniforme na paixão, que a caracterize.

Que somos levados por paixões, não se discute, bem como o fato delas serem próprias aos seres humanos. Saber disso é fundamental para se compreender o homem em sua tragicidade, porém, não diz muito sobre a *paixão* em si. Para entender mais a seu respeito, precisamos saber o que é característico dela, o que lhe é particular e *sui generis* e como ela funciona dentro de sua especificidade, não perdendo de vista sua relação com o *pathos*. Visando nos aprofundar no assunto, escolhemos um tipo especial de paixão¹¹: a *paixão amorosa*. Daqui para frente, ao falarmos em paixão, estaremos nos restringindo a essa conotação que descreveremos a seguir.

1.3. A paixão amorosa

Não há porque duvidar que o sentimento de amor e de paixão tenham sempre existido, no entanto, uma referência escrita sobre o amor-paixão só apareceu no Ocidente no século XII, com os poemas dos trovadores. Ele surgiu como uma das repercussões do cristianismo e da doutrina cristã sobre o casamento, visando “educar” as almas nas quais vivia ainda o paganismo. (ROUGEMONT, 1956).

Na Idade Média, a religião católica precisava controlar as demais crenças, muitas delas envolvendo uma maneira liberal de vivenciar a sexualidade. Ao impor o casamento e restringir o sexo a esse sacramento, a Igreja visou dominar o aspecto pagão dos demais credos. Em oposição a esse controle, relata Rougemont (1956), surgiu o amor cortês como uma forma disfarçada de vivenciar o adultério. Esse amor “teve por função social ordenar e purificar as forças anárquicas da paixão” (ROUGEMONT, 1956, p.216).

¹¹ Existem vários tipos de paixão, a paixão pela bebida, a paixão pelo jogo, a paixão pelas drogas, mas nosso objetivo nesse trabalho é a paixão amorosa.

Outra explicação para o surgimento do amor cortês permanece na esfera religiosa. Diz respeito ao maniqueísmo, movimento instalado pelo profeta Manes, do qual se originou uma das mais poderosas entre as primeiras religiões¹². Na Europa foi chamado de catarismo, pois seus seguidores se autodenominavam cátaros, significando “puros”. Por imposição da Igreja Católica, o catarismo foi impedido de ser praticado e reapareceu sob a forma da poesia, rituais e cultos do amor cortês (LINS, 2007).

Uma poesia inteiramente nova, relata Lins (2007), nasceu no sul da França, a pátria do catarismo, nessa poesia havia a celebração da Dama dos pensamentos, a ideia platônica do princípio feminino, o culto do amor contra o casamento e a castidade. Acredita-se que os primeiros cavaleiros e damas que vivenciaram o amor cortês eram cátaros, dando prosseguimento às suas práticas religiosas sob o disfarce de um culto leigo do amor.

Rougemont (1956) nos recorda que o século XII foi a época dos trovadores, representantes por excelência do amor cortês. Eles eram poetas que cantavam versos de amores inacessíveis e infelizes. O que caracterizava esses trovadores era um amor impossível de um vassalo por uma dama comprometida, fadado a não concretização. Era um amor restrito às cortes senhoriais - daí provavelmente seu nome - em oposição ao amor praticado nas vilas.

Este amor dos tempos medievais, iniciado com a nobreza em Provença, foi a primeira manifestação de amor como o conhecemos hoje, no formato de uma relação pessoal. Até então o que havia era o desejo sexual e a busca de satisfação muito diferente do apaixonar-se (LINS, 2007).

O amor cortês era um amor platônico, não tinha por fim o prazer carnal nem a reprodução, mas o sentimento elevado exaltado em versos e prosa (Paz, 2001). Os trovadores viviam e propagavam um amor que a Igreja católica via como heresia¹³, já que fora do casamento. Interessante notar que esse amor do início dos tempos não deixa de trazer a marca de um primeiro amor impossível e interdito que faz parte do início da história de cada um de nós.

¹² Uma das teses do maniqueísmo era que o mundo se constituía de bem e mal absolutos, sendo o espírito bom, mas o mundo físico mau. (LINS, 2007)

¹³ Os Heréticos foram uma seita grandemente perseguida pela igreja católica nesse mesmo período

O amor-paixão das cortes tinha impresso o caráter *páthico*, de sofrimento. Ao que Rougemont (1956) acrescenta:

O amor feliz não tem história. Só existem romances de amor mortal, isto é, do amor ameaçado e condenado pela própria vida. O que exalta o lirismo ocidental não é o prazer dos sentidos nem a paz fecunda do casal. É menos o amor realizado que a paixão de amor. E paixão significa sofrimento. Eis o facto fundamental (ROUGEMONT, 1956, p.13).

Mesmo sendo sofrido, é um sentimento exaltado e admirado, o que lhe dá um caráter paradoxal. Rougemont (1956) chama nossa atenção para o fato da paixão ser vista como um ideal sonhado, como uma catástrofe que se deseja e não como uma doença que se teme. A paixão seria, portanto, um sofrimento que se deseja. Há de se pensar se não estaria aí um indício da patologia na paixão. Sabemos que nem todo sofrimento implica em patologia, mas o desejo pelo sofrer, onde ele é um fim em si mesmo, implica numa dinâmica pouco saudável.

É importante lembrar qual o papel que os próprios apaixonados dão ao seu sofrimento. Algumas pessoas parecem reconhecer melhor sua paixão à medida que mais esta lhes atormenta. Para elas a paixão é proporcional à dor. Esse aspecto é muito bem destacado por Aulagnier (1985) ao afirmar que na paixão prevalece rapidamente o sofrimento, seja pela rejeição do objeto, seja por um medo dessa rejeição. Prevalece o *páthos*. “Não se trata mais de um ‘eu gozo, portanto eu amo’, mas de um ‘eu sofro, portanto eu amo’. Através deste sofrimento o Eu se demonstra o quanto é verdadeiro, indiscutível a necessidade deste prazer” (AULAGNIER, 1985, p.155). Assim como no sentido originário debatido pelos gregos, o conceito de paixão permanece atrelado ao de sofrer, padecer.

Uma compreensão ligeiramente além do seu sentido clássico foi feita por Stendhal (1822). De acordo com Ribeiro (1987, p. 417) foi esse autor quem “consumou a constituição da paixão como amor-paixão”, a partir deste, surgiu um outro sentido de paixão: não tanto o que é afecção da alma, mas o que é genuíno, autêntico e verdadeiro em nós; ou seja, ela não será mais o que vem de fora, mas o que de dentro de nós se revela. Não há uma afecção da alma, mas uma afecção *na* alma. Não se

trata mais de algo externo que afeta o homem e o apassiva; a passividade até permanece, porém vem de dentro. A determinação interna seria retomada pela psicanálise um século mais tarde.

Stendhal (1822) tem uma interessante descrição do que se passaria no nascer da paixão, fenômeno que ele denomina *cristalização*:

Observe-se o trabalho mental de um amoroso durante vinte e quatro horas, e eis o resultado:

Nas minas de sal-gema de Salzbourg, atira-se, nas profundidades abandonadas, um ramo de árvore desfolhado pelo inverno; dois ou três meses depois, retiram-no coberto de cristais brilhantes. Os ramos menores, que não são mais grossos que a perna de um melharuco, estão guarnecidos de uma infinidade de diamantes, móveis e deslumbrantes; impossível reconhecer o ramo primitivo. O que chamo cristalização, é a operação do espírito que, a cada circunstância, descobre no objeto amado novas perfeições (STENDHAL, 1822, p.36).

Pode-se ver muito da idealização nesse processo, especialmente quando pensamos no objeto como algo sem brilho próprio e sobre o qual se acrescenta um atrativo especial que é nele depositado. Não era intenção de Stendhal discorrer sobre o processo psíquico que levaria a esse fenômeno, até porque tal acesso ao inconsciente ainda não existia. Stendhal, na verdade, não parecia ter intenção de qualquer tipo de explicação, segundo seus críticos (Lousada, 1957) seu objetivo era bem mais catártico do que propriamente científico.

1.4. A distinção entre paixão e amor

Como pudemos ver, o amor e a paixão caminham juntos, um especifica o sentido do outro e muitas vezes se confundem. No entanto, não são idênticos.

Alberoni (1992, p.32) é um dos pensadores que nos chama a atenção para isso: “É possível amar duas pessoas ao mesmo tempo? Sem dúvida. Amar uma e enamorar-

se¹⁴ de outra? Sem dúvida. Estar enamorado de duas? Não.(...) Não é possível enamorar-se de dois”.

Barthes (1991, p.119) também enfatiza essa diferença: “Então Zoé pode ao mesmo tempo “amar” e “estar apaixonada”? Esses dois projetos não são considerados diferentes, um nobre e outro mórbido?”

A paixão é arrebatadora, um raio, como dizem os franceses¹⁵, fulminante na vida de quem atinge. Talvez daí seu efeito mórbido. Ela é exigente no quesito exclusividade e dedicação. Birman (1993) fala da ambiguidade entre a paixão e o amor, considerando-os dois pólos excludentes na relação do sujeito com o outro.

Sendo egoísta, o apaixonar-se não permite investimentos outros que não o objeto escolhido. Como diz Alberioni (1988), é tudo ou nada.

É como se conseguíssemos a cada dia tudo aquilo que na vida cotidiana é impensável: um reino, o poder, a felicidade, a glória (...) A polaridade da vida cotidiana está entre a tranquilidade e o desassossego; a do enamoramento, entre o êxtase e o tormento. A vida cotidiana é um eterno purgatório. No enamoramento só existe o paraíso ou o inferno – estamos salvos ou condenados (ALBERONI, 1988, p.29).

Aulagnier (1985) postula que, ao passo que o amor permite diversificar e preservar certo número de destinatários de suas demandas de prazer, embora não-sexuais, a paixão transforma o objeto de prazer em objeto de necessidade, cuja satisfação é vital, impedindo o sujeito de qualquer possibilidade de escolha. O amor pressupõe que o outro seja um objeto privilegiando no registro da libido e do prazer, prossegue a autora, e requer que esse amor não seja o destinatário exclusivo da totalidade das demandas.

Estar com o objeto de paixão é o êxtase, estar sem ele é o insuportável. Para um apaixonado há sempre a tensão da separação. “Na paixão nasce uma força terrível que nos leva à fusão e nos torna insubstituíveis, únicos um para o outro. O ente amado

¹⁴ Alberoni utiliza o termo enamoramento, no entanto, apenas uma vez ele emprega a palavra paixão, no resto de sua obra ele fala em enamoramento num sentido que nos parece o de paixão.

¹⁵ *Coup de foudre*

se converte naquele que não pode ser senão ele”. (ALBERONI, 1988, p.10) Eis o exemplo do diálogo fictício de um apaixonado: “‘Posso ir com você?’ Minha pergunta é uma prova. Se ela responder que não, quer dizer que me afasta para onde eu não possa existir.” (op. cit., p.61).

A paixão é um estado intenso, porém transitório, até existem pessoas que vivem apaixonadas, no entanto o que perdura é o sentimento, não os objetos, estes são cambiáveis. O amor é mais estável, não há o fogo da paixão, talvez por isso não entre em autocombustão. O amor está mais ligado à realidade, a paixão à fantasia.

Em *Elogio ao amor*, o filósofo francês Alain Bandiou (2013, p.27) frisa que o amor trata de uma separação que pode ser percebida na simples diferença entre duas pessoas, com suas subjetividades infinitas, “todo amor propõe uma nova experiência de verdade sobre o que é ser dois, e não um”.

A aceitação da separação não existe na paixão, ela é da ordem do Um, é necessário o apaixonado se sentir fusionado ao objeto para ter uma ilusória sensação de completude. Na medida em que ele projeta seu ideal no outro, esse outro torna-se essencial. Barthes (1991, p.35) nos ajuda a entender a questão nesse pequeno fragmento do discurso de um apaixonado: “me projetei no outro com tal força que, quando ele me falta, não posso me retornar, me recuperar: estou perdido para sempre”.

A consideração das diferenças, o reconhecimento do outro, de um e outro, ao invés de apenas um, diz respeito a uma relação que não a paixão. Fala do amor. O amor é um sentimento mais maduro e ponderado; “nobre” como pontuou Barthes (1991).

Lejarraga (1998) distingue duas teorizações na concepção freudiana do amor, de acordo com dois momentos-chaves no seu arcabouço conceitual: uma concepção narcísica e outra sob o domínio de Eros. A primeira, concebida à época da primeira tópica, diz respeito à escolha de um objeto amoroso único e insubstituível; já na segunda tópica, sob a égide da Pulsão de Vida, Freud inclui tanto o amor entre pais e filhos, como a amizade e laços afetivos em geral. O amor narcísico, com características de exclusividade, seria o relativo à paixão, pontua a autora. O outro, relativo a Eros, apresenta substituições e alteridade.

A autora prossegue deixando mais clara sua ideia sobre amor em termos da metapsicologia. No amor, sob regime do ideal do eu, haveria um investimento privilegiado no objeto amado, o que significa que o objeto ocupa um lugar especial como fonte de prazer. Mas esse privilégio permite outros investimentos, não implicando uma concentração desejante na figura do amado. O amor aponta para o conhecimento do outro, percebendo sua existência como sujeito autônomo, enquanto que na paixão o outro é só imagem especular. O amor atenua a aspiração narcísica, aceitando sua impossibilidade radical e criando outras fontes de prazer (LEJARRAGA, 2003).

Lejarraga (2003) diferencia o amor da paixão sendo o primeiro longamente construído. Inicia-se a desidealização do objeto amado porque esse objeto não é mais promessa de uma felicidade plena. O fascínio perde intensidade porque o objeto perdeu o brilho de representar o ideal sem falhas, mostrando seus limites como garantia de plenitude. O amor é concebido, assim, como contrapartida do modelo do apaixonamento, como uma forma abrandada de aspiração narcísica. O amor pressupõe a mediação e o recalque, a atenuação de um prazer absoluto e mortífero.

Vejamos o que mais a psicanálise trouxe de novo à compreensão do apaixonamento.

1.5. A paixão e a psicanálise

Verliebtheit é o termo em alemão que Freud usa para se referir à paixão amorosa (ROCHA, 2008). Iremos nos deter na tradução desse termo de maneira mais aprofundada no segundo capítulo, pois esta se faz necessária para o propósito de nossa pesquisa.

Por enquanto, adiantaremos brevemente a explicação de Rocha (2008) de que se trata de uma palavra composta pelo prefixo “*ver*”, pelo verbo “*lieben*” (amar) e pela terminação “*heit*”. Rocha (2008) salienta que “*ver*”, enquanto prefixo, indica um desvio ou uma perturbação. Assim, “*Verliebtheit* anuncia uma perturbação no modo de amar. O apaixonado não ama do mesmo modo como normalmente os homens costumam amar. A paixão amorosa é uma forma *sui generis* e toda especial de amor” (ROCHA, 2008, p.111).

Freud não chegou a estabelecer uma distinção explícita entre amor e paixão. Ele falou algumas vezes sobre o amor, especialmente depois da introdução do conceito do Narcisismo (1914) e em três artigos entre 1910 e 1917 com o subtítulo de *Contribuições à psicologia do amor*, porém, nunca privilegiou o estudo desse sentimento. Nas vezes que ele se referia ao amor era mais para enfatizar seu papel numa determinada dinâmica do psiquismo - por exemplo: o complexo de Édipo, o narcisismo, o processo identificatório, a idealização - do que para conceituá-lo.

Birman (1993) justifica que a paixão nunca se transformou em conceito básico do saber psicanalítico porque ela é condição mesma de possibilidade da totalidade desse discurso. Segundo o autor, é em torno do ser da paixão que a psicanálise se estrutura como experiência e como saber.

O ponto de vista de Birman (1993) nos faz lembrar o conceito de desmedida e passividade introduzido pelos gregos. A desmedida pulsional, a quota de afeto que extrapola a capacidade psíquica de elaboração, acarreta no sofrimento do sujeito, que levado pela angústia, busca a via da palavra no processo analítico como possibilidade de descarga e resignificação de seus investimentos. Lembramos mais uma vez que o sujeito é também apassivado pelo inconsciente e pelas demandas pulsionais.

Voltando ao conceito de paixão, há um texto que podemos considerar emblemático para a sua compreensão – o capítulo *Estar amando e hipnose de Psicologia de grupo e análise do ego* (1921). Nele, Freud utiliza o termo *amor*¹⁶, no entanto o equipara à “fascinação” e “servidão”, o que nos faz pensar em algo mais próximo à paixão amorosa do que ao amor propriamente dito. Neste trabalho, ele explica que o objeto de amor é colocado no lugar do Ideal do Ego do sujeito. O ego “empobreceu-se, entregou-se ao objeto, substituiu o seu constituinte mais importante pelo objeto” (FREUD, 1921, p.144). Idealização, apagamento das diferenças, ausência de separação, enfim, tentativa de retorno ao estado narcísico primário são os elementos invocados por Freud quando fala da paixão.

A paixão é uma forma de amor que exige exclusividade, fusão e controle.

¹⁶ Rocha considera “paixão amorosa” a melhor tradução para o termo alemão empregado por Freud, *Verliebtheit*. (informação provinda de email pessoal enviado em maio de dois mil e dezesseis).

Como substituto do Ego Ideal, o objeto da paixão amorosa é um objeto sumamente idealizado. Em última análise, ele poderia ser identificado ao objeto perdido da experiência de satisfação originária, que, ilusoriamente, era suposto poder satisfazer o desejo, da mesma maneira como a necessidade biológica pode e deve ser satisfeita para que a vida se torne possível. Diante da idealização do objeto da paixão amorosa, o *desejo* transforma-se em verdadeira *necessidade* (ROCHA, 2008, p.114).

Rocha (2008) explica que o apaixonado projeta sobre o objeto de sua paixão as idealizações narcísicas de sua infância e tem a ilusão de que ele contém tudo o que lhe falta, por isso pode preencher seu vazio, que é constituinte de nossa existência e impossível de ser eliminado. A ilusão da completude narcísica alimenta a paixão.

Para Baranger (1994) o apaixonamento implica uma participação considerável da libido narcísica que foi depositada no objeto como condição de sua gratificação, para isso, o amor do objeto em relação ao sujeito se torna imprescindível para o narcisismo deste.

Bauman (2004, p.33) escreve que “no brilho ofuscante da pessoa escolhida, minha própria incandescência encontra seu reflexo resplandecente. Ele aumenta, confirma e endossa a minha glória, levando consigo, aonde quer que vá, notícias e provas dela”.

Podemos perceber o valor narcísico que é depositado na pessoa eleita. Porém, por ser um atributo ligado ao narcisismo de quem se apaixonou, é provável que a pessoa investida pela paixão não seja vista como um ser com vida própria, ela é um receptáculo de uma perfeição. Perfeição esta que só tem chances de se sustentar por meio da ilusão e, também, por meio da “desumanização” do outro, da negação da sua porção subjetiva, para assim, mais ainda, recusar a admitir-lhe a falta. Afinal, ser faltoso é inerente ao humano.

A tentativa de fusão com o objeto demonstra o quão pouco ele é visto como sujeito, mas meramente como um reservatório de ilusões infantis, uma coisa que ele pode carregar para onde e quando for, como se refere Bauman (2004).

Na concepção de Haddad (2011) quando o amor bate à porta sem avisar e sua presença se impõe prescindindo de definições prévias, está-se diante da paixão, que,

para ela, é o auge do sentimento de amor. A experiência da paixão é a de um amor ideal: pomos o eleito no lugar do nosso próprio eu idealizado e não podemos mais distingui-lo de nós mesmos, a fronteira entre um e outro ameaça desaparecer.

Os apaixonados, contra todas as evidências, sentem-se formando uma só pessoa, apagam-se as diferenças e tem-se a sensação de nada faltar, numa captura narcísica inconsciente. Não só temos a convicção de que o outro pode sanar a nossa falta, como também a de que nós temos aquilo que lhe falta.

O mito do andrógino que Platão relata na voz de Aristófanes¹⁷ ilustra bem o que se passa no imaginário do apaixonado: a partir do momento que ele encontra “sua outra metade” ele forma um todo indivisível com o objeto, tornando-se uma única pessoa, onde as separações e diferenças são eliminadas. Evita-se o reconhecimento do hiato entre eu e o outro que faz com que eu me lembre da minha incompletude e reviva o caminho da frustração diante da insuficiência. A perda da ilusão narcísica pode ser irreparável para egos fragilizados.

Quando Lacan escreve “amar é dar aquilo que não se tem” instaura o amor no campo da falta (LACAN, 1960-61/1992). Castelo Branco (2014), referindo-se a esta frase de Lacan acrescenta que o amor transforma aquele que ama em alguém que direciona sua falta ao Outro, isto é, o amante projeta, sobre o outro (amado), sua falta. Nota-se que o autor fala em projetar uma *falta* e não aquela *perfeição* ilusória invocada pelo ego ideal na paixão.

Castelo Branco (2014, p.88) prossegue sobre a afirmativa lacaniana refletindo que

a relação amorosa transmite uma incompletude que é colmatada pela promessa de união que o próprio amor oferece. Amar é oferecer em exposição à falta que o marca, é dar uma ausência que pede, ou melhor, demanda... demanda que é sempre, por definição, demanda de amor.

É preciso o sujeito reconhecer-se como ser incompleto, castrado, para assim buscar na outra pessoa um ser em si, não algo que funcione como artifício para escamotear a castração, como um depositário de projeções ideais, um substituto do

¹⁷ Em *O Banquete*

narcisismo perdido da infância. O reconhecimento da castração exige maturidade psíquica, pressupõe ter-se aberto mão de satisfações imediatas, em prol da realidade.

Bauman (2004, p.17) tem uma afirmação que soa mais como uma advertência do que uma simples observação, ele diz que “chegado o momento, o amor e a morte atacarão – mas não se tem a mínima ideia de quando isso acontecerá. Quando acontecer, vai pegar você desprevenido”. Pensamos que ele está se referindo a duas analogias possíveis entre amor e morte. Uma delas é a morte de Narciso, cujo amor é tão autorreferente que o mata para o mundo de investimentos outros até levar à morte completa; a outra vai na direção oposta, onde a morte em questão é a da esperança de uma plenitude narcísica – porém, inatingível – e a aceitação da carência de um outro; com a morte da ilusão, nasce a possibilidade de amor “real” e “realizável”.

O amor se relaciona ao objeto e a paixão ao ego, distingue Growald (1997), mesmo que ambos inscrevam-se na esfera do prazer. A paixão seria um sentimento quase que regido exclusivamente pelo princípio do prazer, numa manifestação patológica de intolerância à realidade, ao passo que no amor, ao admitir o objeto, se faria presente o princípio da realidade.

O amor é a vontade de cuidar e de preservar o objeto amado, “amar diz respeito a auto sobrevivência através da alteridade” (BAUMAN, 2004, p.24). O amor requer reconhecer a *alteridade*, reconhecer que existe outro, igualmente faltoso cujas imperfeições sobreviverão às frustrações pertinentes à qualquer relação. “O objeto nasce do ódio” revela Freud (1915), esse ódio remete ao reconhecimento do sujeito de que ele não é autossuficiente e, portanto precisa de outros que satisfaçam suas necessidades, e, mais ainda, realizem seus desejos. Amar é reconhecer a falta, a paixão envolve negá-la.

É difícil manter a negação indefinidamente, também o é manter a paixão, “na paixão amorosa, nunca se chega ao lugar sonhado e, quando se pensa que se chega, a experiência termina.” (Rocha, 2008, p.114). Possivelmente por isso Rougemont (1956, p.249) afirme que “a paixão e o casamento são, por essência, incompatíveis”. Ao ser regrada, controlada, *realizada*¹⁸, a paixão se perde e termina. Ela está mais para “um eterno buscar” do que “um dia encontrar”.

¹⁸ Estamos aqui fazendo prevalecer a imposição da realidade, mais que da realização.

Encontro é de Dois, paixão é de Um. A paixão fala da infantilidade do ser. Não podemos nos esquecer de que o primeiro objeto de amor-paixão¹⁹ investido pela criança é um objeto perdido, eternamente buscado e para sempre inalcançável. É o amor cortês que todos trazemos em nós enquanto pequeninos trovadores.

Ao apresentarmos a visão de diversos autores, percebemos que eles não deixam clara a distinção entre amor, paixão, e outras denominações afins. Aulagnier (1985) utiliza o termo *amor* mesmo quando privilegia o sofrimento; Rougemont (1956) fala em *amor de paixão*, o que deixa dúvida se ele está falando do amor ou da paixão; Alberoni (1988) denomina *enamoramento* ao se referir ao “tudo ou nada”, que Rocha (2008) também aborda, porém, discorrendo sobre a *paixão amorosa*; Haddad (2011) diz que *paixão* é o *amor* que veio sem avisar, usando ambos como sinônimos; já Freud (1921) usa a palavra *amor*²⁰, mas fala de fascinação e servidão, o que aponta na direção da paixão.

No nosso entender, paixão não é o auge do amor, como pretende Haddad (2011), a primeira não é o excesso do segundo, trata-se de dinâmicas particulares. Não pensamos que ela seja necessariamente o primeiro passo para o amor, como diz Alberoni (1988) ao se referir ao estado nascente. A paixão, acreditamos, tem um ciclo único que traz intrínseco uma impossibilidade e um fim necessário.

Mesmo que o amor venha após um período de apaixonamento, não significa que ele tenha vindo na progressão da paixão, como se fossem dois extremos de um *continuum*. Amor não é consequência de paixão, ao menos, não no sentido de causa e efeito.

Pode ocorrer da paixão dar lugar ao amor, mas não acreditamos que isso se dê por uma mudança quantitativa, mas qualitativa, como salienta Aulagnier (1985). Ambos têm características próprias e diferentes. Nesse ponto, concordamos parcialmente com Alberoni (1988), mudando ligeiramente sua conclusão: quando tudo corre bem, da paixão *nasce* o amor²¹.

Compartilhamos da ideia de cristalização de Stendhal (1822), porém aplicável à paixão, cuja distância do real é maior e o peso da idealização é decisivo. Por isso

¹⁹ Amor libidinal, além do amor ternura.

²⁰ Ao menos na sua tradução para o português da *Standard Edition*

²¹ A frase original é: “Quando tudo corre bem, o enamorar-se termina no amor” (ALBERONI, 1988, p.37).

endossamos a posição de Bandiou (2013) que defende que o amor trata das diferenças, é da ordem do Dois; como salientou Lacan (1960-61, 1992) é um dar o que não se tem, é dar o reconhecimento da própria falta, é poder aceitar as diferenças, e ser capaz de se relacionar de forma psiquicamente amadurecida.

A paixão fala do infantil, ela está atrelada à ilusão do narcisismo primário, como bem explicam Freud (1914, 1921) e Rocha (2008). Por isso também concordamos com Bauman (2004) ao ressaltar que no amor há a alteridade, na paixão essa é negada, configurando uma característica peculiar a ela.

Não há como fugir do fim da paixão, inclusive, é preciso que ela chegue ao fim para que a pessoa não fique refém de uma fantasia, é necessário o luto da ilusão narcisicamente investida para no seu lugar poder ser colocado um verdadeiro e real objeto, que em alguns casos, será nada menos que o antigo objeto sob um novo olhar.

Colocadas as posições de alguns autores, continua a pergunta: como entender melhor a paixão? O que lhe é específico? O sofrimento? À medida que paixão deriva do mesmo radical que patologia, podemos supor que sempre haja algo de doentio na sua essência²²? Faz sentido se falar em paixão patológica ou é mera redundância? Em havendo uma diferença, o que distinguiria a paixão patológica da paixão não patológica? Mais ainda: o que é patológico e o que é normal?

1.6. Patologia em Psicanálise

A noção de normalidade é cada vez mais difícil de definir, afirma Lemaire (1986), em grande parte por causa dos diferentes conceitos que orientam as investigações em psicopatologia e que trazem constantemente formas inovadoras que favorecem a descoberta de novas perturbações. Antigamente, reflete o psicanalista francês, a psiquiatria tradicional lidava com quadros já definidos, pois se deparava com a evolução terminal da doença mental ou com sua cronicidade. Não havia chance de observar as etapas iniciais da patologia, menos ainda de modificá-las.

O autor destaca que o uso de mecanismos psíquicos arcaicos não responde pela patologia do sujeito. O que ele destaca para caracterizar a patologia é a

²² Nesse caso estamos nos detendo especialmente no caráter de *doença* atribuído à palavra *páthos*.

impossibilidade da pessoa funcionar de outros modos que não apenas aquele mais regredido.

No que diz respeito a esse tema, Bergeret (1988) define que o verdadeiro “sadio” é um sujeito que tem tantos conflitos quanto qualquer outra pessoa, mas não encontrou dificuldades internas ou externas superiores à sua capacidade de defesa ou adaptação; um sujeito cujas pulsões têm flexibilidade, bem como seus processos primários e secundários; que leve em consideração a realidade e possa ter um comportamento aparentemente aberrante em circunstâncias excepcionalmente “anormais”.

O autor tem parâmetros amplos, mas percebe-se a ideia de que o conflito é inerente a todos, e que a maneira que se irá lidar com ele caracterizará uma atitude mais saudável ou não. Também nos chama a atenção o caráter de *flexibilidade* pulsional na sua definição, bem como, ou conseqüentemente, a permutação adequada dos processos psíquicos primários e secundários e, finalmente, o papel da aceitação da realidade.

No seu livro, Bergeret discorre sobre a patologia nas diversas estruturas psíquicas. Entendemos que a paixão não tem uma estrutura psíquica própria, ela tem formas de investimentos e defesas particulares nas quais entra em jogo a capacidade de flexibilidade da pulsão e o intercâmbio de objetos.

Tal flexibilidade necessária para o equilíbrio na economia psíquica é o aspecto preponderante no que caracteriza a descompensação para Bergeret (1988, nota de rodapé, p.42): “A “descompensação” corresponde, para mim, à ruptura do equilíbrio original que pôde se estabelecer em tal arranjo particular, no seio de uma estrutura estável de base, entre investimentos narcísicos e objetais”.

De acordo com Aulagnier (1985), a neurose se separa da normalidade não em função do potencial para o conflito, mas pela intensidade ou eventual cronicidade do mesmo.

O equilíbrio como característica da normalidade já era destacado desde a antiguidade, Canguilhem (2009/1966) pontua que na medicina hipocrática, era justamente a perturbação do equilíbrio natural ao homem que caracterizaria a doença.

Comte (1828²³, apud CANGUILHEM, 2009/1966) compactuava com essa noção de Hipócrates. O pai do positivismo transformou em axioma geral a concepção nosológica de Broussais (1822-1823²⁴) a qual afirmava que todas as doenças consistiam, basicamente, "no excesso ou falta de excitação dos diversos tecidos abaixo ou acima do grau que constitui o estado normal" (Broussais, 1822-1823, apud CANGUILHEM, 2009/1966, p.17). Para ele as doenças eram o efeito de mudanças de intensidade na ação dos estimulantes indispensáveis à conservação da saúde.

Canguilhem (2009/1966, p.20) demonstra como as palavras empregadas por Broussais e Comte evidenciam seu caráter qualitativo e normativo, tais como deteriorar, alterar, etc. Segundo Canguilhem:

É em relação a uma medida considerada válida e desejável – e, portanto, em relação a uma norma – que há excesso ou falta. Definir o anormal por meio do que é de mais ou de menos é reconhecer o caráter normativo do estado dito normal. Esse estado normal ou fisiológico deixa de ser apenas uma disposição detectável e explicável como um fato, para ser a manifestação do apego a algum valor.

O autor enfatiza o aspecto normativo para determinar o que seria patológico, dando ao mesmo um estatuto valorativo, comparando o estado do paciente com o que se esperava que fosse o normal.

Ele vai defender a tese de que a norma é, antes de tudo, uma norma individual; e o normal, um julgamento de valor, não de realidade. “Em última análise, são os doentes que geralmente julgam – de pontos de vista muito variados – se não são mais normais ou se voltaram a sê-lo” (CANGUILHEM, 2009/1966 p.45).

Nota-se uma proximidade entre as posições de singularidade para Canguilhem e Freud. Há também um ponto de conexão entre as visões de Comte e Broussais e aquela adotada por Freud desde o início da Psicanálise referente à homeostase

²³COMTE, A. Examen du Traité de Broussais sur l'irritation, 1828, apêndice ao *Système de politique positive* (cf. 28), t. IV, p. 216.

²⁴BROUSSAIS, F.-J.-V. *Traité de physiologie appliquée à la pathologie*, v.2, Paris: Mlle Delaunay, 1822-1823.

psíquica. Sabemos o quanto eles seguiam princípios distintos e percorreram trajetórias diversas, mas não podemos deixar de notar como a vontade de Freud em transformar sua criação numa ciência da Natureza o fez ser influenciado por noções positivistas.

Entretanto, Freud foi se distanciando do positivismo que marcou seus primeiros escritos, ao enfatizar a singularidade de cada um. Mesmo a ideia de homeostase freudiana se refere a uma homeostase única para cada sujeito, sendo impossível qualquer tentativa de padronizar uma mensuração, como proposto pelo saber positivista.

Rodrigues Silva (2012) chama a atenção para esse aspecto particular do conceito homeostático em Freud ao enfatizar que na teoria freudiana a homeostase se refere a um equilíbrio único e peculiar a cada sujeito, sendo impossível qualquer tentativa de padronizar uma mensuração, como propôs o saber positivista.

O equilíbrio do aparelho anímico sempre foi um conceito caro a Freud. Mesmo que as forças envolvidas no conflito tenham mudado ao longo de sua teorização, manteve-se a ideia de dualidade pulsional e a necessidade de haver uma homeostase no aparelho psíquico, já que o aumento de tensão acarretaria o desprazer e, posteriormente, de acordo com sua última tópica, a desfusão da pulsão de morte poderia levar à morte psíquica e mesmo física.

Quanto à noção do que seria necessário para ser considerado psicopatológico, Freud nunca dedicou nenhum artigo específico ao assunto, mas deu indícios do que pensava em alguns trechos de sua obra.

No início, na Comunicação Preliminar (1893), ele define que a patologia se dá quando há um desequilíbrio na economia psíquica, quando uma quota de excitação não é adequadamente descarregada, gerando seu acúmulo. Daí surge o conceito de ab-reação e seu efeito catártico. Atingir a homeostase era a tarefa do aparelho anímico para não incorrer numa neurose. Não podemos deixar de pensar no sentido de excesso e desmedida da *hybris* para os gregos, na desmedida que leva ao *páthos*.

Nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905, p.156), ao falar das perversões, ele esclarece que a condição geral para as variações do instinto sexual se transformem numa “aberração patológica” é que a perversão tenha características de

exclusividade e fixação, e que tenha apenas um *único* objeto de investimento. Aqui já vemos o acréscimo da fixidez e ausência de maleabilidade.

Em outro momento (*Conferências Introdutórias sobre Psicanálise*, 1917, p.419), ele destaca que os sintomas da doença psíquica são “atos, prejudiciais, ou, pelo menos inúteis à vida da pessoa, que por vezes, deles se queixa como sendo indesejados ou causadores de desprazer ou sofrimento”.

Podemos dizer que as características enfatizadas por Freud para focar a patologia seria o desequilíbrio do aparelho psíquico, a rigidez, a fixação, o sofrimento.

Chiland (1990) inicia a abordagem ao tema da normalidade em psicanálise ressaltando que todas as reflexões sobre o assunto têm um caráter de aporia, nos mostrando com isso a dificuldade de solução para essa questão. Mesmo com toda dificuldade, explica a autora, tal necessidade de definir a normalidade ou a patologia se faz constantemente presente na prática clínica à medida que o analista precise decidir se deve começar, não começar ou encerrar um tratamento.

Ela menciona a visão de normalidade para os psicanalistas americanos que a atrelam a uma escala de valores que passam pelo conformismo social, situação a qual ela chama de “pecado capital” para os analistas franceses. Se a análise adapta alguma coisa, segundo a autora, “não seria nada além do que o sujeito a si próprio”²⁵ (CHILAND, 1990, p. 24), uma vez que ela se propõe a liberar as forças reprimidas do sujeito e não encerrá-las numa camisa de força de normas sociais.

A normalidade, prossegue a autora, se apresenta num duplo sentido: como constatação de características mais frequentemente encontradas e como proposição de um ideal sempre perseguido, jamais atingido.

Chiland (1990) comenta sobre a proposição de Canguilhem ([1943], 2009), dizendo que o psicanalista poderia dela se sentir eximido, uma vez que tal proposição concerne à consciência e não ao inconsciente. Mesmo assim, ela não se exime. Ela diz que o que Canguilhem ([1943], 2009) considera normatividade corresponde a algo que está no cerne da psicanálise: o sujeito é um criador de normas. Ele é normal desde que seja normativo, que possa instaurar novas normas de funcionamento para fazer frente às mudanças internas e externas.

²⁵ Tradução livre

“Ele está doente, patológico (ele sofre) quando ele é limitado a um só regime ou registro de funcionamento, além daquele que o colocou em perigo, não dispondo de outra coisa que não ‘uma reação catastrófica’” (CHILAND, 1990, p. 24). Para Canguilhem ([1943], 2009), frisa a autora, a normatividade é uma sensação que apenas o sujeito, e não o observador, pode ter. É o sujeito que se queixa de estar doente ou de não estar normal. Ou seja, é uma questão primordialmente subjetiva.

Parece-nos que Chiland (1990) está se referindo aos neuróticos, uma vez que os psicóticos ou mesmo perversos e psicopatas não têm essa visão deles próprios como doentes, mesmo assim neles está presente uma patologia.

Chiland (1990), então, remete a questão da normalidade para o campo psicanalítico: o que se pode considerar normal nesse contexto? Ela questiona como se pode dizer que uma sexualidade é normal. Do ponto de vista de quem? A partir desse prisma introduz a ideia de que o sujeito parece encarnar a normalidade dentro de um movimento de idealização ou de identificação projetiva, onde somente as partes boas do sujeito são projetadas.

Ao invés de se ater a critérios de normalidade, a pergunta que o analista deve se fazer é se “com a técnica psicanalítica, ele pode ou não permitir ao paciente ser mais satisfeito com ele mesmo, e de manter as relações mais satisfatórias, se livrando da imposição de seus fantasmas, e do domínio imaginário ou real de outros” (CHILAND, 1990, p. 27).

A autora ressalta que Freud não quis opor o normal ao patológico, se recusando a aceitar a existência de uma normalidade total. Para ele não havia diferença qualitativa, mas quantitativa entre ambos.

Ferenczi (1910/1991) também pontuava que não existe uma diferença fundamental entre a “normalidade” e a patologia para a doutrina psicanalítica, que as neuroses não possuem um conteúdo psíquico característico, exclusivo e específico. O autor defende que as doenças dos neuróticos são provocadas pelos mesmos complexos com que todos nos defrontamos. O diferencial para a patologia situa-se no plano quantitativo e prático, no quanto de energia se desperdiça na manutenção de determinado sintoma.

Leriche (1936), mesmo sendo no campo da medicina, trouxe uma ideia que nos parece sintetizar o que a psicanálise pensava como o patológico: a "doença é aquilo que perturba os homens no exercício normal de sua vida e em suas ocupações e, sobretudo, aquilo que os faz sofrer" (apud CANGUILHEM, 2009/1966, p.36).

1.7. O *pathológico* da paixão

Voltamos ao sofrimento da paixão. A paixão faz sofrer e é seu aspecto "sofrido" o que mais a caracteriza até o presente momento. Mesmo na paixão correspondida há o sofrimento, nos breves momentos que sejam, quando os apaixonados se separam. Cada despedida é um tormento a ser adiado, ou, ao menos, driblado da melhor forma possível. A iminência da separação é um temor que acompanha todo sentimento passional.

Gori (2004) pontua que o apaixonado tenta sempre precaver-se de um abandono, que já tendo ocorrido, inscreveu-se nele. Isso nos faz pensar que se todo encontro com o objeto é na verdade um reencontro, então, todo sentimento pela perda do objeto é, de fato um ressentimento. Sofre-se pela separação do objeto atual, mas, mais ainda, pelo objeto do passado cujo reencontro é revivido a cada nova relação. Sofre-se, portanto, pela dor original diante do abandono que nunca foi suficientemente elaborado.

O sofrimento da paixão, escreve Gori (2006, p.126), reclama incessantemente a realização de uma promessa, embora delirante, da "presença absoluta". Para o autor, o apaixonado se desdobra na busca do sentimento de continuidade com o ser amado. A paixão é sofrimento pois coloca o ser numa procura de um impossível, aquele da "presença absoluta".

Conforme foi visto, o sofrimento, assim como o excesso, são indicativos de patologia desde Hipócrates, passando por Comte e chegando a Freud. Ambos estão presentes na paixão. Ela em si é desmedida, *hybris*. Um estado *pathológico*, se visto desta perspectiva. No entanto, também pode ser entendida num outro contexto de *páthos*, aquele que "traz consigo possibilidades e problemas mais amplos que o sentido de doença" (MARTINS, 2000, p.66), o *páthos* passional.

Remetendo à distinção feita por Lebrun (1987) a paixão é sempre *passional*, mas nem sempre *patológica*. Ela passa a ser patológica quando, além de comprometer a plasticidade da pulsão e ser da ordem da desmesura, ela traz um sofrimento do qual o sujeito não consegue se livrar, como pontuou Freud ao definir a patologia. Esse é o caso quando a paixão deixa de trazer prazer para ser primordialmente fonte de desprazer, ou impede outras formas de investimentos saudáveis, impossibilitando novas ligações libidinais levando a um estado de morte psíquica

Prejuízo de maleabilidade pulsional, desmedida, quebra do equilíbrio psíquico, prevalência de Tântos sobre Eros, sofrimento maior que o prazer, fixação, quebra significativa com a realidade são alguns critérios utilizados pela psicanálise para designar a patologia, todos eles presentes na paixão.

Podemos imaginar a paixão como o “*Phármakon*” platônico, “uma “não-substância farmacêutica” paradoxal, ao mesmo tempo veneno e remédio” (Derrida, apud BENTO, 2006, p. 192). Pode-se usar a *paixão* para ampliar horizontes, para entrar mais em contato consigo mesmo, ou então, pelo contrário, é possível que ela se restrinja a sofrimento e dor sem uma saída criativa. Morte ou vida, veneno ou remédio.

Martins (2000, p.75) nos lembra que “tudo o que possa ser descrito como sendo *páthos* pertence ao ser humano, sendo o adoecer uma das possibilidades de destino possível desse mesmo Ser”. A patologia é *um* dos destinos da paixão.

Não é porque a paixão traga inerente a desmedida que ela não possa ter uma normalidade. Ou melhor dizendo, a paixão é normalmente “anormal”, ela tem suas normas, mesmo que o excesso seja o ponto de partida. Paixão nem sempre será uma doença. Paixão não é o mesmo que paixão patológica, mesmo que ambas compartilhem dinâmicas semelhantes. Há uma patologia quando ela vai cronicamente para além do prazer e quando o sujeito não consegue dela se livrar apesar dos prejuízos que lhe traz. Ele às vezes sequer acha necessário esse tipo de liberdade.

Algo parecido com o que Bento (2007) entende como

“paixão amorosa tóxica”, proposta enquanto tradução portuguesa da expressão francesa: *passion amoureuse*, acrescida do adjetivo “tóxica”, e que remeterá à dependência específica existente no investimento afetivo de uma pessoa

enamorada por outra, com *obsessão, excesso e exclusividade* (BENTO, 2007, p.92, o itálico é nosso).

A priori podemos deduzir que quando ela é um estado transitório, uma loucura passageira, como dizem os poetas, ela é natural, saudável, corriqueira, *passional*; quando ela estanca, não deixa espaço para o luto da desilusão, vindo a se tornar uma obsessão, há de se pensar numa *patologia*. Quando o descompasso entre investimento narcísico e objetal, como escreveu de Bergeret, torna-se permanente, há grande indício de uma relação patológica.

Rocha nos traz uma ideia inteiramente nova que nos faz questionar ainda mais a paixão (informação verbal)²⁶. Ele lembra que Freud dizia haver algo de patológico no Inconsciente, exemplificando com o caso do sonho, sendo este, uma psicose passageira e a psicose um sonho que não se acaba. Rocha questiona se o mesmo não se passa com a paixão, se assim como o sonho, que é um fenômeno da vida normal, mas tem seu aspecto doentio, a paixão também não tenha algo em si que “naturalmente” a torna fixa como patologia em nossa vida psíquica e cotidiana (Informação verbal).²⁷

Pensamos que talvez possa ser seu aspecto mais regredido, tão primitivo que tem menos chance de ser elaborado, e acaba por criar uma hipercatexia (desmedida) difícil de ser descarregada, originando sempre um ponto de fixação. É possível que esteja aí a “normal anormalidade” da paixão, tendo não só o excesso, a *hybris*, mas também a fixação como seu ponto de partida. Nesse caso ela seria sempre uma doença que se instala desde sua instauração e que alguns conseguem se “curar” outros não.

Freud (1932, p. 98) pontifica que “o id significa as paixões indomadas”. Nessa falta de domínio pode recair o patológico, naquilo que sempre virá como um excesso, que nos tirará do nosso eixo, nos levando a funcionar de um modo mais primário, alheio o máximo possível à realidade.

²⁶ Comentário feito por Rocha, Z. na banca prévia realizada em Recife em vinte e dois de fevereiro de dois mil e dezesseis.

²⁷ Comentário feito por Rocha, Z. na banca prévia realizada em Recife em vinte e dois de fevereiro de dois mil e dezesseis.

A paixão sempre parte de uma desmedida, uma fixação, uma certeza de frustração, ela tem seu início no próprio *páthos*. Assim como falamos de amor patológico, podemos falar de paixão patológica quando há um aprisionamento nesse estado “naturalmente anormal” que lhe é peculiar. Amor patológico não é paixão, ambos têm dinâmicas próprias e não se reduzem ao aspecto econômico do aparelho psíquico. Mas ambos podem ter como fim o adoecimento.

Lemaire (1986) deixa claro que a cisão do objeto e sua idealização – tão importantes no momento da instauração do laço amoroso – não são patológicas em si, mas, ao contrário, se torna patológico quando há a impossibilidade de recorrer, mais adiante a outros tipos de funcionamento. O que parece patológico para esse autor é a incapacidade de se ter acesso a uma relação *ambivalente*. Ao outro é negada uma parte desfavorável, para ficar apenas com a parte agradável do sujeito e assim garantir apenas gratificação de sua parte.

Concordamos com Aulagnier (1985, p.154) ao afirmar que “a paixão não tem o sentido de excesso de amor, posto que não se refere a uma diferença quantitativa, mas sim qualitativa”. É uma relação diferente não apenas na ordem da economia psíquica, mas na forma do investimento libidinal como um todo, inclusive em seu aspecto topográfico e dinâmico.

Pelo que foi visto na literatura até aqui, começamos a pensar em três²⁸ tipos de paixão levando em consideração o reconhecimento da alteridade, a maleabilidade pulsional, a flexibilidade de investimento:

- paixão enamoramento – aquela que antecede o surgimento do amor
- paixão arrebatamento – aquela que entra em combustão e se consome, terminando em separação.
- paixão patológica – aquela com características mais marcadamente compulsivas e onde prevalece a fixidez e o sofrimento.

²⁸ Andrade Lima Filho levanta a pertinente questão da paixão ser tão paradoxal que tenha algo de inapreensível e, conseqüentemente, inominável (Informação verbal – comentário feito na banca prévia realizada em Recife em vinte e dois de fevereiro de dois mil e dezesseis). Esse ponto de vista nos parece muito apropriado, mas não nos debruçaremos sobre ele, uma vez que estamos buscando palavras e conceitos para nos aproximarmos da paixão. A ideia dela como um paradoxo inapreensível não será descartada por parecer improvável, apenas nos desviaremos dela para termos mais esperança para a caminhada.

Essas primeiras considerações serão objeto de estudo mais detalhado nos próximos capítulos. O papel das instâncias ideais; os investimentos da pulsão: libidinais e tanáticos, objetais e narcísicos; o reconhecimento da alteridade, a fixidez, dentre outros conceitos serão aprofundados a seguir para nos ajudar a entender as peculiaridades do apaixonamento.

2. OS IDEAIS DA PAIXÃO

Vimos no capítulo anterior o significado da palavra paixão a partir de sua etimologia na Grécia Clássica e seu sentido nos dias atuais. Demarcamos nosso foco de estudo na esfera da paixão amorosa, estabelecendo uma distinção entre paixão e amor. Privilegiamos sua concepção para a psicanálise, que será a abordagem utilizada para pesquisar a paixão amorosa.

Neste capítulo, iremos sublinhar o papel das instâncias ideais no apaixonamento, fazendo uma diferenciação entre o Ego Ideal e o Ideal do Ego. Iniciaremos com uma pesquisa da tradução da palavra alemã *Verliebtheit* (paixão), uma vez que foi o termo utilizado por Freud ao tratar da função do ideal na paixão.

2.1. *Verliebtheit* (paixão)

Freud utiliza o termo alemão *Verliebtheit* para falar do estado amoroso. Na edição das suas obras em português foi escolhida a palavra *amor* para traduzir o termo original. Alguns autores como Birman (1993), Lejarraga (1998), Haddad (2011) e Rocha (2008) usam a palavra *paixão* quando se referem à *Verliebtheit*.

Rocha (2008) explica porque prefere o termo “paixão amorosa”:

na língua germânica o prefixo *ver* indica um desvio, uma perturbação, *lieben* significa amar e *heit* é um sufixo próprio dos substantivos femininos, assim esse termo anuncia uma perturbação no modo de amar. O apaixonado não ama do mesmo modo como normalmente os homens costumam amar (ROCHA, 2008, pg.111).

Pesquisamos a tradução da palavra em textos chaves onde Freud tratou da metapsicologia do estado amoroso para compreendermos melhor qual era a ideia por trás do termo.

A versão pesquisada em português foi, essencialmente, a *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (ESB)* da Imago, mas recorreremos a outra edição para o texto sobre o estar amando e sua relação com a hipnose, tendo em vista haver discrepâncias maiores na tradução desse artigo.

A escolha da *ESB* se deveu ao fato desta ser a primeira edição feita no nosso idioma e a única, até o presente momento, que traduziu todos os volumes da obra. Os textos em alemão usados para comparação foram versões digitais da *Gesammelte Werke*.

Como frisamos no capítulo anterior, Freud não se debruçou especificamente sobre o estudo da paixão ou do amor. Há, porém, um capítulo de *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921), intitulado *Estar amando e hipnose*, que ele examina mais profundamente a dinâmica envolvida no amor visando entender os fenômenos grupais. Neste texto, ele infere que quando estamos amando, tratamos a pessoa escolhida da mesma maneira como tratamos nosso próprio ego, ou seja, uma quantidade considerável de libido narcísica transborda para o objeto.

Na versão brasileira, a passagem acima emprega *estar amando* para traduzir o termo original *Verliebtheit*²⁹, porém, notamos que o equipara à fascinação e servidão, algo que se mostra bem mais próximo à paixão que ao amor.

No decorrer do artigo a palavra alemã é sempre traduzida por *estar amando*; ao passo que quando a palavra *Liebe* é usada, sua tradução se dá para *amor*. Em um único momento, que fala do amor adolescente, é utilizado o termo *paixão sentimental*, no entanto, no original não se encontra a palavra *Verliebtheit*, mas *schwärmerischen Liebe*, que, segundo o dicionário *Michaelis* (2009) significa *amor entusiasmado* e de acordo com o dicionário *Langenscheidt* (2015), amor entusiástico.

Interessante notar que quando encontramos a palavra *paixão* em nossa tradução (no contexto de paixão adolescente), o próprio Freud escolhera outro substantivo, o *schwärmerischen Liebe* que frisa o arroubo e entusiasmo do amor. Nas demais passagens do artigo, onde havia *Verliebtheit*, os tradutores escolheram a locução verbal *estar amando* e onde havia *Liebe*, deixaram a palavra *amor*. Não houve um cuidado maior na tradução com a distinção dos termos relativos ao sentimento amoroso: *Liebe* (amor) e *Verliebtheit* (paixão).

Estar amando e amor são similares no que tange o sentimento que pretendem expressar, e o emprego de ambos indistintamente não deixa clara a diferença que

²⁹ Na tradução do texto de 1921 realizada por Paulo César de Souza, editada pela Companhia das Letras, SP, 2011 o termo para *Verliebtheit* é enamoramento.

Freud parecia querer dar ao usar dois termos diversos: *Verliebtheit* (paixão) e *Liebe* (amor). No texto, a diferença está mais na classe gramatical e no tempo verbal - o gerúndio “estar amando”, o infinitivo “amar” – do que nos vocábulos em si.

Pensamos que seria mais adequado o uso da palavra *paixão* no lugar de *estar amando*, tendo em vista as explicações de Rocha (2008) sobre a etimologia da palavra descrita no início desse capítulo e também ao contexto em que ela estava sendo empregada no artigo.

Temos uma hipótese sobre o porquê da tradução para “estar amando” em português. Como sabemos, a Edição *Standard* Brasileira foi feita a partir da tradução das obras em inglês. No artigo em questão, *Being in love and hypnosis (Estar amando e hipnose)*, traduzido por James Strachey do alemão, o termo *being in love* é empregando no lugar do substantivo *Verliebtheit*. Esse termo significa *estar apaixonado* em inglês; *in love* tem um sentido diferente de *love*. *Love* quer dizer amor, porém, *in love*, significa apaixonado. Em inglês foi mantida a palavra *apaixonado*, ao invés de *estar amando*.

Onde há *Verliebtheit* no alemão, há *in love* em inglês e onde há *Liebe* em alemão, está apenas *love* em inglês. Na língua inglesa está claro que há uma diferença, mesmo que tal diferença se dê apenas pelo emprego da preposição *in*, criando a expressão *in love*.

Na tradução feita por Strachey, Freud (1921) inicia o capítulo falando de *love* – amor - e então menciona uma classe de casos em que *being in love* - estar apaixonado - nada mais é do que a catexia objetal advinda das pulsões sexuais com o objetivo de satisfação diretamente sexual, uma catexia que acaba quando sua meta foi atingida³⁰.

Mais adiante, no mesmo parágrafo, ele usa a palavra *passionless*, que foi traduzida como *desapaixonado*, para explicar que o sujeito “ama” mesmo em intervalos desapaixonados, pois reconhece que a libido voltará e o objeto será necessário novamente³¹. Ou seja, estar apaixonado seria uma das várias classes de casos dentro do fenômeno do amor, uma classe onde a libido tem um objetivo claramente sexual.

³⁰ Tradução livre

³¹ idem

Em outra parte do artigo, em que Freud (1921) menciona o amor apaixonado do adolescente, o único momento em que se usa o termo “paixão” em português, na versão em inglês é utilizada a palavra *sentimental passion*. Ao que parece, Freud pensava, neste trecho, num tipo de sentimento explosivo, típico dos jovens, por isso lançou mão de um terceiro termo que não *Verliebtheit*, nem apenas *Liebe*, mas *schwärmerischen Liebe*.

Nesse respeito temos uma conjectura de porque Strachey usou *sentimental passion* na sua tradução. *Passion*, no *Oxford Advanced Dictionary* (HORNBY, 1985, 2010) tem a conceituação de um entusiasmo ou sentimento forte, especialmente amor, ódio ou raiva^{32 33}. O termo não se refere apenas ao amor, mas também ao ódio e à raiva. Isso nos leva a deduzir que Strachey adjetivou a paixão como sentimental – na expressão *sentimental passion* - pois em inglês a palavra *passion* tem um sentido mais abrangente do que aquele que nos acostumamos a utilizar no nosso idioma, ela tem um sentido mais aproximando da conotação de passional, vulcânico.

Este pode ser um motivo pelo qual o tradutor inglês não empregou *passion* no resto do texto, mas sim, *in love*, bem mais específico e condizente com o que Freud quis dizer ao escolher *Verliebtheit* para se expressar, ou seja, uma paixão *de amor*, não outra qualquer.

Destacamos que quando Rocha (2008) discorre sobre a conotação da palavra alemã ele a traduz como paixão amorosa, deixando claro seu emprego para a categoria na esfera do amor, não de raiva ou ódio (mesmo que estejam entremeados à paixão) ou de qualquer outra espécie de paixão/adicção, como paixão pelo jogo, pelo álcool, pelas drogas. Ele tem um cuidado de se manter fiel ao que o termo original³⁴ queria denotar.

Em outros textos foram encontradas referências ao amor apaixonado, como por exemplo, em *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914) e *Mal estar na civilização* (1930).

³² Tradução livre

³³ No dicionário Michaelis (2009) há a tradução para 1. paixão, 2. entusiasmo, forte sentimento. 3. amor ardente; como exemplo encontra-se a frase: *She has a passion for music* que teve a tradução de Ela tem paixão por música.

³⁴ *Verliebtheit*

Em *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914), a palavra em questão³⁵ ganha a tradução para “uma pessoa apaixonada” nos dois momentos que aparece. Primeiro, no seguinte contexto: “A libido objetal atinge sua fase mais elevada de desenvolvimento no caso de uma pessoa apaixonada, quando o indivíduo parece desistir de sua própria personalidade em favor de uma catexia objetal” (Freud, 1914, pg.92).

Depois surge uma vez mais e é novamente traduzida por “pessoa apaixonada”. Eis a frase em questão: “Essa supervalorização sexual é a origem do estado peculiar de uma pessoa apaixonada, um estado que sugere uma compulsão neurótica, cuja origem pode, portanto, ser encontrada num empobrecimento do ego em relação à libido em favor do objeto amoroso.” (Freud, 1914, pg. 105)

Nesse artigo, quando Freud (1914, p.94) fala das duas classes de instintos “fome e amor”, o termo original é *Liebe*. Nas demais passagens isso se repete, onde há *Liebe*, traduz-se como *amor*, inclusive na famosa afirmação de que “devemos começar a amar a fim de não adoecermos e estamos destinados a cair doentes se em consequência de frustração formos incapazes de amar.” (FREUD, 1914, pg. 101).

Notamos que nesse artigo sobre o narcisismo, a tradução para o português está coerente com a diferença entre amor e paixão. O emprego da palavra paixão está contextualizado pela fusão, compulsão neurótica e empobrecimento do ego, ao passo que amor surge em cenários mais saudáveis, especialmente na conclusão que é preciso começar a amar para não cairmos doentes.

Essa marcante diferença entre o aspecto mais saudável do amor e mais patológico da paixão não foi mantido na tradução do capítulo *Estar amando e hipnose de Psicologia de grupo e análise do ego* (1921). Nesse ponto a tradução do artigo acerca do narcisismo é mais atenta e rigorosa. Enquanto que no texto de 1921, o tradutor empregou genericamente *estar amando* e *amor* para os diferentes termos em alemão *Verliebtheit* (paixão) e *Liebe* (amor), no trabalho de 1914 para introduzir o narcisismo, fez-se uso de diferentes palavras, *paixão* e *amor*, para os distintos nomes no original germânico.

³⁵ Idem

Na conferência XXVI, *A teoria da libido e o narcisismo*³⁶ (1916-17, p.487), Freud refere que “quando alguém está totalmente apaixonado, entretanto, o altruísmo se superpõe à catexia libidinal”, em outras passagens ele se reporta ao apaixonamento (p.490) e estar apaixonado (p.488). Seu correlato alemão é a palavra *Verliebtheit*, que nesse caso não foi traduzida por “estar amando”, como ocorreu no texto sobre o estar amando e a hipnose.

Há outro artigo sobre o *Mal estar na civilização* que Freud (1930, p.83) toca brevemente no assunto do estado amoroso, ele escreve que:

no auge do sentimento de amor, a fronteira entre o ego e o objeto ameaça desaparecer. Contra todas as provas de seus sentidos, um homem que se ache enamorado declara que ‘eu’ e ‘tu’ são um só, e está preparado para se conduzir como se isso constituísse um fato.

No texto em alemão, Freud usa *Verliebtheit* que foi traduzida como o *auge do sentimento de amor*. Já para *Verliebte*, a escolha da palavra em português foi *enamorado*. Verificamos que *Verliebtheit* é a palavra que Freud emprega, nesse texto, quando se refere a um tipo de sentimento que envolve ausência de separação entre o eu e o objeto, assim como a supervalorização do outro.

Nem sempre a tradução da *ESB* manteve-se fiel ao uso de diferentes termos que caracterizavam a distinção entre os sentimentos de amor e de paixão, como fez o próprio Freud. Ao serem encontrados alguns textos em português cuja tradução havia respeitado essa distinção reforçamos nossa hipótese de que havia na mente de Freud um contraste entre os dois sentimentos, onde tanto o amor quanto a paixão teriam características particulares.

Acreditamos que a não uniformidade das traduções se deva à questão de ter havido vários tradutores para a obra em nosso idioma. Apesar de Jayme Salomão ter sido o coordenador geral das traduções, cada volume teve diversos colaboradores. Por exemplo, em *Narcisismo: uma introdução* (1914) foram Themira de Oliveira Brito, Paulo Henriques Britto e Christiano Monteiro Oiticica, com revisão técnica Darcy de

³⁶ Conferências Introdutórias sobre psicanálise (1916-17)

Mendonça Uchoa. As *Conferências introdutórias* foram traduzidas por José Luís Meurer.

No caso de *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921) foi Christiano Monteiro Oiticica com revisão, além da direção geral, de Jayme Salomão. Em *Mal estar na civilização* (1930) a tradução ficou a cargo de José Octávio de Aguiar Abreu com revisão técnica de Walderedo Ismael de Oliveira.

Ao que tudo indica, não houve um consenso quanto aos termos e *Verliebtheit* foi traduzido ora como *apaixonamento* (1914), ora como *estar amando* (1921) e ora como *auge do sentimento de amor* (1930).

Pelo que foi possível deduzir dos dados encontrados, Freud fazia uma distinção entre amor e paixão, mais do que a tradução da *ESB* deixou transparecer. Ele usava *Verliebtheit* especificamente para se referir à paixão e *Liebe* para reportar-se ao amor. Acreditamos que quando Freud teorizou sobre o estar amando em 1921³⁷, ele na verdade estava descrevendo a paixão e não o amor. Frisar essa diferenciação é muito importante para a corrente pesquisa.

Assim quando ele afirma que “o objeto foi colocado no lugar do ideal do ego” (Freud, 1921, p.144), esse processo se dá no apaixonamento, diferentemente do que sugere a tradução brasileira. Freud distinguia paixão de amor e atrelava o primeiro a um estado mais patológico, neurótico, fusional e de esvaziamento do ego. Esse é o viés que seguiremos no terceiro capítulo, quando serão vistos os aspectos patológicos da paixão.

No entanto, ainda é preciso compreender a metapsicologia do apaixonar-se, nesse sentido será importante entender melhor o papel das instâncias ideais nesse processo, o que requer estabelecer uma diferenciação entre o ego ideal e o ideal do ego.

2.2. O ego ideal e o ideal do ego

Foram estudados alguns textos onde Freud emprega o conceito de ego ideal ou ideal do ego, buscando encontrar algo que permitisse distinguir um do outro, ou que

³⁷ Psicologia de grupo e análise do ego

possibilitasse constatar que, efetivamente, Freud não se atentou de diferenciar ambas as instâncias. Nesse caso se recorreria a autores que porventura o tivessem feito.

Segundo nota do editor inglês³⁸ das obras de Freud, o termo ego ideal surgiu em 1914 no trabalho para introduzir o conceito do narcisismo. Laplanche e Pontalis (1988, p.190) chamam a atenção para o fato de Freud ter criado a noção de ego ideal, que se encontra tanto em *Para introdução do narcisismo* (1914) quanto em *O ego e o id* (1923), no entanto, “não se preocupou em fazer uma distinção entre o Ego Ideal e o Ideal do Ego, utilizando-os muitas vezes como sinônimos”.

Em *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914, p.111), Freud emprega o termo ego ideal no capítulo III para explicar que ele é alvo do amor de si mesmo desfrutado na infância pelo ego real e que esse ego ideal é a nova forma de recuperar a perfeição infantil; três linhas adiante ele distingue entre “essa formação de um ideal e a sublimação”, explicando que a sublimação diz respeito às pulsões, ao passo que a idealização fala do objeto. Freud deixa claro que está se referindo ao ego ideal.

Porém, no parágrafo seguinte, ao dar continuidade ao assunto escreve “a formação de um ideal do ego é muitas vezes confundida com a sublimação do instinto” (FREUD, 1914, p.112). O tema continua o mesmo, porém as nomenclaturas usadas são diferentes, surge o termo ideal do ego onde antes estava ego ideal, como se se tratassem do mesmo conceito. No restante do texto Freud utiliza o termo ideal do ego, no entanto não modifica seu sentido de quando utilizou ego ideal.

Verificamos o original em alemão e nele também há dois termos distintos: *Idealich* e *Ichideals*. A única discrepância é que em português, logo após ser introduzido o ego ideal (FREUD, 1914, p.111), esse mesmo termo é repetido ao longo do parágrafo; já, em alemão, a segunda vez que aparece o termo, ela se dá como ideal do ego. O tradutor brasileiro optou por repetir o termo inicial apesar do original ter trocado a palavra *Idealich* – ego ideal - para *Ichideals* – ideal do ego, ainda no mesmo parágrafo e com o mesmo sentido um do outro.

Antes de irmos para o outro texto mencionado por Laplanche e Pontalis (1988), verificamos a conferência XXVI das *Conferências introdutórias sobre psicanálise* (1916-

³⁸ Nota do editor inglês ao artigo *O ego e o id* (1923)

17) que discorre também sobre o narcisismo³⁹. Nela Freud (1916-17, p. 500) emprega o termo ego ideal no seguinte trecho:

Percebe uma instância que assume o domínio do seu ego e que mede seu ego real e cada uma de suas atividades mediante um *ego ideal* que ele, paciente, criou para si próprio no decorrer do seu desenvolvimento. Cremos também que essa criação foi feita com a intenção de restabelecer a auto-satisfação que estava vinculada ao narcisismo infantil primário, mas que desde então sofreu assim tantas perturbações e mortificações. Conhecemos a instância auto observadora como o censor do ego.

Nesta única passagem em que Freud se refere nominalmente às instâncias ideais, ele utiliza a palavra ego ideal num contexto de censura, mesmo que atrelado ao narcisismo infantil. Algo parecido com o que Rosenfeld (1962) e Hanly (1984) posteriormente destacarão como o Ideal do Ego, o precursor das aspirações contidas no Superego, mantendo relações estreitas com o narcisismo primário. Enfim, Freud não aparentava se preocupar com tal distinção dos ideais quando escreveu seu texto.

No texto sobre *O ego e o id*, Freud (1923) não emprega a palavra ego ideal, apenas ideal do ego, o mesmo se dando no artigo original alemão. O contexto em que o termo aparece é ligado ao de superego. Na página 42, Freud fala de “uma gradação no ego, uma diferenciação dentro dele, que pode ser chamada de ‘ideal do ego’ ou ‘superego’”; na página 45 está escrito “a origem do ideal do ego; por trás dele jaz oculta a primeira e mais importante identificação com o pai em sua própria pré-história pessoal”.

Na página quarenta e nove o termo é utilizado em três ocasiões: (a modificação do ego) “*se confronta com os outros conteúdos do ego como um ideal do ego ou superego.*” Mais à frente temos: “Esse aspecto duplo do ideal do ego deriva do fato de que o ideal do ego tem a missão de reprimir o complexo de Édipo”.

Continuando o artigo, na página 51, ideal do ego é empregado como sinônimo de superego, depois como “herdeiro do complexo de Édipo”; em seguida, Freud afirma que “Erigindo esse ideal do ego, o ego dominou o complexo de Édipo e, ao mesmo

³⁹ Conferência XXVI: A teoria da libido e o narcisismo

tempo, colocou-se em sujeição ao id”. Na página 52, Freud escreve: “À medida que uma criança cresce, o papel do pai é exercido pelos professores e outras pessoas colocadas em posição de autoridade; suas injunções e proibições permanecem poderosas no ideal do ego” (...) Os sentimentos sociais repousam em identificações com outras pessoas, na base de possuírem o mesmo ideal do ego”.

Verificamos que Freud usava mais o termo ideal do ego, equiparando-o ao superego e ao usar pela primeira vez as instâncias ideais, usou ambos os termos não distinguindo um do outro.

Além dos artigos mencionados por Laplanche e Pontalis (1988), procuramos os conceitos de ego ideal e ideal do ego no capítulo *Estar amando e hipnose*, tendo em vista este ser um artigo emblemático na descrição metapsicológica da paixão. No decorrer do capítulo mencionado, bem como do artigo inteiro, aparece apenas o termo ideal do ego. Freud (1921, p.144) diz que na paixão⁴⁰ “o objeto foi colocado no lugar do ideal do ego”. Percebe-se, ao ler o contexto do parágrafo, que o ideal do ego tem aí a conotação mais próxima da idealização narcísica e do id do que uma conotação superegógica herdada do Complexo de Édipo.

No entanto, a noção de ideal do ego, na maior parte das vezes que Freud a emprega, prevalece conceitualmente semelhante ao superego, muitas vezes é apresentada como seu precursor. O termo ego ideal é pouco utilizado e fica mais restrito aos textos por volta de 1914. Uma distinção entre ambos nunca foi teorizada por Freud.

Rocha reconhece algumas distinções na obra de Freud. Ele cita o artigo *Sobre o narcisismo: uma introdução* de 1914 como expondo uma distinção entre as instâncias, onde o ego ideal seria mais primitivo. Depois no *Ego e o id* (1923) já não existe essa distinção, pois introduz o superego no lugar do Ideal do Ego. Finalmente, na Conferência 31⁴¹ (1932) (informação verbal⁴²), Freud volta a falar de um ego ideal primitivo e um ego ideal modelo, esse último, acreditamos, seria o Ideal do Ego.

⁴⁰ Ver discussão acima sobre *Verliebtheit*.

⁴¹ A dissecação da personalidade psíquica

⁴² Comentário feito pro Rocha, Z. em banca prévia realizada em Recife em vinte e dois de fevereiro de dois mil e dezesseis.

Mesmo que Freud não tenha deixado uma distinção clara e teorizada entre as instâncias ideais, alguns autores, entretanto, se ocuparam desta tarefa. Nunberg (1989/1932) aparenta ter sido o primeiro a publicar algo sobre o assunto. Num livro prefaciado por Freud, ele distingue ego ideal e ideal do ego, definindo o primeiro como “O ego ainda inorganizado, que se sente intimamente unido ao id, [ele] corresponde a uma condição ideal e, por isso, é chamado *ego ideal*” (NUNBERG, 1989/1932, p.136, o colchete é nosso).

Para a criança seu ego é ideal até que ela encontre a primeira oposição à satisfação de seus desejos. Diante dessa frustração provocada pela percepção da realidade, as pessoas abandonam este ideal narcísico. Um abandono, entretanto, que será sempre acompanhado do esforço para se retornar ao que foi deixado para trás.

Do ponto de vista de Nunberg (1989/1932) quando esse ideal é novamente alcançado em alguns estados de doença, o paciente, apesar de seu sofrimento e sentimento de inferioridade, sente-se um tanto onipotente e dotado de poderes mágicos. O ideal do ego, para o autor, é uma instância diferenciada do ego que floresce através da captação egóica dos estímulos provenientes do mundo externo graças aos órgãos sensoriais, se desenvolvendo como resultado da incorporação das autoridades do início da infância. Ele dá origem ao superego.

Enquanto que no ego ideal, os impulsos do id são aceitos sem oposição e sua satisfação é permitida, com o surgimento do ideal do ego, esse acordo harmonioso fica perturbado, essa nova instância passa a se inserir entre o ego e o id, demandando renúncias por parte do sujeito. Entendemos esse processo como marcante para a passagem do princípio do prazer para o princípio de realidade, quando o sujeito começa a se deparar com sua impotência, ou melhor, com sua “não onipotência”.

Rosenfeld em 1962 refere o ideal do ego como um precipitado do antigo ideal dos pais, uma expressão de admiração que a criança sentiu pela perfeição que então era atribuída a eles.

Uma distinção entre as duas instâncias é reforçada por Loewald (1962), afirmando que o ego ideal representa um retorno à perfeição narcísica primária infantil por meio de uma identificação primitiva com as figuras parentais onipotentes. Ele está relacionado ao desejo alucinatório de completude. O ego ideal significa uma volta ao

estado primitivo de perfeição, porém um estado que não será almejado para o futuro, mas que está sendo fantasiado no presente.

O autor define o ideal do ego como algo a ser alcançado, um momento seguinte ao ego ideal; é um ideal para o ego, enxergado nas figuras parentais de uma forma mais elaborada e diferenciada que a instância anterior.

Laplanche e Pontalis (1988, p.190) apresentam o ego ideal como uma “formação intrapsíquica que certos autores, diferenciando-a do ideal do ego, definem como um ideal narcísico de onipotência forjado a partir do modelo do narcisismo infantil”, uma formação psíquica anterior ao ideal do ego e superego. Já o ideal do ego seria uma instância resultante da convergência entre o narcisismo e as identificações com os pais e seus substitutos, e também com os ideais coletivos. Ele constitui um modelo a que o indivíduo procura conformar-se.

Charles Hanly (1984) pontua que a diferença fundamental entre ambos é que o ego ideal conota uma forma de ser, uma identidade como já tendo sido conquistada, enquanto o ideal do ego, uma forma a ser buscada, uma identidade a ser adquirida.

Segundo este teórico o ego ideal é um aspecto do ego que acredita que lhe foi concedido o estado de perfeição, se refere a uma condição muito agradável, porém ilusória. É uma autoimagem distorcida pela idealização, que, no entanto, pode ser experimentada como mais real que o próprio ego, uma espécie de espelho idealizado onde o ego real pode se contemplar relativamente livre da realidade.

Por outro lado, o ideal do ego se refere a um potencial ainda não atingido, é a ideia de uma perfeição em direção a qual o ego precisa se esforçar para chegar, para isso tem que se sujeitar ao teste de realidade requerido pelo ego. O ego ideal enquanto um ideal já conquistado se opõe ao teste da realidade. O primeiro é ativo, o segundo, passivo.

O ego ideal tem uma história, ou melhor, uma pré-história, observa Mezan (1987, p.128), “ele é formado por resquícios dos momentos mais primitivos de nossa vida, aqueles em que não tínhamos consciência da limitação, das imperfeições e da finitude que nos caracterizam como seres humanos”.

Green (1988b) assemelha a situação do ego ideal à do prazer experimentado sem obstáculos, no qual a realidade não se acha inserida. Nessa situação a unificação se dá em detrimento do id e o ego procura no objeto sua projeção narcisista.

Rocha (1999⁴³, apud SILVA, 2002, p.43) salienta que: “Com o Ego Ideal (Idealich), forjado segundo as ambições fálicas do narcisismo infantil, prevalece o modelo de subjetividade fechada, na qual o ego se constitui como se fosse sua própria origem e fundamento”. O autor reforça que com o ideal do ego temos um modelo diferente tanto de subjetividade quanto de ideal. Tendo em vista que esta é uma instância aberta para a alteridade, ela leva o ego a reconhecer suas deficiências e a buscar fora de si um ideal, o qual funciona como modelo e não como exigência.

A visão de Birman (1997⁴⁴, apud SILVA, 2002) complementa essa linha de pensamento quando diferencia duas modalidades de subjetividade: uma que se acredita autocentrada calcada no ego ideal e outra que se apresenta descentrada apoiada no ideal do ego, orientada para a alteridade.

O Ego Ideal deverá se transformar no Ideal do Ego, pontua Birman (1997, apud SILVA, 2002). O primeiro, uma instância mais estreitamente ligada ao narcisismo infantil, é anterior ao Ideal do Ego, o segundo é fruto de uma fase posterior do desenvolvimento libidinal e egóico. O autor ressalta que será necessário um longo processo histórico e psíquico para que se efetue esta transformação, “para que o eu não se estabeleça como sendo sua própria origem, reconhecendo suas insuficiências e finitude” (Birman, 1997, apud SILVA, 2002, p.44).

Num artigo sobre a paixão, Birman (1993) refere o ego ideal como experiência fundadora do ego na qual o indivíduo adquire sua imagem originária de totalização, realizada através do outro, que pelo olhar, o reconhece. Isso provoca uma alienação referenciada no outro. O sujeito fica preso no olhar desejante do outro de maneira a se estabelecer uma relação de indiscriminação entre ambos. O ego é seu próprio ideal, não há um obstáculo capaz de romper o fascínio do ego por sua própria imagem.

Por outro lado, a instauração do Ideal do ego, segundo Birman (1993), introduz uma dialetização entre o ego e seus ideais de maneira a surgir uma fenda na

⁴³ ROCHA, Z. Trabalho apresentado no V Fórum Nacional de Psicanálise.

⁴⁴ BIRMAN, J. Estilo e modernidade em psicanálise. São Paulo: Editora 34, 1997.

onipotência narcísica do sujeito. A posição narcísica é perdida, porém, sua busca é interminável no intuito de restaurar a plenitude e encontrar um outro para quem ele seja tudo e vice-versa. Essa é a demanda básica da paixão.

2.3. O ego ideal na paixão

Ao que tudo indica, tendo em vista as distinções acima expostas, acreditamos que é no lugar do Ego Ideal, ao invés do Ideal do Ego, como está apresentado por Freud (1921) no artigo *Estar amando e hipnose*⁴⁵, que é colocado o objeto da paixão. Ele é posto num lugar anteriormente ocupado pelo narcisismo infantil.

Como vimos, Freud não deixou clara uma distinção conceitual entre as instâncias ideais, portanto, ele ter usado o termo ideal do ego não exclui a possibilidade dele estar-se referindo à instância mais primitiva, o ego ideal, ligado mais firmemente ao narcisismo primário e excluindo a alteridade

A idealização cega, a ausência de crítica quanto ao objeto, a passividade, a busca pela fusão levando a um estado de completude ilusória tão presentes na paixão, são também traços característicos do Ego Ideal.

O objeto sexual é elevado ao nível do ideal, declara Lejarraga (2003) já que possui o que falta ao ego para alcançar seu próprio ideal. O apaixonamento representa, assim, uma via imediata de acesso ao ideal e à onipotência narcísica. O investimento libidinal no objeto torna o sujeito apaixonado frágil e dependente do outro. O trabalho de idealização outorga ao objeto virtudes e perfeições imaginárias, deixando “cego” o eu apaixonado.

A autora prossegue definindo a paixão amorosa como um estado extraordinário em que há um investimento exclusivo no objeto amado, o que significa uma concentração de pensamentos e imagens no objeto, não sendo possível deixar de pensar nele. Esse investimento exclusivo caracteriza um tipo de idealização maciça e absoluta do objeto, correspondendo à projeção do ego ideal no objeto. Assim, na paixão, o outro se torna pleno e completo, idealizando a possibilidade do objeto proporcionar a completude. (LEJARRAGA, 2003)

⁴⁵ Capítulo VII de *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921)

Rocha (2008) apresenta a ideia de que o objeto da paixão amorosa ocupa o lugar que antes pertenceu ao ego ideal, levando a pessoa apaixonada a procurar no objeto um substituto para o narcisismo perdido na infância.

Há uma imensa frustração da criança ao deparar-se com sua insuficiência e a consequente necessidade do objeto externo. É a angústia frente ao desamparo. Isso gera um apelo para que se retorne a esse momento idílico de autossuficiência e completude. Na paixão amorosa tenta-se chegar bem perto disso.

Não obstante, por mais encantador que seja o apaixonar-se, convém lembrar que à medida que o objeto da paixão é posto no lugar de ego ideal há grande probabilidade de se estabelecer uma relação tanto ilusória quanto fechada. O apaixonado não enxerga outras possibilidades de investimento que não o objeto da paixão e o vê como vital para si, como um pedaço de si mesmo e não tolera a ideia de separar-se dele. A paixão, enfim, pode fixar o sujeito numa dinâmica alheia à realidade e entrópica em termos de economia psíquica.

Parece termos chegado perto de uma configuração da paixão enquanto patológica nos dois sentidos do termo (o de doença e o de arrebatamento), algo semelhante àquilo que Nunberg (1989/1932) descreveu quando afirmou que em alguns estados de doença, a pessoa alcança novamente seu ideal apesar do sofrimento e de seu sentimento de inferioridade. Ela se sente novamente onipotente e dotada de poderes mágicos. Sua doença lhe traz bem estar.

O exemplo de Nunberg (1989/1932) se dirigia aos estados psicóticos, especialmente os paranoicos, porém, acreditamos que essa ideia pode ser estendida para a paixão, destacando seu aspecto *patológico*, além do *passional*.

O outro autor que diferencia os ideais egóicos, Loewald (1962), quando faz a descrição do ego ideal e aborda seu imediatismo e indiferenciação, destaca duas características bem marcantes também na paixão. O sujeito apaixonado se fecha quase completamente para novos investimentos a não ser o objeto escolhido, do qual é esperado um preenchimento completo para o seu vazio existencial.

Essa posição faz lembrar a *paixão tóxica* apresentada por Bento (2007), descrita no primeiro capítulo, onde há uma espécie de adicção ao objeto. A *paixão tóxica* traz

uma idealização e projeção desmedidas, cujo destino estará marcado primordialmente pela frustração, pela não realização concreta daquilo que só existe no campo da ilusão.

Concordamos que na paixão há uma projeção maciça no outro, não obstante, é um outro que não é visto como objeto separado, ele é parte do sujeito via ego ideal. Isto leva a um tipo de investimento paradoxal: não há um investimento objetal propriamente dito, uma vez que o objeto não é reconhecido como distinto; tampouco há um investimento narcísico, posto que não é propriamente o ego do indivíduo que está sendo libidinizado, há um esvaziamento egóico.

O sujeito não se beneficia nem de um investimento objetal, estabelecendo uma relação com o outro, nem de um investimento egóico, fortalecendo seu narcisismo primário. Muito pelo contrário, conforme descreve Freud (1921), o ego se empobrece ao se entregar dessa maneira ao objeto, no momento em que ele substitui seu constituinte mais importante pelo objeto, ele entrega seu amor próprio ao outro.

Birman (1993) apresenta a demanda básica da paixão como a busca de um outro para quem o sujeito seja tudo e vice-versa, relacionando tal movimento à tentativa de restaurar a plenitude experimentada pelo ego ideal. Ele explica a dinâmica da paixão como uma maneira de colocar o outro no lugar de seu ego ideal esperando ver nesse alguém o fascínio de sua própria imagem especular, a partir disso ocorrendo um movimento de incorporação dessa imagem fascinante. Dessa forma, o outro não é visto como tal, já que não há relação de alteridade, da mesma maneira que não existia com o ego ideal.

2.4. O amor que constitui o ego e o ódio que cria o objeto

Acreditamos que a dificuldade do sujeito apaixonado perceber o outro tem suas raízes numa época primitiva do desenvolvimento egóico quando da descoberta do objeto. O reconhecimento do outro é uma experiência decisiva, porém momentosa para o sujeito.

No início, o recém-nascido não se diferencia do objeto, uma vez que ainda não tem a seu dispor o desenvolvimento das funções psíquicas que lhe permitam perceber-se separado do mundo. Na verdade ele ainda sequer se vê como um todo, mas como

uma justaposição de partes que se gratificam independentemente em investimentos parciais e de forma autoerótica.

Freud (1914) escreve que é preciso uma nova ação psíquica para a saída do autoerotismo e o início do narcisismo, ou seja, o narcisismo não existe desde o começo. Após a unificação do ego é que haverá o autoinvestimento enquanto um todo. Esta é a fase do narcisismo primário, cuja satisfação continua a ser autoerótica.

É de suma importância o narcisismo primário para a existência do sujeito. Essa quota de catexia dirigida ao próprio ego sedimentará o amor próprio e permitirá suportar as frustrações posteriores. Um ego que tenha sido satisfatoriamente narcisado aguentará as desilusões do mundo real sem perder a autoestima e a confiança. Este amor inicial do sujeito dirigido ao ego responde pela base de sua constituição e pelo alicerce das construções que se somarão ao longo de sua existência.

Esse é o amor que funda o ego, cria sua unidade e o mantém coeso apesar das ocorrências externas e internas que possam advir. Esse amor autodirigido começa com outro amor, o amor de um outro, em geral a mãe ou quem exerça sua função.

No primórdio da construção psíquica é fundamental o olhar materno para dar andamento e sustentação ao processo de subjetivação, processo esse que necessariamente passa pelo amor, narcísico e materno. Mesmo que o sujeito não perceba inicialmente o objeto (a mãe, ou quem ocupe esse lugar), é a catexia amorosa emprestada pelo outro que dará subsídios para o investimento do sujeito em si.

Lacan (1995, 1956-57) também destaca a importância materna nesse processo. Ele diz que a criança não tem como distinguir se o tipo de satisfação inicial é da ordem da alucinação ou do real. É preciso que a “mãe ensine, progressivamente, a criança a submeter-se às frustrações e perceba, não sem uma certa tensão inaugural, a diferença que existe entre a realidade e a ilusão” (LACAN, 1995, 1956-57, p. 34)⁴⁶. Pare ele o amor materno também será decisivo para a passagem do narcisismo primário para a relação com o objeto externo.

Ter as necessidades realizadas, os desejos satisfeitos, ter um olhar onde se espelhar é o substrato para a decisiva sensação de onipotência primitiva do ser; uma

⁴⁶ Lacan afirma (1995, 1956-57) que é impensável que a criança tenha noção de sua onipotência, o que conta são as carências, as decepções, que afetam a onipotência materna. Essa discussão não será empreendida, já que foge do tema e objetivo desse trabalho.

onipotência que ele não reconhece ser, na verdade, mantida por um terceiro. Eis a ilusão narcísica: bastar-se a si mesmo, quando na realidade é o mundo externo através do outro que sustenta essa crença.

Na verdade, é possível que o bebê não tenha sequer aparato anímico para entender o que significa sentir-se onipotente, o fato é que ele ainda não experimentou, nessa fase, uma forte sensação de falta e de mal estar decorrente da necessidade não satisfeita. Ele se inicia no mundo sob o princípio do prazer, para gradativamente ir se submetendo ao princípio da realidade.

Voltando à passagem do narcisismo para a relação objetal intermediada pela função materna, Pellegrino (1987) traz uma referência que permite ver como a relação inicial da criança com a mãe tem influência direta nas relações amorosas posteriores. Ele observa que quanto pior for a relação entre ambas, quanto menos a criança se sentir amada e protegida pela figura materna, mais ela se agarrará a ela e mais devastadoras serão as paixões desencadeadas na vida adulta.

Um ego que não teve um bom investimento narcísico será um ego fragilizado e se sentirá enormemente ameaçado e desamparado frente às desilusões da realidade. As decepções fatalmente se farão presentes e a realidade inevitavelmente causará uma dor que deixará uma ferida perene, a ferida narcísica, aquela diante da desilusão quanto ao narcisismo imaginado.

A desilusão tem início à medida que a criança passa a experimentar o desprazer diante de seus desejos não satisfeitos, então, começa a se deparar com sua insuficiência e a perceber que o mundo não começa nem termina nela própria. O bebê vai se dando conta que ele depende de algo que não pode controlar, portanto suas necessidades correm risco constante de serem insatisfeitas.

É nesse contexto que se dá a descoberta do objeto. Conjuntamente com a sua percepção vem a experiência de dependência de um terceiro. A existência do outro chega com o impacto de fazer cair por terra a ilusão da autocompletude.

“O inimigo do narcisismo é a realidade do objeto e, inversamente o objeto da realidade, ou seja, sua função na economia do Eu”, afirma Green (1976/1988b, p.49). Green observa que o objeto é ao mesmo tempo interno e externo, sendo necessário à

fundação do indivíduo e à elaboração do narcisismo. É a perda do objeto que o revela aos olhos do sujeito e acaba por desvendar a estrutura narcisista⁴⁷, conclui o autor.

Esse autor afirma que o narcisismo primário é “Desejo do Um, aspiração a uma totalidade autossuficiente e imortal onde o auto engendramento é a condição, morte e negação da morte ao mesmo tempo” (1967/1988b, p.142).

No narcisismo, o objeto entra em relação conflitiva com o eu, pontuam Faveret e outros (2007) dado que o investimento das pulsões no ego tem como efeito transformar o desejo pelo objeto em desejo pelo ego. Em outras palavras, o desejo muda de objeto, pois é o ego que se torna seu próprio objeto de desejo. O desejo é o movimento pelo qual o sujeito é descentrado, a busca do objeto de satisfação faz o sujeito viver a experiência de que o seu centro não está mais nele mesmo, está fora de si num objeto do qual está separado e ao qual tenta se reunir para reconstituir o bem-estar que se seguiu à experiência de satisfação.

Vale salientar que esse momento, mesmo que desagradável, é essencial para o ser humano. Caso não houvesse a percepção do objeto, o sujeito sucumbiria enredado nas suas fantasias de autogratificação, tal qual Narciso, hipnotizado pelo fascínio de sua perfeição. Nada seria necessário para o sujeito que, enquanto perfeito, se veria como completo e autossuficiente, não precisando sair de seu mundo ilusório para o mundo real. Não nos esquecendo que é a falta que faz o sujeito preencher seu lugar com a fantasia, ou seja, o ódio também tem seu efeito criativo⁴⁸.

Freud (1914) considerou o narcisismo primário um estágio original e normal no desenvolvimento humano, uma etapa entre a fase do autoerotismo e o amor objetal, persistindo até que o ego começasse a catexizar libidinalmente as representações mentais de objeto.

A reação frente à falta não preenchida, ao desejo não saciado, à necessidade não atendida é a de frustração conjuntamente com o ódio causado pelo mal estar despertado e dirigido ao objeto que preconiza essa descoberta. Assim como o amor é o constituinte do ego, via narcisismo primário, no caso do objeto, é o ódio que o introduz. Daí a frase de Freud (1915) de que o objeto nasce do ódio.

⁴⁷ Green acredita haver uma estrutura narcísica primária e prefere falar de estrutura no lugar de estado narcísico primário.

⁴⁸ O aspecto saudável da criatividade e do foi muito valorizado e destacado por Winnicott ao longo de sua obra.

O amor próprio permitirá contrabalançar o ódio dirigido ao outro e até mesmo, dirigido a si, pois, a desilusão não deixa de ser consigo mesmo. O narcisismo primário funciona como um contraponto ao ódio e ao medo do desamparo. A solidez interna faz frente ao desequilíbrio causado pela báscula do objeto e pelo fato do sujeito não o controlar.

Os sentimentos, tanto de frustração quanto de ódio, podem prevalecer ou terem diferentes intensidades de acordo com a solidez narcísica do sujeito. O amor que amalgamou o ego desempenhará um papel crucial de suporte enquanto sustentação da auto estima diante da descoberta da imperfeição.

A prevalência da negação ou aceitação da falta, a dificuldade ou facilidade de reconhecer a alteridade, são aspectos conflituosos que se repetem na paixão, cujo interjogo terá um peso decisivo na instauração do apaixonamento bem como no seu destino.

Mesmo que o fracasso seja o desfecho destinado à paixão, ele pode se dar de diferentes maneiras, inclusive um fracasso aceito, cujo luto será bem elaborado. Logo mais, será visto no capítulo a seguir, algumas possibilidades patológicas e desdobramentos da paixão.

Lejarraga (2003, p.43) exprime seu ponto de vista sobre o tema:

Assim, a paixão amorosa, porque aspira a uma unidade impossível, está fadada ao fracasso. O apaixonamento tem então um caráter ilusório em, ao menos, três sentidos: primeiro, porque projeta no objeto os próprios ideais narcísicos conferindo-lhe perfeições inexistentes; segundo, porque os objetos escolhidos serão sempre meros substitutos dos objetos incestuosos primordiais; e, terceiro, porque acena imaginariamente com uma completude irrealizável.

Sobre a instauração da paixão apresentaremos agora as ideias de Freud a respeito de dois tipos de escolha do objeto, apontando algo da dinâmica subjacente ao apaixonamento que indica um caminho acerca da sobredeterminação psíquica das escolhas amorosas.

2.5. Tipos de escolha de objeto

A escolha objetal refere-se ao ato de eleger uma pessoa ou tipo de pessoa como objeto de amor (LAPLANCHE E PONTALIS, 1988). Freud (1914) aponta dois tipos de escolha de objeto amoroso: uma do tipo narcísico e outra do tipo de ligação ou anaclítico.

O primeiro tipo, narcísico, se dá a partir do modelo da relação do indivíduo com a sua própria pessoa. Conforme escreve Freud (1914, p.107), seguindo esse modelo, a pessoa irá amar: “o que ela própria é (isto é, ela mesma), o que ela própria foi, o que ela própria gostaria de ser, alguém que foi uma vez parte dela mesma”.

Falando em termos de ideais, esta nos parece ser uma escolha mais permeada pelo ego ideal. É uma escolha fechada, onde o sujeito tem a si mesmo como modelo, não havendo mediação da alteridade. O sujeito é sua própria referência, movido por uma lógica especular.

Freud (1914) atribui esse tipo de escolha predominantemente às mulheres e a opõe ao tipo anaclítico, que seria mais típica dos homens. Ele ressalva que essas escolhas são puramente esquemáticas e suscetíveis de se alternarem ou de se combinarem em cada caso individual.

O tipo anaclítico é descrito como uma escolha feita a partir do modelo das figuras parentais, enquanto estas asseguram alimento, cuidados e proteção à criança. Ele tem como base a função de apoio das pulsões sexuais nas de autoconservação.

Freud (1914, p.107) descreve que na escolha anaclítica, a pessoa irá buscar: “a mulher que o alimenta, o homem que a protege, e a sucessão de substitutos que tomam o seu lugar”. Neste caso podemos conjecturar que é a busca do ideal do ego que majoritariamente direciona esta escolha, num percurso que aceita o outro, investe em objetos do mundo externo, permeado pelo investimento libidinal nos pais, e a partir de então, vai à procura de uma “sucessão de substitutos” que tomem seus lugares.

De acordo com Baranger (1994) quando os objetos das pulsões do ego tornam-se objetos da libido, ou seja, as pulsões sexuais vêm a se juntar às pulsões do ego, fica determinado o tipo de escolha objetal anaclítico ou de apoio. Em oposição a essa modalidade de escolha, encontra-se a narcísica que é direcionada por uma escolha semelhante ao que o sujeito é, foi ou gostaria de ser. Neste tipo de escolha o retorno

da libido ao ego – retorno narcísico – é mais patógeno, adverte Baranger (1994), que acrescenta ser este o tipo envolvido no apaixonamento.

Os dois modos de amar se mantêm funcionais ao longo da vida não havendo uma separação precisa e rígida entre um e outro, mas diferentes gradientes, tendências e inclinações (Rios, 2008).

Laplanche e Pontalis (1988) questionam se é possível opor, mesmo que esquematicamente, os dois tipos de escolha objetal e usam os exemplos dados por Freud para demonstrar a dificuldade de separar os dois conceitos. No tipo anaclítico, salientam os autores, Freud ressalta a supervalorização sexual atribuída ao objeto escolhido. Essa supervalorização tem sua origem no narcisismo primário do sujeito que é transposto para o outro. Portanto trata-se mais de uma escolha mobilizada pelo narcisismo do que pelo modelo de ligação.

Por outro lado, prosseguem os autores, como exemplo de escolha narcísica, Freud descreveu as mulheres que querem ser mais amadas do que amarem e lhes agrada o homem que satisfaça essa condição. Nesse caso se estabelece uma relação de cuidado do outro, portanto anaclítica, ao invés de uma relação especular e narcísica, como Freud quis exemplificar.

Conjecturamos que, nesses exemplos, a lógica freudiana é conduzida pelo ponto de vista da economia egóica do sujeito, mais focado no retorno libidinal para o ego do que no investimento feito a partir dele. No tipo anaclítico, o sujeito empobrece libidinalmente seu ego à medida que dirige quase toda sua catexia para o objeto, acarretando numa supervalorização do outro. O ego fica, dessa forma, empobrecido. Parece ser por esse motivo que Freud não considera esse tipo de escolha como narcísica.

Já na escolha narcísica, de acordo com Freud (1914), a pessoa ama apenas a si mesma, com intensidade comparável à do amor do outro por ela. “Sua necessidade não se acha na direção de amar, mas de serem amadas” (FREUD, 1914, p.105). Através desse amor do outro, essas pessoas terão o ego libidinizado, tal qual o foi inicialmente pela mãe, portanto recai num modelo narcísico de investimento.

Essas contradições mostram o quanto é impossível separar, mesmo que seja esquematicamente, as formas de investimento para se estabelecer padrões puros de funcionamento psíquico.

Será então apropriado dizer que a forma dominante de amar das mulheres segue o modelo narcísico e dos homens o modelo de ligação? Às mulheres cabe predominantemente serem amadas e aos homens amar? Essa assertiva é perigosa especialmente quando sobre o primeiro tipo de escolha recai um viés patologicista, ou, no mínimo, menos amadurecido psiquicamente.

Baranger (1994) afirma que o amor provém do tipo de escolha anaclítica e não da escolha narcisista. Esta segunda faz com que o retorno narcisista seja mais patógeno, levando ao luto patológico (a melancolia), onde a mobilidade de retorno a investimentos em objetos externos torna-se irreversível. Iremos nos deter nesse aspecto no capítulo seguinte.

A constatação sobre a forma de amar das mulheres e a tendência a associar a maneira narcísica a uma questão patológica é bastante questionável, em especial quando pensamos na função materna. Se todas as mães amassem de forma narcísica, haveria uma enormidade de casos de psicose e autismo, ao contrário do que a realidade retrata. Portanto essa hipótese sobre as mulheres nos parece precipitada.

Quanto às formas de amar, em outro momento de sua obra, Freud abordou algumas hipóteses sobre possíveis maneiras dos homens amarem. Ele escreveu três artigos os quais denominou *Contribuições à psicologia do amor*. Nos dois primeiros (1910, 1912) ele fala de um tipo especial de escolha de objeto e sobre uma tendência à depreciação na esfera do amor, ambos os temas encontram-se interligados no desenvolvimento psicosssexual do sujeito.

A libido tem duas correntes que a compõem, uma afetiva, outra sensual, escreve Freud (1912). A primeira é a mais antiga, formando-se na base dos interesses de autoconservação, sendo dirigida àqueles que cuidam da criança, ela carrega também interesses eróticos, que no período de latência ficam inibidos no seu objetivo. Essas correntes se separam para preservar a criança no complexo edipiano.

Na puberdade as duas correntes, afetiva e sensual, se unem em torno do mesmo objetivo, porém dirigidas a outro objeto que substitui os primários e com os

quais “se possa levar uma verdadeira vida sexual” (FREUD, 1912, p.165). Nessa época se farão as primeiras escolhas amorosas da vida adulta do sujeito.

De acordo com Freud (1912) em alguns casos, o sujeito pode se fixar em fantasias incestuosas, e ambas correntes, então, se dividirão novamente para poupar o sujeito da angústia frente à castração, por causa da revivescência da situação edípica. O resultado são pessoas que quando amam não desejam, e quando desejam, não podem amar, tornam-se homens impotentes ou mulheres frígidas. Voltaremos a esse ponto ao tratar do fetichismo logo mais.

Assim entramos na esfera das patologias. Por exemplo, a separação na vida adulta das correntes libidinais, o papel do narcisismo na escolha do objeto, nos remetem a uma maneira regredida de se relacionar com o outro. Além destas, há outras chances de se cair num destino mais doentio de relação. Esse será nosso tema do capítulo a seguir: os aspectos patológicos da paixão que podem levá-la a ser marcada pelo adoecimento.

3. ASPECTOS PATOLÓGICOS DA PAIXÃO

Delimitamos nossa esfera de pesquisa à paixão amorosa, estudamos sua conceitualização na Grécia Clássica e nossos dias, enfatizando seu aspecto *páthico* e a distinguindo do sentimento de amor.

Em seguida nos detivemos em sua compreensão pelo ponto de vista da psicanálise, estudando as instâncias ideais envolvidas no processo, a economia do narcisismo e a dinâmica psíquica da escolha do objeto.

De acordo com nossa pesquisa pudemos distinguir três caminhos para a paixão: ela dar lugar ao amor; ela se extinguir sem maiores danos, por autocombustão, ou ela se fixar num quadro patológico.

Partiremos agora para os desdobramentos patológicos da paixão, não perdendo de vista a noção discutida no primeiro capítulo sobre a patologia em psicanálise dentro da perspectiva de desequilíbrio de investimentos, fixidez, ausência de maleabilidade e excesso.

Observamos que a paixão, ao partir de *hybris*, da fusão ao objeto, pelo qual o sujeito desenvolve uma fixação, ao implicar sempre numa dose de sofrimento, tem características peculiares da patologia. Mesmo assim podemos falar da patologia da paixão quando seus aspectos “normalmente patológicos” aprisionam o sujeito num desdobramento marcadamente doentio, sem conseguir uma saída saudável para o estado instalado.

Tendo como base os conceitos levantados no segundo capítulo – ego ideal, narcisismo primário, escolha objetal narcísica - iremos usá-los para pesquisar possíveis patologias do apaixonar-se, abordando a paixão pelo prisma do narcisismo, da melancolia, da alteridade, da alienação e do fetichismo.

Iniciaremos pela pesquisa da economia narcísica no seu aspecto patológico, e em seguida veremos as demais condições. No nosso entendimento os demais tópicos pesquisados têm as dificuldades narcísicas como questão de base, mas escolhemos elencar o narcisismo patológico como desdobramento independente para lhe dar o devido destaque.

3.1. Narcisismo Patológico: o narcisismo que mata e fere

No capítulo anterior discutimos como o narcisismo primário é fundamental para o ser humano, uma de suas principais funções é amalgamar e dar sustentação à constituição do sujeito. Agora iremos tratar de um outro lado do narcisismo, aquele que se encontra mais ligado à patologia.

Freud (1914) fez uma distinção entre um narcisismo primário e um secundário. O primário seria um primeiro movimento pulsional, no qual as pulsões se organizam num investimento unitário em torno do ego, o qual, fechado em si mesmo, não toma conhecimento do mundo externo. Já o secundário seria construído sobre a base do narcisismo primário, designando o estado que é instaurado quando a libido, investida nos objetos, retorna em direção ao eu, com o conseqüente desinvestimento do mundo externo e o fechamento em si mesmo.

O narcisismo secundário tem íntima relação com a patologia. Freud (1914) o explica como uma retirada dos investimentos do mundo externo e dos objetos concretos levando ao retorno da libido para ego, usando a retirada da libido na esquizofrenia⁴⁹ para compreender o que se passa nesse segundo tempo do movimento de refluxo da libido de volta ao ego.

Semi (2011) determina a passagem do narcisismo primário para o secundário calcada no fracasso do primeiro.

O narcisismo secundário nasce das cinzas do primário e exprime uma tentativa de reconstruir condições interiores, psíquicas, de prazer, de autoconservação, de segurança, que aquele, ilusoriamente, garantia. A passagem, porém não é pequena, e o fracasso não é indolor” (SEMI, 2011, p.85).

A saída do narcisismo primário é por si só ameaçadora. Rank (1924)⁵⁰ fala do trauma do nascimento, quando o bebê é separado do corpo mãe por ocasião do parto. Esse seria o protótipo da sensação de desamparo e da angústia de castração. A

⁴⁹ Freud, por muito tempo, englobou a esquizofrenia na categoria de neurose narcísica, já intuindo, talvez, uma parcela de narcisismo na mesma.

⁵⁰ O artigo em que Rank trata desse assunto é citado por Freud em *Inibição, Sintoma e Angústia* de 1926

passagem do narcisismo primário para a relação de objeto traz inerente semelhante angústia à medida que, nesse momento, o bebê irá se perceber verdadeiramente vulnerável, tanto ou mais do que no momento do nascimento, pois, entenderá que precisa do outro para sobreviver e este outro não é controlável por suas vontades. A adaptação a essa nova realidade pode ser mais, ou menos, dolorosa, o que implica em acionar defesas mais, ou menos, radicais e adequadas frente ao mal estar despertado pela nova situação.

Conforme nos relembra Semi (2011), enquanto estado inatingível, o narcisismo é sempre infeliz, posto que traz consigo uma exigência de completude que nunca poderemos alcançar. “Se esta é a condição humana – a de ser incompleto -, em muitas situações o narcisismo se torna particularmente infeliz, fazendo que o indivíduo se lance em uma condição de sofrimento e de angústia” (SEMI, 2011, p.46).

Freud (1914, p.117) observa que o “desenvolvimento do ego consiste num afastamento do narcisismo primário e dá margem a uma vigorosa tentativa de recuperação desse estado”, explicando que esse afastamento é ocasionado pelo deslocamento da libido em direção a um ideal do ego imposto de fora, sendo a satisfação, então, provocada pela realização desse ideal.

Entendemos que essa saída através o ideal do ego envolve realizações que remetem à idealização de si próprio parecida com aquela do estado infantil, porém intermediadas pela realidade. Nisso incorre também o amor (diferentemente da paixão), numa escolha de um ideal factível no que tange o objeto amoroso, com idealizações, mas também com o reconhecimento das limitações do outro, sem almejar a perfeição.

Nunca atingimos o sentimento de unidade e plenitude, observa Mogueillansky (2014), ainda que sempre o busquemos. “Do ponto de vista da psicanálise, diríamos que todo sujeito, a despeito de si próprio é um sujeito dividido que não se resigna a sê-lo” (MOGUILLANSKY, 2014, p.113). O autor indica o ego ideal como a continuidade e persistência da sensação de completude e frisa que nesse desejado sentimento de completude não há outros.

Como mostramos no capítulo anterior, na paixão busca-se a idealização igual àquela do narcisismo primário, um momento que deveria ser superado no

desenvolvimento psíquico. A utilização do apaixonamento como forma de retorno narcísico primitivo diz muito a respeito desse sentimento e daquele que o vivencia. Um sentimento desde logo contraditório, à medida que, já que busca a completude narcísica primitiva, não deixa espaço para o outro.

À medida que a paixão é intermediada pelo ego ideal, ela remete ao narcisismo primário que deveria ter sido elaborado, dando lugar ao investimento objetal. Apesar da paixão envolver um objeto, ele não é reconhecido, nos levando a pensar num fechamento narcísico patológico, não estruturante, não deixando espaço para outros investimentos saudáveis.

Não se deve esquecer que o investimento nos objetos é o caminho natural à saída do narcisismo inicial e a volta da libido para o ego não necessariamente se configura numa patologia. Freud ilustra a situação comparando o ego a uma ameba que lança seus pseudópodos e o recolhe conforme a conveniência. Assim também faz o ego ao direcionar os investimentos para o mundo externo e os retirar de volta ao ego.

Tal retirada pode ser temporária ou mais permanente. Da fixação da libido de volta ao ego depende a patologia ou não. Essa dinâmica foi tão cara à Freud, que, dos anos 1914 até 1920 o conflito psíquico foi colocado em termos de libido objetal versus libido do ego, destacando a importância do direcionamento libidinal.

Em situações de frustração, de perda do objeto, quando há uma elaboração saudável da mesma, ocorre a retirada estratégica da libido levando ao retorno ao ego com posterior reinvestimento em novos objetos. Esse é o caso do luto⁵¹.

No entanto, há pessoas que não conseguem fazer esse refluxo da libido ao ego e depois dirigi-la de volta ao mundo externo, ficando impedidas de novos investimentos objetais, incorrendo num narcisismo secundário patológico. Pensamos que na paixão ocorra dinâmica semelhante, onde o objeto eleito é mero espelhamento do ego do apaixonado, através da projeção de seu ego ideal, gerando mais um estado de fusão do que de investimento saudável.

Os sujeitos com dificuldade de investimento genuíno no outro podem ser entendidos como pessoas com dificuldades narcísicas, que, como pontua Hornstein (2009), parecem encurraladas por uma autonomia que se transforma em solidão

⁵¹ A melancolia será vista no próximo tópico.

devastadora e uma reação negativa frente à aproximação do outro o qual isola com a pulsão mortífera.

Quando se busca a fusão, é porque sozinho temem perder seu sentimento de si ou seu sentimento de autoestima. Combatem a angústia de separação-intrusão criando uma série contínua de relações de objeto narcísico. O intolerável é a alteridade. Um excesso de presença é intrusão. Um excesso de ausência é perda (HORNSTEIN, 2009, p. 51).

Esse é o tipo de situação que vemos quando a presença do outro é fonte de angústia, uma vez que é vista como uma invasão, desmoronando o equilíbrio precariamente sustentado pelo sujeito. Ao fusionar-se com o outro, lhe é negado o seu reconhecimento.

Uma dificuldade a mais da relação passional, a depender da fenda egóica do sujeito e da projeção do ego ideal no outro, é o ego estar tão esvaziado do seu narcisismo que a libido encontra dificuldade para retornar de forma saudável. É como se não houvesse praticamente solo fértil onde ela pudesse ser novamente plantada. Assim há pouca chance de um reinvestimento construtivo em si para uma nova recatexização no mundo externo. Com o afastamento do objeto, ele praticamente leva o ego – ideal – do sujeito, que de tão empobrecido mal tem condições de se recuperar libidinalmente.

Montero (2005, p.16) cita uma frase de Catão que diz que “a alma do amante vive num corpo alheio”, nós o parafraseamos afirmando que “o ego do apaixonado vive num corpo alheio”. Em casos mais patológicos o ego parece ter feito morada permanente no outro e desaprendeu o caminho de volta.

A questão do narcisismo nos leva além. Se olhado sob novo prisma, nos levanta a hipótese de que pessoas com personalidade marcadamente narcísica acabam por exercer enorme fascínio sobre outros que terminam se apaixonando “loucamente”.

Pessoas com personalidade narcísica são aquelas que diante das dificuldades frente ao abandono compulsório do narcisismo primário criam feridas incuráveis decorrentes da desilusão consigo mesmo e com a realidade do objeto. Elas buscam aparentar grande autoconfiança, mas possuem pouca solidez interna.

É o caso do *falso self*, termo cunhado por Winnicott (Zimerman, 2001) para falar do fenômeno em que o verdadeiro *self* permanece escondido e cria uma imagem falsa para ocultá-lo, desse modo a visão que o sujeito tem de si e a que as pessoas têm dele é da casca espessa que ele criou.

Há ainda o *self grandioso* que se encaixa na descrição que queremos enfatizar. Esse conceito é empregado por Kohut (1988⁵², apud ZIMERMAN, 2001) para se referir à imagem onipotente e perfeita que a criança tem de si mesma, e nos casos em que ela persistir “o sujeito vai apresentar algum grau de transtorno narcisista de personalidade” (ZIMERMAN, 2001, p.378).

No transtorno narcisista de personalidade, o sujeito se defende da baixa auto estima, fingindo, muitas vezes até para si mesmo, uma grande segurança interna e um ego muito bem investido libidinalmente, por si e pelos outros. Esse tipo de personalidade pode ser chamado simplesmente de “narcísica” ou “narcisista”. As pessoas narcísicas demonstram onipotência e prepotência para disfarçar um grande vazio interno e medo do outro.

Numa alusão à dificuldade desses sujeitos, Green (1988b) explica: “os narcisistas são pessoas feridas – de fato, carentes do ponto de vista do narcisismo” (p.17). Tais pessoas fogem do encontro com a incompletude através da ilusão de não precisarem de ninguém.

Nem todas as pessoas com marcantes dificuldades vividas no abandono do narcisismo primário usam do mesmo tipo de defesa, criando um *falso self*. Muitas externalizam sua fragilidade, tornando-se visivelmente inseguras e dependentes de terceiros, sempre duvidando abertamente de suas capacidades e necessitando da fusão com o outro.

Hornstein (2009) chama a atenção para dois movimentos narcísicos, o de se afastar dos outros ou de se aferrar a eles. O narcisista se distancia quando sente que algo ameaça seu frágil equilíbrio e aferra-se quando sua “sede de objeto apenas se sacia em presença daquele a que cabe a função de refletir para o sujeito” (HORNSTEIN, 2009, p.55).

⁵² KOHUT, H. A Psicologia do self e a cultura humana. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

As pessoas narcisistas com mais propensão a “colarem” no outro, muito fragilizadas egoicamente, precisam sempre de um espelho onde se mirar para se acreditar. Elas não necessariamente desenvolveram personalidade narcísica com sinais de prepotência. Nos indagamos se elas não acabam se atraindo por outras com traços mais marcadamente narcísicos, por acreditarem na autossuficiência que o outro quer aparentar. Dessa maneira encontram um ótimo espelho onde projetar suas auto idealizações, tentando assim compensar sua dificuldade, imaginando que o outro pode lhe prover o que lhes falta. Elas ficam fascinadas pela aparente autoconfiança do outro e buscam, através da projeção e identificação, adquirir tal prazer narcísico para si, o de bastarem a si próprias.

Aulagnier (1985) aponta uma questão semelhante ao descrever a função alienante (vista a seguir), afirmando que para que o Eu possa projetar o poder desmedido e alienante no outro será necessário que o outro se apresente como autopossuidor de uma onipotência em que não precisa de nada, não tem nenhuma necessidade do Eu investidor ou qualquer outro Eu.

Eiguer (2014) traz o conceito de perversão narcísica citando Racamier. Acreditamos que os perversos narcísicos se aproximam muito do que estamos descrevendo como as personalidades narcísicas nesse contexto e por isso nos deteremos um pouco nesse tema, que segundo Eiguer se encontra ainda em evolução.

Ele considera que a perversão narcísica “leva o narcisismo *autossuficiente* aos limites extremos de sua ação (...) com uma combinação do narcisismo com dois outros elementos: a destrutividade e a tendência à extraterritorialidade – ou seja – o sujeito tenta comprometer outra psique” (EIGUER, 2014, p.93).

Racamier (1993)⁵³, citado por Eiguer (2014, P.94) afirma: “o perverso narcisista se faz valer a expensas de um outro”. Aqueles com perversão narcísica agem através de manipulações psíquicas, por intimidação, produzindo perplexidade, paralisia, desvalorização, invasão da mente por produção de culpa nas vítimas que acabam aceitando todo tipo de compromisso em detrimento da autoestima, acarretando no desmantelamento do próprio narcisismo.

⁵³ Racamier, P.C. (1993). *Le génie des origines*. Paris: Payot.

A perversão narcísica refere-se a uma falha narcísica inicial, define Martins (2009) a partir da qual o sujeito, ao invés de voltar-se para si, busca no poder exercido sobre o outro, uma forma de sustentação e preenchimento de seu próprio narcisismo. O indivíduo odeia o objeto primário por ele ter falhado, mas precisa do objeto, do outro, justamente porque, devido a esta falha primária, sente que não sobrevive sem ele.

Este autor diferencia a perversão narcísica daquela sexual, segundo denominação dele, enfatizando que na primeira o uso do outro como um objeto para si se dá pelo poder e domínio sobre o outro, enquanto a perversão sexual – que, decerto, está também ligada ao narcisismo – responde a uma denegação da diferença sexual. A perversão narcísica necessita do outro para sua própria sustentação egóica.

Naves (1999) também faz uma articulação entre perversão e narcisismo que aponta para esse norte que estamos seguindo. Ela questiona se existe um narcisismo perverso naqueles que para se preservarem sentem que é necessário controlar o outro, numa tentativa de destruir as diferenças, impedindo que os objetos se consolidem e possuam desejos próprios. Essas pessoas desejam criar relações fusionais com o outro para tomarem posse do objeto.

Essas descrições lembram bastante a da alienação abarcada por Aulagnier (1985) e nos remete, em virtude do nosso tema, ao tipo de relação passional que pode se criar no seu aspecto mais patológico. Mesmo Eiguer (2014), que não se refere à paixão em seu texto, observa ser interessante interpretar a perversão narcísica num vínculo onde um outro (aquele que se apaixona, nós deduzimos) vive as consequências da inflação narcísica desejada pelo sujeito perverso.

Ainda citando Racamier (1993)⁵⁴ Eiguer (2014, p.95) esclarece que o objetivo buscado na perversão narcísica é a utilização dos recursos do outro, o sujeito teria necessidade das competências desse outro, gostaria de nutrir-se de sua vitalidade, de seu entusiasmo, o outro seria um “*utensílio* a serviço das funções de que o perverso narcísico teme carecer”.

Na paixão, uma das possibilidades é o sujeito ser atraído por um outro com perversão narcísica, caindo na cilada de ter no outro aquilo que lhe falta, sem perceber que é este outro, supostamente superpoderoso, que necessita dele. Vemos essa

⁵⁴ Op. cit.

dinâmica em paixões que envolvem submissão extrema, onde a baixa auto estima e masoquismo do apaixonado permitem sua inclusão nesse jogo de vampirização narcísica.

Não podemos deixar de pensar que mesmo aquele que se apaixona tem a imensa necessidade de fusionar-se ao objeto, podendo, ele também, o apaixonado, estabelecer com o outro essa relação narcísica e perversa. Como nos lembra Andrade Lima Filho o apaixonado é também ele um sedutor, um sedutor “que se oferece como objeto de gozo para o outro”⁵⁵ (Informação verbal)⁵⁶. Ele não seria apenas vítima de relações vampirizantes, mas muitas vezes, seu mantenedor.

A questão concomitante às relações com pessoas com traços narcísicos, perversos ou não, é que aqueles com essas características não sabem amar o outro. Assim a busca por uma cura do narcisismo esfacelado acaba acarretando em mais estilhaços ainda. Não apenas há uma desilusão de completude, como também a dor diante da ausência de um investimento qualquer que seja por parte do outro.

Semi (2011, p.79) pontua o que pode acontecer em tais relações:

o narcisismo, por definição, é uma relação pessoal que elimina o outro, caracterizada pelo investimento afetivo em si mesmo. Todavia isso não exclui que os outros existam, e nem que se estabeleçam relações. Existem relações com, ou entre, pessoas particularmente narcisistas, e essas relações sempre possuem a característica de provocar um efeito de solidão.

Ainda na vertente do narcisismo, iremos agora *mais além*, o abordaremos pelo prisma da pulsão de morte na busca de compreender outro processo que pode estar subjacente à dificuldade do refluxo saudável da libido.

Há de se pensar que quando Freud introduziu o narcisismo na teoria psicanalítica, em 1914, ele ainda não havia teorizado sobre a pulsão de morte. Ele

⁵⁵ Este poderia ser outro destino patológico da paixão, visto pelo prisma do masoquismo, talvez como uma aproximação ao narcisismo destrutivo de Rosenfeld (1988). No entanto não nos deteremos nesse aspecto para não ampliarmos em demasia nosso campo e perdermos em profundidade os destinos patológicos escolhidos para a pesquisa.

⁵⁶ Comentário feito por Andrade Lima Filho, I. na banca prévia realizada em Recife em vinte e dois de fevereiro de dois mil e dezesseis).

mudou, por exemplo, sua concepção econômica do masoquismo (1924) em virtude do novo conceito. Outras noções também foram reformuladas a partir da perspectiva surgida em 1920⁵⁷, tal como os polos do conflito. Porém, como destaca Green (1988b, p.39), o “narcisismo, abandonado por Freud, por razões pretensamente teóricas, fica suspenso depois de *Além do princípio do prazer*”, comentando que, na sua última síntese teórica, o *Esboço de psicanálise* (1937), ele pouco é mencionado.

Destacaremos as elaborações teóricas feitas por alguns psicanalistas a partir do conceito de pulsão de morte as relacionando ao narcisismo com intenção de chegar à patologia da paixão.

Green (1988b) chama a atenção para uma articulação necessária entre o narcisismo e a pulsão de morte, pontuando que tal articulação mostra sua face na melancolia, a qual se apresenta sob a jurisdição do narcisismo e é também descrita como expressão da pulsão de morte. O autor propõe chamar de narcisismo negativo (discutido logo a seguir) essa junção entre narcisismo e tânatos.

Prado (1988) pontua que apesar de Freud ter-se ocupado com profundidade e brilhantismo das diferentes direções levadas pelo estudo do narcisismo, não considerou as modificações que se impunham sobre esse conceito após o surgimento teórico dos instintos de vida e de morte. “O que ele fez foi desenvolver separadamente o conceito de masoquismo em contraposição ao de narcisismo, de forma que dificultou a justaposição dos dois conceitos e as relações implícitas de um com outro”. (PRADO, 1988, p.16)

Roussillon (2015) reflete que sem destrutividade nada pode ser criado, para algo novo surgir, é preciso destruir o estado anterior, o problema clínico da destrutividade não é ela em si, mas as formas nas quais se exprime e se manifesta. Para ele, como outros tantos teóricos citados a seguir, a destrutividade pura e absoluta não existe a não ser como conceito.

O teórico pontua que violência e agressividade não devem ser entendidas como formas diretas de uma pulsão destrutiva, há outros sinais que não são assim evidentes, como ansiedade, sofrimento e desamparo. Roussillon (2015) compartilha a ideia freudiana, bastante abordada por Green (1988c) de que o que se chama de pulsão de

⁵⁷ *Além do princípio do prazer*

morte é uma indicação de que a ligação entre pulsão e objeto falhou, levando ao desligamento.

A pulsão de morte é um conceito, dizem diversos autores, além de Roussillon (2015), como Rosenfeld (1971), Green (1988b), Prado (1988), ela não é um dado observável, tal qual a libido. Ela nunca se encontra no seu estado puro, mas sempre fusionada a Eros, pulsão de vida. Há uma variação na prevalência de uma ou outra, no entanto, tãatos nunca está só.

Laplanche (1988, p.17) explicita que morte, no termo pulsão de morte, não é a morte do outro, mas, “em primeiro lugar, *a morte do próprio indivíduo*, e somente de maneira secundária a morte infligida ao outro”. Ele afirma que Freud passou anos recusando a “pulsão de agressão” que lhe era incessantemente sugerida por seus discípulos. A agressividade já é resultado da fusão das pulsões de vida e de morte, servindo como uma maneira de deslocar a pulsão de morte para o exterior, com o intuito de proteger o sujeito de tãatos desfusionado.

O autor relembra que pulsão de morte está estreitamente ligada, em Freud, à noção de princípio do zero ou de Nirvana e à compulsão à repetição. Em suma, o indesejável, o demoníaco, o que não se pode ligar nem controlar, retornam com toda força em *Além do princípio do prazer*, afirma Laplanche(1988).

As pulsões sexuais de vida funcionam segundo o princípio da energia ligada, (princípio de constância); seu fim é a síntese, a manutenção ou a constituição de unidades e de laços; são conformes ao eu; seu objeto-fonte é um objeto “total”, regulador. *As pulsões sexuais de morte* funcionam segundo o princípio de energia livre (princípio do zero); seu fim é a descarga pulsional total, ao preço do aniquilamento do objeto; são hostis ao eu que tentam desestabilizar; seu objeto fonte é um aspecto clivado, unilateral, um indício de objeto (LAPLANCHE, 1988, p.27)

Hanna Segal (1988, p.41) defende que a libidinização está quase sempre presente como parte da fusão das pulsões de vida e de morte. Num desenvolvimento sadio, a fusão das pulsões se dá sob a égide da pulsão de vida, e a pulsão de morte desviada – a agressividade – está a serviço da vida. Onde a pulsão de morte

predomina, a libido está a serviço desta. Isto é particularmente manifesto nas perversões.

A autora inglesa indica um estreito vínculo entre a pulsão de morte e a inveja. A pulsão de morte é uma reação à perturbação provocada pelas necessidades. O objeto é percebido ao mesmo tempo como uma perturbação que cria a necessidade e como único meio capaz de anular esta perturbação. Enquanto tal ele é odiado e invejado.

Se há uma pulsão sexual dirigida ao ego do sujeito, por que não haveria uma pulsão de morte igualmente dirigida para o ego de sujeito? Freud não teve tempo ou interesse de se ocupar dessa questão, mas outros autores, como os citados acima se debruçaram no estudo sobre a interrelação entre narcisismo e tânatos. Dentre esses, nos deteremos em especial Rosenfeld e Green, os quais mais se destacaram nesse estudo.

Rosenfeld (1971) relembra que Freud (1920) enfatizou que a pulsão de morte tende a levar, silenciosamente, o indivíduo em direção à morte e somente através da atividade da pulsão de vida, tânatos é projetado e surge como impulso destrutivo contra objetos no mundo externo. Ambas as pulsões se encontram fusionadas, não sendo possível observar a pulsão de morte na sua forma original, já que ela se manifesta sempre como processo destrutivo contra os objetos ou o *self*. Tais processos parecem operar em sua forma mais virulenta em patologias narcísicas.

Fazendo referência à afirmação freudiana de que, à época do narcisismo primário, quando o objeto faz sua aparição (quando a criança reconhece a existência do objeto), o ódio atinge seu ápice, Rosenfeld (1971, p.169) conclui: “o ódio, enquanto relação com o objeto, é mais antigo que o amor. Ele deriva do repúdio primordial do narcisismo egóico em relação ao mundo externo com seu excesso de estímulos”⁵⁸.

Ele introduz o conceito de fusão patológica para aqueles processos onde, na mistura de impulsos libidinais e destrutivos, a força dos impulsos destrutivos fica mais forte, enquanto que na fusão normal a energia destrutiva fica mitigada e neutralizada.

Rosenfeld (1971) destaca que a fusão do *self* com o objeto funciona como defesa contra o reconhecimento da separação entre ambos. A percepção da separação

⁵⁸ Tradução livre

leva imediatamente a sentimentos de dependência do objeto e, conseqüentemente, à frustração.

O autor diferencia aspectos libidinais e destrutivos do narcisismo. Ao considerar o narcisismo pelo seu aspecto libidinal, observa-se que a supervalorização do *self* desempenha um papel central, baseado principalmente na idealização. A idealização do *self* é mantida por identificações projetivas e introjetivas onipotentes com objetos bons e suas qualidades. Dessa maneira a pessoa narcisista acha que tudo que é valioso relacionado aos objetos externos e o mundo exterior é parte dela ou é onipotentemente controlado por ela.

Paralelamente, segundo o autor, quando se considera o narcisismo pelo seu aspecto destrutivo, encontra-se outra vez a idealização do *self* desempenhando um papel central, porém agora a idealização diz respeito a partes onipotentes *destrutivas* do *self*. Ela é dirigida contra qualquer relação de objeto positiva e também qualquer parte do *self* que sinta necessidade por um objeto e deseje depender dele.

As partes destrutivas do *self* geralmente se mantêm disfarçadas ou silenciadas e cindidas, o que encobre sua existência e dá a impressão de que elas não têm relação com o mundo externo. Na realidade, explica Rosenfeld (1971), elas têm um efeito muito poderoso em atrapalhar relações objetais que envolvam alguma dependência e a manter o objeto em permanente desvalorização, o que leva à aparente indiferença do narcisista no que tange o objeto e o mundo externo.

No narcisismo da maior parte das pessoas, os aspectos libidinais e destrutivos coexistem, mas a violência do impulso destrutivo varia. Nos estados narcísicos onde o aspecto libidinal predomina, a destrutividade se torna aparente assim que a idealização do *self* é ameaçada pelo contato com o objeto o qual é percebido como separado. O sujeito se sente humilhado e desafiado pela revelação de que é o objeto externo que, na realidade, contém as qualidades valiosas que ele tinha atribuído a si próprio. Nisso surge um impulso de destruição do objeto e de si mesmo.

Esses conhecimentos podem nos ajudar a pensar a paixão na sua característica mais destrutiva, que a torna patológica, inclusive aquele que tenta evitar a percepção do objeto, e age como se o mesmo fosse um prolongamento do ego do sujeito.

Como observou Rosenfeld (1971) ao se referir ao narcisismo libidinal, o sujeito narcisista acha que tudo que é valioso nos objetos externos e o mundo exterior é parte dele. A fusão com o objeto serve justamente para não desfazer esse pressuposto de onipotência do sujeito.

A percepção da separação leva a uma sensação de perda. A partir daí pode-se estabelecer um processo de luto ou de melancolia. Tendo em vista o tipo de escolha de objeto – a narcísica – por trás da paixão, elevam-se as chances de se estabelecer a melancolia, como veremos a seguir.

Há ainda um componente agressivo, ou melhor, auto agressivo, que poderá levar a uma situação narcísica destrutiva. O objeto, quando reconhecido duplamente: na sua existência e também enquanto portador das boas qualidades que o sujeito atribuía a si passa a ser atacado pelo impulso agressivo. E, como afirma Rosenfeld (1971), o sujeito também ataca a si próprio. Entendemos que o autor está-se referindo a um processo semelhante àquele exposto por Freud (1917) ao abordar a melancolia. É provável que Rosenfeld, especialmente por ser um teórico das relações objetais⁵⁹, reforce o narcisismo destrutivo como um ataque a uma parte de si identificada com o objeto perdido.

Rosenfeld (1988) fala de um ataque ao ego por causa da frustração com o mesmo ao descobrir que ele não é aquele ideal imaginado, este ideal cabe ao objeto. Assim, o ego é auto atacado por ser ele o causador da frustração devido a sua insuficiência. Na verdade é um ataque de todas as formas, dirigido ao ego em si pela decepção que ele causou e um ataque ao objeto introjetado pela decepção da qual ele foi o precursor, o qual agora se fundiu ao ego.

Na paixão, quando o sujeito não consegue superar a perda do outro, mesmo que seja a perda da ilusão sustentada pelo outro, imaginamos que ocorra uma dinâmica dessa natureza. O sofrimento se perpetua em virtude dos ataques autodirigidos. O sujeito perdeu uma parte significativa de si, a parte que ele entendia como sendo totalmente “boa”, lhe resta agora as partes más do objeto e de si próprio.

⁵⁹ O texto do Luto e Melancolia (1917) é tido como emblemático para a teorização kleiniana

Enquanto um funcionamento mais primitivo, o objeto e o ego estão cindidos, numa base de “somente bom” ou “somente mau”. O sujeito entende que tudo que era bom foi-lhe retirado e ele ficou apenas com o que é ruim.

Há ainda um dificultador a mais, caso o sujeito aceite a dependência do objeto, “as partes onipotentes e destrutivas do *self* que são idealizadas se dirigem contra a relação objetal libidinal e positiva e contra qualquer parte libidinal do *self* que sinta a necessidade de um objeto” (ROSENFELD, 1988, P.140). Dependência do objeto é imperdoável e passível de punição. Na paixão, onde há grande dependência fusional do outro, o ego do sujeito apaixonado deverá “pagar” por isso, levando a um espiral de punição, dor e sofrimento.

Tais conjecturas nos ajudam a pensar no papel do narcisismo destrutivo na dinâmica patológica da paixão. Ainda quanto à destrutividade embutida no narcisismo, há o ponto de vista de outro importante autor que se dedicou ao assunto: Green.

André Green (1976/1988c) defende a ideia de que não se pode aceitar a segunda tópica sem levar em conta a última teoria das pulsões. Ele considera importante adequar o postulado da pulsão de morte às noções até então estabelecidas.

Dessa forma, introduz o conceito de narcisismo negativo, “duplo sombrio do Eros unitário do narcisismo positivo” (GREEN, 1976/1988c, p.41). Para Green todo investimento objetal, assim como egóico, implica na sua contrapartida, um movimento invertido, um retorno regressivo ao ponto zero. Esse retorno ao ponto zero caracteriza o narcisismo negativo.

O narcisismo negativo envolve a preponderância da satisfação narcisista sobre a satisfação objetal, nesses casos, a primeira é julgada mais desejável do que a segunda, já que esta última implica numa satisfação submetida à dependência, ao objeto e às variações aleatórias do mesmo. Além disso, há as respostas sempre incompletas que o objeto proporciona, muito aquém do que se imaginava que ele iria realizar.

O autor afirma que certos temas da metapsicologia freudiana mostram o trabalho da pulsão de morte em alguns aspectos da vida psíquica e cita dentre elas a função do Ideal. Ele não explica porque o considera como exemplo do trabalho de tãatos, mas dá uma pista numa mesa redonda com Hanna Segal, Widlöcher,

Laplanche e Rechartdt (1984/1988c) onde reafirma que o narcisismo primário tem relações com a pulsão de morte. Green (1984/1988c) diz que Freud falou de um narcisismo primário absoluto, que seria, para o autor francês, a própria imagem do desinvestimento, vinculando-o à pulsão de morte. Podemos pensar que Green liga o ideal a tãatos porque ele envolve um refluxo das pulsões sexuais do objeto em direção ao ego, num processo de desobjetalização, atividade nodal da pulsão de morte para ele.

Aqui se faz importante entender melhor o conceito de função desobjetalizante trazido por Green (1967/1988b, 1976/1988b, 2010). O autor sugere a hipótese de que o objetivo primordial das pulsões de vida é assegurar a função objetalizante, qual seja, criar uma relação com o objeto interno e externo, bem como promover à condição de objeto o que não possui nenhuma das qualidades, propriedades e atributos de objeto. Ele chama a essa artifício de objetalar o investimento.

Inversamente, a meta da pulsão de morte é realizar uma função desobjetalizante pelo desligamento. Não é somente o objeto que é atacado, mas todos os substitutos deste, inclusive o ego. Green (2010, p.100) afirma: “a manifestação própria à destrutividade da pulsão de morte é o *desinvestimento*”.

O autor reflete que a função desobjetalizante é bem diferente do luto e se constitui num procedimento mais radical que se opõe ao trabalho deste, uma vez que este último tem como núcleo o retorno à função objetalizante.

A ação da pulsão de destruição ou de morte, diz Falcão (2014) se manifestam sob o efeito de uma função desobjetalizante pelo desligamento. A pulsão de morte está em ação cada vez que os objetos se encontram desqualificados e deixam de ser valorizados.

Ocorre um engodo em pensar que há um investimento no objeto, há um investimento numa ilusão de objeto que subtrai os investimentos outros em objetos substitutos; daí sim, caracterizando explicitamente o ataque a qualquer tipo de investimento, a uma desobjetalização do vínculo.

Aulagnier (1985), sem fazer menção a Green ou aos termos cunhados por ele, fala, de certa forma, numa vontade “desobjetalizante” do ego, à medida que reafirma

que na paixão, o outro se torna uma necessidade e não uma escolha. A partir dessa constatação, ela declara que o objeto da paixão é:

este objeto híbrido capaz de satisfazer ao mesmo tempo Eros e Tanatos, a supremacia do sofrimento como o desejo de não mais sofrer e não mais desejar que daí resultam mostram que a escolha de objeto é mais obra de Tanatos que de Eros (AULAGNIER, 1985, p.157).

Destacamos que ela enfatiza o desejo de não mais desejar, qual seja, uma expectativa de desobjetalização.

Ainda a respeito de tãatos, Segal (1984/1988, p.95) também advoga que “o narcisismo primário é toda expressão da pulsão de morte”, essencialmente na medida em que é desobjetalizante, deduzindo que só há narcisismo libidinal no narcisismo secundário.

É bastante interessante olharmos o ego ideal pelo prisma da pulsão de morte para entender a paixão patológica sob a perspectiva do narcisismo negativo. Pelo que vimos até agora, o ego ideal é a instância diretamente envolvida no apaixonamento, sendo projetado praticamente por completo no outro para o qual os investimentos são totalmente dirigidos. Há uma descarga libidinal total no objeto externo, havendo uma estreita conexão com o narcisismo negativo de Green (1967/1988b, 1976/1988c, 2010), onde há uma descarga total, chegando ao nível zero. Há também, de certa forma, uma situação de desobjetalização, ou narcisismo de morte, já que não há objetos outros para os quais o sujeito queira dirigir seus investimentos além do objeto da paixão.

Acreditamos que com o ego deslocado para o outro, ficando empobrecido, fica mais difícil a elaboração do luto. O aprisionamento ao objeto, antes externo, agora internalizando pela via identificatória, gera um processo de melancolia. Na melancolia, oposta ao luto, há uma repetição mortífera no mesmo, que não gera novos investimentos.

Como mencionamos no segundo capítulo, nem o objeto externo é investido, nem tampouco o ego. O objeto externo não é reconhecido em sua alteridade. A economia da paixão tende seriamente a empobrecer o ego, como frisou Freud (1921) há quase cem anos, um empobrecimento que pode levar à morte psíquica.

Vemos como o refluxo egóico saudável da libido e seu novo direcionamento aos objetos é importante para a saúde psíquica do sujeito, isso se faz presente no trabalho do luto. Na melancolia é a patologia diante da perda que predomina. Estudaremos um pouco desse processo para entender a paixão patológica.

3.2. Melancolia

Freud (1917) distingue os dois movimentos do luto e da melancolia frente à perda do objeto, considerando o primeiro saudável e o segundo patológico. Entendemos a melancolia como um dos desdobramento patológicos da paixão.

No luto o mundo que se torna pobre e vazio, já na melancolia, é o próprio ego que se empobrece, sentencia Freud (1917).

Na situação de melancolia verifica-se que o tipo de escolha objetal era o narcísico, de modo que “a catexia objetal ao se defrontar com obstáculos, pode retroceder para o narcisismo” (FREUD, 1917, p.282). Esse tipo de escolha, que Freud percebe ser subjacente aos casos de melancolia, também está eminentemente presente nos casos de paixão. Daí podermos deduzir que a paixão e a melancolia trazem uma dinâmica semelhante e o que se aplica à melancolia pode ser usado para compreender a paixão.

Aqui é importante relembrar a descrição freudiana (1921) da economia psíquica no apaixonamento, dizendo que o ego se empobreceu transbordando sua libido para o objeto. Pensamos que a economia semelhante na paixão e na melancolia, permite deduzir que paixão tem grandes chances de um desenrolar patológico marcado no instante mesmo de sua instalação. Isso não significando que toda ela tenha necessariamente o mesmo destino.

Na configuração da melancolia, a pulsão sexual fica presa na sua volta ao ego, mais especificamente ao objeto perdido, que agora, por via identificatória, se agregou ao ego do sujeito, no que Freud (1917, p.181) constata que “a sombra do objeto caiu sobre o ego”. O investimento que deveria estar direcionado ao mundo externo agora é todo voltado ao mundo interno, porém de maneira soturna e melancólica, identificado que está com o objeto abandonado.

A retração narcísica é corolária do desinvestimento objetal, afirma Green (1988b, p.164), “o sequestro objetal é o desafio de um combate implacável onde o Eu, pensando em machucar o objeto, só consegue machucar a si mesmo”. Green (1984/1988b) correlaciona o luto, como mecanismo estruturante, à pulsão de vida, sendo indispensável para a superação de fixações, e necessário para as mudanças evolutivas. Em contrapartida, a melancolia, que se encontra em oposição ao luto, é permeada pelas pulsões de morte, originando situações que se caracterizam por lutos impossíveis.

Vale ressaltar que a catexia que retorna ao ego refere-se também a investimentos agressivos que seriam destinados ao objeto perdido, e, nesse caso, voltam-se contra o próprio sujeito, uma vez que este se identificou com o objeto. Há de se destacar que nestas relações há um forte componente de ambiguidade e por ocasião da frustração, prevalece a raiva do objeto.

Klein (1952a) teoriza sobre os sentimentos ambíguos acerca do outro, inicialmente abordando a cisão do objeto (a qual leva também à cisão do ego do sujeito) em bons e maus. Ela explica que na fase inicial do desenvolvimento do ego, que ela denomina esquizoparanóide, os objetos são divididos em bons e maus, assim facilitando a relação do bebê com os mesmos. Os objetos bons são idealizados e servem para proteger o bebê dos objetos maus e temidos que o perseguem. Em termos gerais, a criança introjeta as partes boas e projeta as más⁶⁰ dos objetos e do ego, incapaz ainda de lidar emocionalmente com objetos totais.

Fagundes (1993) relembra que uma característica típica das relações objetais esquizóides é a sua natureza narcísica, a qual deriva dos processos introjetivos e projetivos infantis. Ela mostra que os mecanismos básicos presentes no narcisismo são: negação, cisão, identificação projetiva, onipotência e idealização, mecanismos também característicos da posição esquizoparanóide.

Por sua vez, Prado (1988) acrescenta que nesta posição o ego ideal é projetado em outra pessoa, tornando-a predominantemente amada e admirada porque contém as

⁶⁰ O termo esquizoparanóide vem de esquizo – cisão dos objetos em bons e maus e paranóide – perseguição pelos objetos maus.

partes boas (impulsos libidinosos narcísicos) do ego. Nesse período mais primitivo é o ego ideal que intermedia as relações objetais.

Mezan (1987) observa que a idealização é um mecanismo de defesa contra as pulsões destrutivas, uma vez que o objeto ideal, totalmente bom irá defender a criança do objeto mau, persecutório. Ele, entretanto, levanta outra questão: diante do objeto idealizado, sentimo-nos dispensáveis e inferiores, sem nada acrescentar que o objeto já não possua. Isso desperta uma grande inveja e frustração com o mesmo. A frustração se dá à medida que esse objeto tão poderoso não é capaz de aniquilar com todas as angústias da criança. Nós sabemos que isso é impossível, mas ela ainda não; com isso culpa o bom objeto por não lhe restituir o estado de bem aventurança. A inveja e a frustração respondem também pela ambiguidade em relação ao objeto idealizado.

Com o desenvolvimento das funções egóicas o bebê passa a perceber o objeto como um todo e a fazer reparação pelo dano causado imaginariamente aos maus objetos, que ele via apenas como maus, mas agora os percebe como outra faceta dos bons objetos. A criança descobre que, portanto, também atacava objetos tão preciosos e bons. Essa é a posição depressiva, nome dado em virtude da angústia prevalente dessa época pelo mal causado imaginariamente aos objetos amados.

Na ambiguidade presente na melancolia, responsável pelo ataque do sujeito ao próprio ego, que agora se identificou ao objeto perdido, percebemos um funcionamento semelhante à posição primitiva do bebê descrita por Klein (1952b). O objeto amado e idealizado também é invejado e frustrante. Além disso, há maior dificuldade de integração do amor e ódio relativos ao objeto.

Essa porção do ódio desintegrado em relação ao outro retorna para o sujeito, favorecendo a instauração da melancolia, numa dinâmica psíquica em que uma parte diferenciada do ego, o superego, ataca o sujeito com o ódio outrora destinado ao objeto externo. Santos e Sartori (2007, p.17) resumem: “A melancolia, podemos defini-la assim, é o avesso da paixão narcísica. É o ódio puro que viceja no lamaçal, pantanoso e fétido, da decepção consigo mesmo e com seu ideal”.

O quadro que os autores se referem diz respeito a uma fase do desenvolvimento ainda incipiente do ego, que, portanto, lança mão de defesas menos elaboradas e que

tem estreita ligação com o processo patológico da melancolia. Tal ligação entre a posição esquizoparanóide e a melancolia se verifica não só no tipo de escolha narcísica, mas também na ambivalência que acompanha a relação com o objeto. Nessa fase do desenvolvimento, para o objeto ser idealizado da maneira como é, ele é cindido e o sujeito tenta se relacionar apenas com as partes amadas, as quais são enormemente idealizadas.

Ao que nos parece, a paixão tem características mais evidentes da posição esquizoparanóide, especialmente no seu aspecto narcísico, conforme salientou Fagundes (1993), citada alguns parágrafos acima.

Prado (1988) também corrobora nossa hipótese ao destacar que na posição esquizoparanóide é o ego ideal que se projeta no outro. Ego ideal e narcisismo primário estão fortemente entrelaçados no apaixonar-se como temos visto ao longo dessa pesquisa.

Podemos agora pensar na relação estreita entre paixão e melancolia também pelo prisma da teoria kleiniana à medida que a melancolia é associada à posição mais primitiva do desenvolvimento do ego, fase balizada por uma dinâmica semelhante à da paixão.

Diríamos que a melancolia é o outro lado da moeda da paixão, cujo valor de face é o narcisismo. Ambas, paixão e melancolia (sofrimento) estão entremeadas, uma levando a outra consigo, marcadas pela decepção.

Seria, portanto, pertinente conjecturar que onde houver a melancolia, havia uma pessoa apaixonada que adoeceu? Uma pessoa que escolheu seu amado pelo viés narcísico e, sem perceber, elegeu uma forma *páthica* de amar?

Por investir os objetos de maneira narcísica, para o melancólico é difícil desinvesti-los, reafirma Hornstein (2009). Uma escolha objetual dessa natureza, e a ambivalência que se escondia sob o investimento narcísico-idealizado do objeto, dificultam o luto. A melancolia ilustra como o ego é alimentado pelo objeto. “Produz-se uma regressão de escolha de objeto narcísico para o narcisismo. (...) A escolha narcísica se torna identificação narcísica” (HORNSTEIN, 2009, p.104).

O investimento narcísico num objeto, prossegue o autor, equivale a investir em si mesmo através do objeto, portanto o melancólico sente a perda do objeto como uma

perda de si. “O trabalho do luto (...) é bem sucedido quando consegue ligar a pulsão de morte com Eros” (op. cit. p.104).

Castelo Branco (2014) nos recorda que o termo ‘melancolia’ representa, desde Freud, um quadro de perda. No entanto, a perda melancólica é, em sua aparência, uma perda incomum. O melancólico é alguém que permanece ligado a um objeto de amor de maneira patológica, mesmo após a morte ou perda definitiva desse objeto. Esse laço que não cede e que permanece ligado ao lugar vazio deixado pelo objeto de amor indica-nos, de antemão, que não se trata, na melancolia, de uma escolha de objeto comum.

No tipo de escolha com base narcísica, ao perder-se o objeto, perde-se também uma parte essencial do sujeito. Na medida em que se busca no outro o espelho para projeção de uma idealização primitiva, fazendo dele uma miragem onde possa admirar sua perfeição, ao se quebrar tal espelho, o sujeito se vê diante do “azar” de sua castração. Infelizmente, ao contrário da crendice popular, não serão sete anos de azar, mas uma “maldição” que se carregará por toda vida.

Ao invés de um refluxo da libido para o ego, para em seguida ser redirecionada a novos objetos possíveis, como seria a saída saudável na situação de luto, a catexia outrora destinada ao objeto fica presa à imagem dele que a partir de então paira sobre o ego do sujeito, sombreando novas chances de investimento.

O sujeito não se desliga do objeto narcísico e advém uma fixação e perda da maleabilidade de investimentos que caracterizam a patologia. Espera-se maleabilidade da pulsão, cujo objetivo é a descarga levando o aparelho anímico a encontrar objetos que sejam adequados para tanto. O aparelho psíquico é posto em movimento em virtude da pulsão, motivado que está para seu alívio de tensão. No caso da perda do objeto da paixão, o objeto deixou de ser adequado, mas o ego não consegue encontrar substitutos, tão preso e fixado que se encontra ao objeto perdido.

Assim como na melancolia, na paixão também há um objeto perdido, nela a perda se dará sem necessariamente haver um afastamento do objeto. Dela pode advir o luto ou a melancolia. Lembremos que a paixão está fadada ao fim, posto que é impossível sustentá-la devido às bases ilusórias na qual tenta se equilibrar. Mesmo que no lugar nasça o amor, algo fatalmente será perdido. O apaixonamento sempre

envolverá um abandono que diz respeito à perda do reencontro da situação inicial narcísica.

Montero (2005, p.20) adverte que:

Os casais que passam à história como símbolos da paixão perfeita muitas vezes se desfazem na patologia ou na mesquinhez quando olhados de perto. É que todos somos tentados a acreditar que o próximo é capaz de viver a plenitude que sempre se esquivava de nós mesmos: o amor absoluto, a felicidade completa.

Estabelecer um investimento verdadeiro e amadurecido, onde o outro é reconhecido como separado é essencial para um destino saudável da relação. Vemos como o papel do reconhecimento do outro é essencial para entender os mecanismos do apaixonamento e de seu possível adoecer. Estudaremos, então, o conceito de alteridade e depois de alienação para verificar sua conexão com mais um aspecto patológico da paixão.

3.3. A negação da alteridade

Na teoria freudiana fica evidente o trabalho demandado ao sujeito para sair do narcisismo primário ao se deparar com a existência do objeto através de suas necessidades não realizadas. Para Freud o encontro com a alteridade é sempre traumático e descentra o sujeito. A busca pelo objeto que satisfaça a pulsão inaugura e mantém o trabalho psíquico, bem como a subjetividade.

O reconhecimento do outro pode seguir diferentes caminhos, dos mais constitutivos aos mais desestabilizadores. Um deles, que interessa a pesquisa sobre a paixão, é a tentativa de negação da alteridade, com a manutenção de uma fusão ilusória.

Negar a alteridade serve para não se deixar alterar. O outro pode ser visto como um invasor que desestabiliza o sujeito, ele pode negar-se a reconhecê-lo para aliviar seu medo diante de tal estranheiridade. O reconhecimento da alteridade foge à adequação e ao perfeito encaixe entre o Eu e o Outro, e traz em si uma experiência

traumática que passa pela percepção de que o outro sempre excede o sujeito. (COELHO JR e FIGUEIREDO, 2004)

Quanto à fusão com o outro, é provável que, pela ótica do sujeito, ele mal reconheça esse movimento em relação ao objeto, uma vez que ele pouco percebe o outro. Como não se trata de uma negação psicótica, o apaixonado sabe que o outro está ali, no entanto ele usa de subterfúgios para driblar a percepção do outro enquanto sujeito em si, separado e autônomo.

É comum vermos o apaixonado ter a certeza de saber o que é melhor para o amado, ou vê-lo completar aquilo que o outro quer dizer, deduzir o que o outro está pensando ou precisando. Esses são exemplos corriqueiros e superficiais de negação de vida própria do outro. Há outros mais complexos e nocivos como vimos na perversão narcísica e outros que podem se evidenciar no momento em que o objeto não corresponde ao investimento do apaixonado. O sujeito não dá a opção do outro não o desejar, ele sequer entende ou permite que o objeto tenha vontade e vida próprias. Muitos crimes passionais ocorrem imbricados nessa lógica de que o outro não tem o direito de viver uma existência à parte ou ter desejo diferente do apaixonado.

Uma maneira bem específica de negação da alteridade encontra-se no desmentido⁶¹, onde uma percepção é escamoteada, sendo vista, mas desprezada, permitindo duas realidades contrárias conviverem lado a lado. No nosso caso, o apaixonado vê o outro, sabe que ele é separado de si, no entanto, não dá a ele o atributo de ser desejante. Não é à toa que consideramos um dos aspectos patológicos da paixão o excesso do uso do mecanismo da recusa, fazendo do outro um objeto fetiche. A esse tema nos dedicaremos logo mais.

Ainda em relação à alteridade na teoria psicanalítica há a posição de Laplanche (1967/1992), oferecendo um interessante ponto de vista acerca do *outro*.

Laplanche (1967/1992) se utiliza do terceiro golpe narcísico infligido por Freud à humanidade⁶² para falar da revolução que o pai da psicanálise trouxe ao mundo quando nos apresentou esse “outro” que nos habita, o Inconsciente. Ele traça um

⁶¹ Estamos nos referindo ao mecanismo da *Verleugnung*, que diferentes autores traduzem de diferentes maneiras, citamos apenas alguns exemplos: Rejeição em Freud (1927,1938); Renegação para Bleichmar (1985 *Introdução ao estudo das perversões*); Recusa segundo Aulagnier (2003 *A perversão como estrutura*), Desmentido para Serge André (1995 *A impostura perversa*) e Queiroz (2004 *A clínica da perversão*).

⁶² Ao desapropriar o homem de sua própria casa, ou seja, de sua consciência,

paralelo entre a revolução feita por Copérnico ao deslocar a Terra do centro do Universo⁶³ e a empreendida por Freud. Daí o interessante nome do seu livro *A revolução copernicana inacabada* (1992). Ele afirma que Freud provoca um descentramento radical que tem dois desdobramentos, um clássico, a descoberta do Inconsciente, segundo Laplanche, um “centro que ‘excentra” (1967/1992, p.XIII); e outro que é a teoria da sedução, aspecto escondido, porém indispensável ao primeiro, posto que é ele que mantém o Inconsciente no seu papel de estrangeiro. O domínio do Inconsciente é inseparável do seu início, reflete o autor, o qual cria desde então um hiato com todas as concepções do assim referido “inconsciente pré-freudiano” (LAPLANCHE, 1972/1992, p.XIII).

É bem sabido da importância da carta de Freud a Fliess (1886) de 21 de setembro de 1897 em que ele revela ter que abandonar sua “neurótica”. Ele havia descoberto que sua teoria da sedução infantil era majoritariamente fruto da fantasia dos pacientes e não havia tantos casos de sedução real quanto os relatados pelos neuróticos, bem como não havia tantos adultos perversos em Viena quanto dava a entender tais relatos.

Dessa maneira concluiu que a sedução infantil se dava em fantasia, e mais ainda, que esta tinha o mesmo estatuto que a realidade material para o Inconsciente. Freud não abandonou o peso da sedução real, nem as neuroses atuais delas advindas, porém pouco voltou a esse ponto ao longo de sua obra, muito menos sustentou sua teoria baseado nessa hipótese.

Laplanche (1987) não descartou a primeira hipótese freudiana, mas fez uma leitura bastante diferente a respeito da sedução, generalizando-a, sem perversificá-la, podemos dizer. A sedução é natural e não intencional por parte do adulto que cuida da criança, exercendo a maternagem.

Com os cuidados necessários ao infante, na amamentação, no banho, no ninar, o corpo da criança passa a ser erotizado, recebendo uma carga de estímulos que excede sua capacidade de elaboração psíquica.

O Inconsciente é composto de cenas evocadas por lembranças e fantasias, declara Laplanche (1967/1992), e, sobretudo, tais cenas são de ordem sexual. Ele

⁶³ Marcando o primeiro golpe narcísico da humanidade, destronando o sistema criado por Ptolomeu.

explica que o primado do sexual se abre diretamente para a questão do outro, e, em relação à criança, se abre para a questão do adulto em sua posição de estrangeiro. “Corpo estrangeiro interno”, “reminiscência” é o Inconsciente enquanto estrangeiro no sujeito, que por sua vez é colocado no homem pelo estrangeiro, pelo outro, escreve Laplanche (1967/1992) no mesmo artigo.

Num texto posterior, de 1990, compilado na obra acima citada, *A revolução copernicana inacabada*, Laplanche (1990/1992, p. 380), diz que a “alteridade do outro é a sua reação a seu Inconsciente, quer dizer, sua alteridade a si próprio⁶⁴”. O Inconsciente, longe de ser o núcleo da pessoa, é o outro implantado no sujeito. Já o outro, no sentido de outra pessoa, é relacionado à construção da subjetividade humana. Sem o outro, o sujeito não se constitui, o que faria da alteridade algo benéfico, porém, o autor chama a atenção que em Melanie Klein, e antes mesmo, em Freud, o objeto (o outro) é mau, primordialmente por causa das projeções nele efetuadas.

Percebemos o quanto esse outro é visto como ameaçador e o sujeito não se dá conta que precisa dele para se constituir e se manter. O outro é o estranho, o forasteiro, o estrangeiro, alguns chegam a desenvolver uma xenofobia diante desse algo que escapa dos domínios deles mesmos.

Apesar da paixão trazer o outro para junto de si, ela ao mesmo tempo, ou por isso mesmo, anula o outro enquanto sujeito desejante. O ser apaixonado, repetimos, não enxerga o outro como um terceiro, ele o vê como um espelho onde se mirar e se fascina consigo mesmo refletido na perfeição projetada. No entanto, o apaixonado não se dá conta disso, pois, além do outro sujeito que ele não reconhece, há um outro ainda mais poderoso que o cega, é o estrangeiro dentro de si, o inconsciente. Esses processos se dão nessa dimensão estranha que trazemos conosco e, por isso, o duplo desconhecimento: do terceiro e da dinâmica inconsciente que pode nos levar a esse mecanismo.

Lembre-mos, como dissemos no primeiro capítulo, que paixão vem do termo *pathos*, assim como o vem a palavra passividade. Somos passivos diante das forças inconscientes, agimos, sem saber que estamos, na verdade, reagindo a algo que nos afeta sem o sabermos. Somos alterados por essa alteridade que habita em nós.

⁶⁴ Tradução livre.

Somos também apassivados pelo outro, ele desperta em nós defesas e impulsos⁶⁵ que não sabemos explicar por completo através do uso da razão. Segundo Laplanche (1987), esse outro nos apassiva desde o primeiro instante. Ele traz o erotismo para o campo psíquico.

Laplanche (1987) considera a sedução como o fato gerador mais importante em psicanálise. Refere-se à primeira teoria de Freud acerca do assunto (antes de 1897) como a teoria da sedução *restrita* caracterizada pela imposição sexual de um adulto a uma criança, originando cenas que eram recordadas e reconstruídas durante a análise⁶⁶, numa época em que Freud também se valia de informações colhidas junto à família do paciente, naquilo que Laplanche (1987, p.113) denomina com bastante propriedade de “um verdadeiro inquérito objetivo”. Quando o sujeito elabora a sexualidade, posteriormente, ele consegue dar um significado traumático ao acontecimento que ele viveu de forma passiva.

Num outro momento teórico, após 1897, a passividade da criança assume certa atividade, relata Laplanche (1987), tendo em vista que por trás da sedução passiva há uma atividade de provocação da criança, nem que seja em fantasia, forjada pelo pequeno ser para mascarar seus desejos edipianos. O autor relata como para o próprio Freud, na sequência de 1897, a teoria da sedução experimenta um verdadeiro cataclismo, “cataclismo que começa por despedaçar, deslocar, alterar antes de, a seguir, recalcar e depois elaborar de maneira secundária os restantes elementos” (LAPLANCHE, 1987, p.123).

Vemos nessa virada teórica do abandono da “neurótica” freudiana, o grande momento para a psicanálise, uma vez que ela traz para o centro da teoria, verdadeiramente, a sexualidade infantil, um dos pilares fundantes dos conceitos freudianos. Antes havia a sexualidade na infância, traumática, já que imposta. A partir dessa virada, a sexualidade passa a ser *da* infância e não *na* infância, ela pertence a todas as crianças; é constitutiva, inerente ao humano. Isto não significa que ela não

⁶⁵ Usamos aqui *impulso* no sentido de movimento, já que não somos da teoria que é o objeto que desperta a pulsão, mas esta que parte em busca de um objeto.

⁶⁶ Não concordamos que antes de 1897 se possa falar em processo psicanalítico, uma vez que ainda não havia o primado do estatuto da fantasia como realidade no Inconsciente.

seja despertada pelo outro, estrangeiro, o adulto, mas ela não é imposta, ela é desvelada.

Nesse ponto, voltamos à Laplanche (1987, p.126) e a “teoria da sedução generalizada”. Ela tem relação com a “sedução precoce” introduzida por Freud (1933⁶⁷) onde o pai perverso dá lugar à mãe na relação pré-edipiana. A sedução é veiculada pelos cuidados corporais dispensados ao bebê quando a mãe desperta pela primeira vez sensações de prazer no órgão genital.

A diferença ressaltada e introduzida por Laplanche (1987) alarga a dimensão da sedução, observando que o despertar não se dá apenas a nível genital, mas igualmente ao conjunto de erogeneidade do corpo. A mãe traz a erogeneidade da criança à tona.

O outro, o estrangeiro, inaugura no bebê sensações que lhe pertencem, se apoiando em funções orgânicas para se expressarem. O que era autoconservação assume uma função sexual. Apoiado no instinto de sobrevivência, de alimentação e cuidados básicos, o ego descobre outro tipo de satisfação, da ordem do prazer, emergido da libido colada à satisfação orgânica. Entramos na terra estrangeira do erótico, da interdição, do recalque, enfim, do Inconsciente. O encontro com o objeto rememora esse primeiro encontro com o estrangeiro, todo encontro com o objeto, é na verdade, um reencontro com o mesmo, diz Freud em 1905.

Nesse sentido, a paixão é a grande marca do outro, aquele que determina nossas respostas, sentimentos, defesas. Paixões são inexplicáveis, ao menos pela razão. Sua compreensão está na esfera do estranho em nós.

À medida que é o outro real – a mãe, na teoria laplancheana - que nos desvela o erotismo, criando a força do desejo pulsional, podemos também entender o medo que a alteridade traz para o sujeito. Ela inaugura um campo sem respostas ou objetos definidos, nos levando a uma vida de buscas nunca plenamente realizadas. O verdadeiro objeto (qual seja) da satisfação estará para sempre perdido. A pulsão não tem objeto definido.

As paixões são tentativas destinadas ao fracasso de reencontrar esse objeto, apossar-se dele e nunca mais experimentar a frustração. Conforme se dê a

⁶⁷ Novas Conferências Introdutórias, conferência 33: A feminilidade.

persistência nessas tentativas, o aferramento do sujeito ao objeto supostamente perfeito, o destino será marcado eminentemente pela dor, sofrimento e patologia.

O objetivo da paixão é impossível e seu destino incontornável: a decepção. É preciso (re)elaborar essa falta para dar um destino sadio ao apaixonar-se.

A negação da alteridade expressa o ápice do narcisismo, o outro é tão ameaçador ao lembrar sua importância devido à insuficiência do sujeito que ele tenta se convencer que esse outro não existe. Tarefa que não é fácil, já que o ser humano se constitui a partir do modelo alheio.

Na paixão há a necessidade de fusão extrema, com isso pode-se tentar eliminar fantasiosamente esse outro, na busca de recuperar um tempo em que ele não tinha relevância por não ser notado. Nisso está presente a negação da alteridade. Há outra maneira de fusionar-se com o objeto que também leva a uma forma de adoecimento no apaixonamento, a alienação, onde não é o outro que é apagado, mas sim o próprio sujeito. Vejamos essa condição alienante.

3.4. Alienação

Na fusão da paixão pode haver, em maior ou menor grau, o não reconhecimento da alteridade, conforme expusemos até aqui. Há também, outra possibilidade que envolve faceta semelhante no que tange a relação com o outro.

Estamos nos referindo à alienação. Condição particularmente descrita por Aulagnier (1985), a qual desenvolveremos nesse tópico. Na paixão, tanto a alienação, quanto a negação da alteridade, podem ser entendidas como duas faces da mesma moeda, qual seja, o impacto do outro na vida psíquica do sujeito e as tentativas para lidar com esse abalo. Podemos pensar na negação da alteridade e na alienação como formas de funcionamento ativo e passivo da pulsão.

O abandono parece ser o grande medo do apaixonado, já disse Aulagnier (1985). Pensamos que há o abandono *pele* outro e também o abandono *no* outro, onde a pessoa se perde enquanto sujeito, assujeitada que está no outro: eis o cerne do fenômeno da alienação.

Diante da intolerância ao conflito, o qual evidencia a existência de “dois” ao invés de “um”, se compromete a atividade do pensar gerando a alienação, explica Aulagnier (1985, p.34), que a considera uma patologia da idealização e assim a define:

um destino do Eu e da atividade de pensar que visa a um estado a-conflitual, através da abolição de todas as causas de conflito entre o identifiante e o identificado e, também entre o Eu e seus ideais, o que implica visar à abolição de qualquer conflito entre o Eu, seus desejos e os desejos do Eu dos outros por ele investidos. (...) O estado de alienação do Eu se apóia em dois suportes essenciais: uma idealização maciça daquele que exerce para ele a função de força alienante e que é portanto, o suporte de um desejo de alienar, e a retomada pelo sujeito alienado deste mesmo desejo e desta mesma função em relação aos outros, mas agora enquanto adepto, combatente, ‘acólito’ de uma causa.

A alienação visa a redução do conflito e do sofrimento psíquico ao mínimo. Nela está implicada a negação da diferença entre os sujeitos, fazendo com que o desejo de um seja igual ao do outro; assim a distância eu/outro se extingue na fantasia. Anula-se conflitos, sofrimentos, diferenças, e, por fim, incompletudes.

Aulagnier (1985) equipara a relação passional à relação de alienação, que, no seu entender, se não são idênticas, ao menos, compartilham a mesma economia psíquica, fazendo do objeto de prazer uma necessidade, enxergando-o como vital, deixando o sujeito sem possibilidade de escolha.

Para não se instalar uma condição de patologia, é necessário que o ego tenha podido conservar a capacidade de deslocamento e mobilidade dos investimentos, escreve a autora, possibilitando ao sujeito privilegiar tal ou qual ordem de pensamentos, finalidade e fonte de prazer.

Gori (2006) se refere à dor da paixão de uma forma que nos permite associar à conceituação dada por Aulagnier. Ele escreve que o apaixonado suplica por abolir tudo que possa o separar da fusão do amado.

O outro se tornou o próprio lugar do meu ser, ele me falta, vem corporificar minha falta a ser, e, desesperadamente tento reunir-me a ele. Entretanto, para isso é preciso destruir tudo que dele me distingue” (GORI, 2006, p.126).

O autor reflete que esse desejo de transparência do outro e para o outro revela a própria miséria do ser.

Outro autor que também aborda a alienação é Hornstein (2009), ele faz referência a Aulagnier, mas desenvolve suas próprias conclusões. Ele pontua que “a dúvida é a castração no registro do pensamento” (HORNSTEIN, 2009, p.158) e na alienação o sujeito remete a totalidade dos pensamentos ao juízo exclusivo do outro, assim anulado a própria dúvida. Levando adiante o que disse o autor, podemos deduzir que essa é uma maneira de também anular a castração e sentir a completude primitiva, tal qual se tenta fazer através do apaixonamento.

O autor associa a alienação à paixão, afirmando que o apaixonado foge do conflito, iludindo-se ao pensar que o objeto alienante ou o objeto da paixão o excluirá da possibilidade de sofrimento psíquico. Em seguida mostra como esse expediente não funciona, argumentando que quando a capacidade de pensar é parasitada, doada ao outro pela idealização, o que acontece é apenas uma regressão, uma vez que o sujeito não chegou a aceitar que não há saber absoluto.

De forma categórica ele resume:

A idealização amputa, amedronta, deprime, despoja, intimida, cerceia, inibe, submete, paralisa. Em suma aliena. O desejo de não ter de pensar é a vitória da pulsão de morte que converte o pensamento em uma atividade ecológica, estereotipada, mimetizada com o idealizado (HORNSTEIN, 2009, p.159).

Apesar de Eros ter toda relação óbvia com a paixão, no seu aspecto desejante, na supervalorização sexual, na libido narcísica (do ego ideal) projetada maciçamente no outro, há também o outro aspecto da libido que está sempre fusionado à pulsão de vida, esse aspecto é a pulsão de morte.

Negar o outro não deixa de ser também uma expressão da pulsão de morte, coisificando, desobjetalizando a pulsão, nos dizeres de Green (1988b), sequestrando

dos objetos seus investimentos. O outro não é um objeto a ser investido, o verdadeiro objeto é o ego ideal do sujeito que está projetado no outro. A paixão se dá a expensas do ego do sujeito, ela alimenta o do outro, quase matando de inanição o narcisismo do ser apaixonado, como Racamier (1993) e Eiguer (2014) demonstraram.

Aulagnier (1985) traz suas preciosas colaborações ao apresentar o conceito de alienação a qual anula o sujeito, não o outro, ela é a pulsão de morte autodirigida à medida que desfaz as ligações pensantes do sujeito. Ele não tem ideias próprias, ele tem simulacros de ideias copiadas do ser apaixonado com o qual não quer entrar em conflito com a finalidade de anular a separação, as diferenças, anulando os conflitos manifestos pelas ideias. Outra vez uma anulação, porém nessa dinâmica, anulando a si mesmo. Mais mortífero ainda.

Não só a pulsão de morte se faz presente nas patologias da paixão, há ainda outra perspectiva que gostaríamos de pesquisar, a da paixão enquanto fetiche, enquanto engodo para tamponar a castração. De certa forma voltamos ao narcisismo primário, no entanto, nunca havíamos pretendido nos distanciar dele, uma vez que determinamos o ego ideal enquanto o norte da paixão.

3.5. Fetichismo

Procuraremos estabelecer alguns pontos em comum entre a paixão e a perversão, em especial o fetichismo. Para isso apresentaremos nossa pesquisa acerca do mecanismo característicos do fetiche com o objetivo de verificar semelhanças com o apaixonar-se.

Freud tratou do fetiche desde *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) até o fim de seus escritos. Além de outros pontos de sua obra, ele escreveu um artigo emblemático sobre o tema, *Fetichismo* (1927) e deixou um outro inacabado chamado *A divisão do ego nos processos de defesa* (1938) em que discorria sobre o mecanismo primordial do fetichismo.

No início da teorização psicanalítica, o fetiche é uma das perversões citadas no primeiro de seus três ensaios enquanto tipo de sexualidade perversa em que há a supervalorização de uma parte do corpo de outra pessoa ou de um objeto que se torna essencial para o ato sexual. Ele refere-se a uma pulsão parcial que é satisfeita por

causa da fixação do sujeito à sexualidade infantil a qual ainda não amadureceu a ponto de ter atingido a genitalização.

Vale ressaltar que desde essa época, a psicanálise já considerava como patologia algo que fixasse a libido, portanto as perversões teriam que ter o caráter de modalidade de satisfação exclusiva para serem consideradas patológicas.

Num outro momento, a partir de 1927, há acréscimos à teoria da perversão, particularmente, ou por causa de sua percepção acerca do fetiche. Freud considera então que um mecanismo específico é utilizado no fetiche, a *Verleugnung* (rejeição), no qual uma percepção é rejeitada à consciência, apesar do sujeito ainda manter essa crença conscientemente. São duas informações contraditórias que coexistem com certa pacificidade, sem que o sujeito psicotize.

Freud (1927) diferencia a rejeição do recalque (*Verdrängung*) explicando que esse segundo se refere à vicissitude do afeto; já para a vicissitude da ideia a palavra correta seria rejeição (*Verleugnung*). Numa nota de rodapé ele acrescenta que o recalque aplica-se à defesa contra exigências pulsionais internas, advindas do id, ao passo que rejeição se dá como defesa contra as reivindicações da realidade externa, trazidas via superego.⁶⁸

Em 1927 Freud considera o fetiche um substituto do pênis da mulher (a mãe) em cuja existência o menino outrora acreditou e não deseja abandonar tal crença em virtude do medo da ameaça de castração se concretizar. Se a mulher foi castrada, ele também poderá ser. Ele cria um estratagema, o objeto fetiche, para continuar acreditando na existência do pênis nas mulheres e estar mais a salvo da castração⁶⁹. O fetiche representa o falo feminino.

⁶⁸ Abriremos aqui um pequeno adendo quanto à questão da terminologia *Verleugnung* em português. Estamos utilizando, nesse momento, *rejeição* por ser a palavra empregada na tradução da *ESB*, no entanto existem outras traduções para *Verleugnung*, que foram empregadas nos tópicos anteriores, dependendo do autor que a está usando, tais como renegação, recusa, desmentido, como citado na nota de rodapé da página 82. Consideramos esses termos igualmente pertinentes e haverá necessidade de recorrer a eles conforme o autor que estivermos citando. Preferimos não manter uma uniformidade da palavra referente ao mecanismo da *Verleugnung* em prol de sermos fidedignos com o que determinado autor considerou mais apropriado como tradução. Caso se refira a outro mecanismo que não a *Verleugnung*, deixaremos isso claro.

⁶⁹ Nesse caso verificamos o trabalho do recalque como defesa quanto ao desejo incestuoso, do id; e da rejeição enquanto defesa da castração cuja ameaça é uma das funções paternas, superegóicas.

“O fetiche significa, portanto, o triunfo sobre a ameaça de castração”, resume Ferraz (2000, p.33), e permanece na vida sexual do fetichista, cumprindo seu papel de proteção contra ela.

Em 1938, Freud deixa claro, apesar de não ter podido concluir seu pensamento nesse texto, o que já começara a dizer em 1927, que o mecanismo de rejeição não é restrito ao fetichismo, mas é utilizado por todos os seres humanos, sendo bastante útil para a sobrevivência psíquica frente ao medo da castração que os toma de assalto diante da descoberta das distinções anatômicas entre os sexos.

Pereda (1996) traz uma visão semelhante, abordando a recusa num sentido além do patológico, ela o aborda também num sentido estrutural. Esse sentido permite compreender o seu efeito simbólico na organização subjetiva, enquanto sustentáculo da ilusão e crenças infantis. A autora argumenta que a ilusão é expressão do desejo inconsciente e serve para apoiar a função de idealização, própria do processo identificatório.

Recusa-se a ausência do objeto desde a primeira alucinação, que daí por diante dará conta do fantasma. Desde a primeira inscrição, a recusa começa sua tarefa sobre a dialética presença-ausência (PEREDA, 1996, p.541).

Entendemos que sem a ilusão, o desejo não se mantém, não há ideais aos quais se identificar, implicando num prejuízo não só da função de simbolização, (se não há desejo, não há falta), mas também da própria construção da identidade como um todo.

“É necessário recusar a morte e a castração no contexto indefensável”, afirma Pereda (1996, p.541), para mais adiante acrescentar: “insistimos na ação estruturante da recusa que dá conta do imaginário narcisista, onipotente, infantil, sempre ameaçado pela castração” (op. cit., p.541).

Com isso, acreditamos que ela sintetiza o porquê da recusa ser estruturante: com o aparelho anímico ainda em início de organização, seria impossível lidar com angústias tão aniquilantes que colocassem em jogo a própria continuidade do ser. O

psiquismo seria esfacelado antes de ter a chance de criar defesas contra medos tão poderosos.

Podemos pensar na função da recusa enquanto mecanismo necessário para manter o narcisismo primário, estruturante. Ele é importante no início, mas precisa ser posto de lado ao longo do desenvolvimento do ego. Mesmo que constitutivo, já sabemos da importância de sair da perspectiva autocentrada, posta inicialmente, para dar continuidade à subjetivação. Quanto à recusa, é preciso abandonar esse mecanismo por outros mais elaborados.

Para sair da recusa, diz Pereda (1996), é preciso ter acesso à descrença, que implica a aceitação da diferença. Sua persistência dificulta todo trabalho de separação, da elaboração do luto, da dependência narcísica, “tudo o que tem sua origem em modalidades de relacionamentos que supõem um ficar “dependurado” no outro” (PEREDA, 1996, p.542).

Naves (1999) faz uma aproximação entre a perversão e o narcisismo, intermediados pelo papel da recusa. Ela se indaga se a perversão não seria uma defesa estruturada contra uma angústia narcísica, onde o sujeito se vale do mecanismo chave da perversão – a recusa – para aplacar seus temores narcísicos.

Ela relembra Freud (1927) ao referir-se à recusa como forma encontrada pela criança para negar os reais perigos da ameaça de castração. A autora chama a atenção para o fato desse mecanismo não encontrar uma resolução definitiva para o sujeito, uma vez que:

o que foi negado continua presente e exige uma constante renovação. Ele se recusa a perceber a experiência que prova que as mulheres não possuem pênis, no entanto, não conserva a crença que elas tenham um. No lugar dessa crença, mantém o fetiche que se materializa em um objeto (NAVES, 1999, p.112).

Não deixa de ser um processo paradoxal de negação, e ao mesmo tempo de reconhecimento. Um processo que cobra um preço elevado pela estratégia criada, que decorre na clivagem do ego, mantendo uma linha muito tênue de separação entre a perversão e a psicose.

No quesito da paixão, vemos essa linha se partir na erotomania, também conhecida como Síndrome de Clérambault, na qual a pessoa acredita ser completamente correspondida pelo objeto da paixão, em geral um objeto inacessível, com o qual não existe nenhuma relação. Não nos estenderemos nessa síndrome, apesar da sua riqueza, pois não nos focaremos nos quadros psicóticos do apaixonar-se. Esse quadro psicótico não diz respeito a uma relação dual, que é o tipo de relação tratada nesse trabalho. Na psicose há uma colagem do sujeito no objeto, uma fusão vivida como real no delírio ou alucinação. Nossa pesquisa se restringe a relações intermediadas pela fantasia e pela ilusão.

Naves (1999) observa que a representação do falo materno tem importância crucial para o desenvolvimento psíquico do indivíduo, uma vez que a presença deste representa a certeza da presença de si. Com isso ela conclui que a presença da perversão está a serviço da manutenção de um estado narcísico.

“A angústia mobilizada pela castração constitui uma ameaça para a integridade do Eu e, nesse sentido, a negação se torna um eixo em torno do qual, provavelmente, essa autonomia e integridade poderiam ficar asseguradas”. (NAVES, 1999, P.114).

No que se refere ao reconhecimento do outro, Naves (1999) explica que a percepção da alteridade pode vir a significar um esvaziamento de investimentos do Eu, pois onde houver risco de depender do desejo alheio, haverá um obstáculo à satisfação do próprio desejo. Para manter-se narcisicamente investido, é preciso ter a posse do outro sem entraves e sem adiamento, o que leva à necessidade de desconsiderar a realidade do objeto. Essa descrição nos aproxima muito do que temos visto até agora sobre o apaixonamento, especialmente no que tange a dificuldades frente às ameaças à economia narcísica.

Encontramos uma estreita aproximação entre a recusa e fetichismo expostos por Naves (1999) e seu papel no apaixonar-se quando ela afirma que diante da persistência da recusa da ausência, todo trabalho de separação estará dificultado, levando ao prejuízo da simbolização, que acarretará no predomínio do ato sobre o pensamento. Para o apaixonado, além de ser preciso estar fisicamente ao lado do objeto para não incorrer em sofrimento, ele não aceita que são dois, ao invés de um. O outro em sua alteridade é renegado (*Verleugnung*) em alguns casos.

Relembramos Aulagnier (1985) quanto a relacionar a paixão à necessidade, eliminando a possibilidade de escolha. Na recusa, a presença desse outro também passa pela urgência da necessidade, ainda mais porque o sujeito ainda não tem a capacidade de simbolização desenvolvida. É fundamental ver e estar com o outro concretamente, fusionalmente, o sujeito não aprendeu a imaginar a satisfação, ele conhece atos e não pensamentos.

Além disso, tal qual vemos na paixão, o outro é um mero ser coisificado, não se reconhece a alteridade, ele serve enquanto objeto de descarga. Paradoxalmente, não é facilmente cambiável, pois assumindo lugar de objeto fetiche, como é o caso, já está implícito um comprometimento da maleabilidade pulsional, portanto tem que ser ele o representante do falo materno e do reassseguramento na integridade narcísica do sujeito. O objeto fetiche da paixão tem a função de manter coeso o narcisismo do sujeito apaixonado.

Queiroz (1999) e Safatle (2010) apresentam ideias que nos fazem pensar em outra perspectiva quanto a esse aspecto. Queiroz (1999, p.84) observa que há uma diferença sutil entre a perversão e a paixão, ela repousa no fato de:

nas paixões o ser tomado de paixão torna-se objeto e paciente dela e se entrega ao outro ser, que o afeta, sem que necessariamente haja o apagamento do sujeito, enquanto nas perversões, a relação de alteridade fica comprometida.

Safatle (2010, p.84) refere a intercambialidade do fetiche, onde o fetichista conhece bem “o caráter substituível dos objetos de seu desejo, pois sua fixação não é ao objeto, mas ao traço atributivo que ele porta e a respeito do qual ele sabe muito bem não ser um atributo *do objeto*”.

De acordo com esses pontos de vista, que fazem todo sentido, não poderíamos pensar numa conexão entre paixão e fetichismo. Assumimos que na paixão há de ser aquele objeto e só ele, os outros se apagam. Essa premissa vai de encontro com a opinião dos autores acima citados.

No entanto, pensamos que ao falarmos de paixão, na sua vertente mais patológica enquanto parecida com o mecanismo do fetiche, ainda podemos manter

alguns pontos de contato. Apesar de haver diferença para com o fetichismo, há outras semelhanças relevantes.

Na paixão patológica há maior impacto da dificuldade diante da alteridade, isso torna o objeto escolhido mais coisificado. Nela, há também uma prevalência da pulsão de morte, o que compele ainda mais a uma desobjetalização do vínculo. Esses aspectos nos permitem aproximarmo-nos um pouco mais do fetichismo, lembrando que estamos falando de modo de funcionamento psíquico e não de estrutura enquanto tal, na qual estariam em jogo maior cristalização dos mecanismos e da economia psíquica.

Tratar da paixão pelo seu viés fetichista não significa dizer que os apaixonados tenham uma estrutura perversa. Queiroz (2004), por exemplo, deixa bem clara essa distinção ao se reportar ao discurso perverso na clínica. Ela marca uma diferença entre o discurso perverso e o discurso do perverso. O primeiro é um discurso marcado pelo desmentido (*Verleugnung*), sem necessariamente ser um discurso exclusivo de pessoas perversas.

A autora frisa que a tendência atual “parece apontar para uma fenomenologia da perversão, nem sempre relacionada ao desvio sexual ou à estrutura clínica” (QUEIROZ, 2004, p.17) e acrescenta que o fato da sociedade estar se constituindo numa montagem perversa não significa necessariamente que os sujeitos tenham estrutura perversa.

Assim também se posiciona Lebrun (2008, p.251), ele observa que “não é porque sujeitos participam de uma economia perversa, que, por isso, eles mesmos são perversos, no sentido em que teriam a ver com a estrutura perversa”, explicando que uma economia perversa é aquela em que funciona “a renegação da falta” (LEBRUN, 2008, p.272) sem necessariamente fazer daqueles que a compartilhem, sujeitos perversos.

Não pretendemos afirmar que as pessoas com estrutura perversa não compartilhem de uma forma de apaixonar-se patológica, o perverso apresenta, sim, uma forma doentia de apaixonar-se. Tanto os perversos como os psicóticos podem apresentar uma patologia no apaixonamento. O que estamos destacando é que falar de uma característica perversa do apaixonamento é uma situação circunstancial a

determinadas paixões, que não a configura necessariamente num quadro de perversão ou de psicose.

Reforçamos que ao traçarmos um paralelo entre o estado do apaixonamento e o fato dele compartilhar características e defesas perversas não significa que a paixão seja perversão no seu sentido nosográfico. Procuramos pontos de contato com a forma de funcionamento fetichista para olhar a paixão patológica por esse viés.

Prosseguindo nessa linha encontramos em Green (1988c) conexões entre a pulsão de morte e a perversão. Para ele, a perversão evidencia a presença de aspectos destrutivos consideráveis; seu caráter despersonalizado, a petrificação do objeto da perversão dá margem a pensar num processo de desobjetalização, esse processo evidencia a carência narcísica que há nessas pessoas.

Lebrun (2008, p.256) citando Hilttenbrand (1998⁷⁰) no *Dictionnaire de la psychanalyse* traz a seguinte definição de perversão: "a experiência de uma paixão humana em que o desejo é suportado pelo ideal de um objeto inanimado". Esta é uma definição bastante próxima do que temos averiguado na nossa pesquisa. Sempre haverá um ideal envolvido na dinâmica da paixão, pelos nossos dados, veiculado pelo ego ideal.

O ego ideal sustenta o interesse do apaixonado pelo objeto, que acaba por ser visto como inanimado, uma vez que ele pouco é reconhecido como sujeito, não havendo espaço para a alteridade, espaço este que diminui mais e mais à medida que a paixão se torna mais patológica. A recusa (*Verleugnung*) em ver o outro como sujeito leva o aparelho psíquico a trabalhar com mecanismos perversos, fazendo do outro um mero fetiche. Queremos deixar claro que essa é uma das hipóteses, dentre outras, que estudamos ao longo de nossa pesquisa.

Agregando mais dados a essa linha teórica, Ferraz (2014) baseado no trabalho de Stoller (1975/2014) tem outras considerações interessantes para nosso estudo. Quanto à alteridade, ele afirma que no trabalho de fantasia encenada pelo perverso há o corolário da desumanização do objeto, o qual não é, nem pode ser reconhecido na sua alteridade, sob pena de colocar em risco a montagem perversa.

⁷⁰ HILTENBRAND, J.-P. *Perversion*. In: CHEMAMA, R. ; VANDERMERSCH, B. *Dictionnaire de Psychanalyse*. Paris: Larousse, 1998.

Pensamos que essas derivações da perversão trazidas por Green (1988b, 1988c) e Ferraz (2014) se aplicam ao apaixonamento. O outro é desumanizado até mesmo para não que não lhe sejam atribuídas falhas e ele continue refletindo o ideal projetado. Se o outro tiver vida e vontade próprias, ficará evidente a diferenciação entre sujeito-objeto, algo intolerável para o apaixonado que busca reviver a situação narcísica de completude. Na verdade não há um processo de investimento no outro enquanto ser em si, algo parecido com a desobjetalização conceituada por Green (1988b). Não há investimento na função objetalizante.

“Os indivíduos nos quais a ansiedade de castração foi provocada de forma abrupta e intensa são candidatos potenciais à perversão”, pontua Ferraz (2014, p.158). Sabendo que ele está-se baseando no trabalho de Stoller, podemos entender a “provocação abrupta e intensa” a que ele se refere como sendo um fato real e concreto que se sucedeu, uma vez que Stoller (1975/2014) defendia a existência de um trauma real infligido à criança para poder convertê-la num perverso.

Mesmo não concordando que tenha havido obrigatoriamente um fato real, podemos tomar a afirmativa de Ferraz (2014) para entender que a paixão se conecta à perversão no sentido de evitar o máximo possível a verdade da castração. O sujeito tem a necessidade de se aferrar ao momento idílico do narcisismo primário, sem castração, sem faltas, sem esperas, sem frustração.

Stoller (1975/2014, p.52) apresenta uma visão psicanalítica peculiar à compreensão da perversão, para ele, ela é “a forma erótica do ódio” (p.52). Um ódio despertado no momento em que um adulto abusa sexualmente de uma criança. Ela buscará por vingança na vida adulta, criando montagens perversas onde repetirá a cena da qual foi vítima, dessa vez no papel de algoz e assim obterá seu triunfo. Para o autor, sempre haverá vontade de causar dano ao objeto, sempre estará presente a *hostilidade*, que é exatamente esse desejo de danificar o outro.

Lembramos que ao falarmos do narcisismo destrutivo para Rosenfeld (1971, p.169) nesse capítulo, citamos uma afirmação sua de que “o ódio, enquanto relação com o objeto, é mais antigo que o amor”. Freud (1915), bem antes, já havia sentenciado que o objeto nasce do ódio. Então, podemos pensar que, em certos indivíduos, mesmo que não tenham passado pela experiência real do trauma da

sedução, esse ódio inerente às relações se faz mais presente e, pode ser dirigido contra o outro com toda hostilidade, calcado na economia perversa. A paixão que é o próprio excesso e desmesura, pode ser inclusive, excesso de ódio disfarçado.

Hanna Segall (1988) fez uma articulação entre a perversão e o ódio, como apontamos anteriormente, ao falarmos do narcisismo patológico. Ela refere que nas perversões, a libido se apresenta de forma mais contundente a favor da pulsão de morte. O objeto enquanto causa e solução para o desequilíbrio pulsional, recebe uma grande carga de ódio e inveja, podendo se tornar, portanto, um objeto de perversão, ao ser eleito objeto da paixão.

O outro pode provocar raiva e vontade de vingança; para Stoller (1975/2014), isso se dá por motivos concretos: um ato de sedução de um adulto para com uma criança. No entanto, com Laplanche (1987,1992) nós vimos o quanto os cuidados maternos já são em si uma sedução generalizada, colocando todos os sujeitos na situação de passíveis seres desse trauma que é trazido pelo outro.

Ou seja, essa sedução “imaginariamente concreta”, pode estar fantasiosamente registrada no psiquismo de todos nós. Laplanche (1992) nos remete a outra alteridade que é o Inconsciente, esse outro, estranho em nós, que transforma a realidade fantasiada em realidade material. Não é preciso haver um evento no mundo externo para provocar angústia e disparar defesas, elas se dão deflagradas pelas fantasias mesmas.

França (2014) apresenta um interessante ponto de convergência entre a perversão e a posição esquizoparanóide kleiniana. Ela afirma que se pode dizer que o perverso é aquele que funciona apenas na posição esquizoparanóide, ou seja, ele é dominado pelos processos da clivagem do ego, pela ansiedade persecutória e pela possibilidade exclusiva de que se estabeleçam relações de objeto parciais, dificultando, dentre outros, a elaboração do processo de luto.

Vimos nesse capítulo, acerca da melancolia, como esta tem conexão com a posição esquizoparanóide ao passo que o luto está associado à posição depressiva. Percebemos ao longo do trabalho que a paixão traz uma escolha de objeto semelhante àquela que subjaz os casos de melancolia e que também tem estreita semelhança com mecanismos da posição esquizoparanóide tais com idealização extrema e cisão do

objeto, levando a relações marcadas pela ambivalência, a qual se encontra em larga medida nos processos melancólicos. Essas linhas de convergência nos permitem situar a paixão correlata também à perversão.

Hay-Flaud (1994) traz o fetiche a partir da idealização, observando que a idealização foi o primeiro conceito pelo qual Freud começou seus esforços para compreender a natureza do fetiche. O sujeito toma a parte pelo todo e elege um elemento investindo-o como ideal, no lugar da pessoa total.

A idealização é uma operação que seleciona um “traço” atributivo do objeto e eleva esse “traço”, significante em sua origem, à função de representar todos os significantes do objeto e, para além, de todos os seus significantes, o ponto inexpugnável ao significante, que constitui a intimidade inefável do objeto, aquilo que a linguagem comum chama de ‘o encanto’⁷¹ (HAY-FLAUD, 1994, p.48).

Freud reconheceu o fetiche como um objeto possuidor da propriedade de disparar sozinho a força do desejo amoroso, declara Hay-Flaud (1994) e explica que Freud observou que nos homens normais o gatilho da paixão também se dava em condições análogas, onde o despertar do desejo estava submetido a certas qualidades particulares do objeto. Nós amamos uma pessoa, em virtude de semelhanças com outras pessoas que igualmente foram amadas. Acreditamos que aí se encontra o “traço” que se repete, parecido com o fetiche. Ele afirma que a paixão se produz assim que o sujeito encontra uma mulher que apresente o “traço” do seu primeiro objeto.

Apesar de algumas semelhanças, o autor mesmo se incumbe de diferenciar ambos: fetiche e paixão. Para Hay-Flaud (1994) no fetiche o ponto de interesse se refere um *defeito* do objeto, ele se apresenta como um antimodelo, um anti ideal. Nesse sentido, o “traço” perverso não se situa numa cadeia de similitudes, ao contrário, ele funda uma nova cadeia de representantes. Imaginamos que esse é a estratégia fetichista para afastar ainda mais o objeto sexual do objeto incestuoso, romper o máximo possível a associação consciente entre estes.

⁷¹ Tradução livre.

Em *Sobre o narcisismo: uma introdução*, Freud (1914, p.118, o itálico é nosso) declara: “o estar apaixonado consiste num fluir da libido do ego em direção ao objeto. Tem o poder *de remover as repressões e de reinstalar as perversões.*” A paixão reinstala perversões, reabre as portas para elas. Acreditamos que isso se dá devido a uma espécie de retorno à sexualidade infantil, veiculada pela supervalorização sexual do outro, a dificuldade de aceitar qualquer interdição, a volta da sensação de ser onipotente, e, conforme temos visto, à prevalência de uma relação parcial com o objeto, com a parte de si próprio projetada nele, qual seja, o ego ideal. Verificamos que Freud, de alguma forma, via uma relação entre a paixão e a perversão.

Romano (1994) relembra que nos *Três ensaios*, Freud (1905) relaciona o fetichismo com a valorização sexual excessiva presente no apaixonamento. A autora traz outra conexão apresentada no artigo metapsicológico sobre *Repressão* (1915) em que Freud afirma que se encontra na origem do fetiche a dinâmica na qual o representante pulsional original é dividido em duas partes: uma é recalcada, a outra, idealizada. Sabemos o quanto de idealização há na paixão e não podemos nos abster de pensar nessa outra maneira possível de entender a paixão através do fetichismo, conforme já encontramos em Hay-Flaud (1994).

Aqui se torna propício retomar outra questão que envolve cisão, desta vez, uma divisão dos investimentos objetivos numa corrente afetiva e outra sensual, abordado no capítulo anterior. Romano (1994) pontua que na infância, a corrente terna é idealizada e a sensual, degradada, em virtude da situação edipiana. É esperado que a junção de ambas se dê na vida adulta, direcionando-as a um único e novo objeto.

A autora pondera que quando não ocorre a síntese das correntes, o objeto fetiche se apresenta como solução de um impasse: ao investir no fetiche, a pessoa amada fica protegida da degradação pois é separada do objeto fetiche, para o qual é destinada a corrente sensual.

Citando Smirnoff (1970⁷², apud Romano, 1994) ela conclui que o fetiche é garantia de um prazer incestuoso, permitindo a realização de uma relação sexual normal em aparência, uma vez que o afeto terno encontra-se na pessoa amada e o afeto sensual é deslocado sobre um objeto que representa um aspecto degradado e

⁷² SMIRNOFF, V. *La transaction fétichique*. In: *Nouvelle Revue de Psychoanalyse*, v.2, 1970.

desconhecido do objeto de amor incestuoso. Assim o objeto fetiche asseguraria uma solução “paralela” para o complexo de Édipo e um evitamento da angústia de castração.

Eiguer (2014), referindo-se à perversão narcísica⁷³, diz que nela há uma relação de objeto extremamente desumanizada, em que ele fica reduzido a um equivalente de fetiche. Tendo a visão de si mesmos como “desérticos”, esses sujeitos conservam a lembrança de exultante sensualidade que viram na mãe. Sobre esse vazio, que o autor diferencia de uma falta, desenvolve-se a clivagem, a denegação, a necessidade de impostura.

Essas pessoas, segundo o autor, apresentam um apagamento do limite identitário, sendo incapazes de captar o menor sinal de desejo no outro, incapazes de perceber suas diferenças. Ele reflete que são sujeitos que tiveram uma relação materna em que a mãe o investia como ego ideal narcísico, construindo um contato especular onde se refletiam as perfeições comuns de ambos. “Nem um nem outro se vê diante de uma pessoa, mas de uma parte de si, aquela que alimenta o orgulho deles” (EIGUER, 2014, p.100). Essa descrição se aproxima bastante da descrição da projeção do apaixonado sobre o objeto eleito, o qual funciona como um espelho para o sujeito se vangloriar de sua perfeição.

Pretendemos com a apresentação das ideias de diversos autores, levantar a questão da paixão enquanto forma de fetiche, onde ambos compartilham economia psíquica próximas, usando de mecanismos de defesa semelhantes. Na paixão o objeto fetiche é o próprio outro coisificado e percebido apenas parcialmente, na parte de perfeição que emana via projeção; esse objeto funciona enquanto fetiche que escamoteia a castração do sujeito, pois simboliza o falo materno, desmentindo a incompletude subjetiva.

Sabíamos que não seria possível esgotar ambos os assuntos infundáveis em sua complexidade, a paixão e o fetiche, mas nosso objetivo era apontar um caminho outro para entender a paixão e suas nuances via essa perversão.

Perversão, melancolia, posição esquizoparanóide, todas compartilham economia semelhante e uma fase mais regredida do desenvolvimento psíquico, com mecanismos

⁷³ Vista no tópico 3.1 deste capítulo.

pouco elaborados e economia incipiente. Esses fatores nos permitem entender o apaixonamento nas suas características patogênicas e sofridas, posto que as defesas anímicas mobilizadas em tal circunstância são as mais frágeis e primitivas do sujeito.

Não estamos sugerindo que só existam essas formas de entender a paixão no seu caráter patológico, essas são algumas que consideramos mais pertinentes à correlação que estabelecemos como ponto de partida, aquele referente ao ego ideal. Percebemos um intenso entrelaçamento do ego ideal com patologias como o narcisismo destrutivo, no qual há grande participação da pulsão de morte, com a negação da alteridade, a alienação e a perversão.

Cada traço aqui discutido, marcado por uma certa patologia, pode se combinar com os demais dando características particulares a diferentes destinos do apaixonamento. A questão narcísica está na base das patologias, uma vez que o ego ideal está no cerne do apaixonar-se e este traz estreita conexão com o narcisismo primário. Ao associar-se com a pulsão de morte, por exemplo, pode gerar um ciclo que se apresenta de forma viciosa, enredando o sujeito em suas teias eternamente repetidas, mortalmente não criativas.

O desenrolar da paixão pode ser mais, ou menos, frustrante, a depender do caminho que ela possa seguir, pode encontrar na patologia seu destino e terminar aprisionando e matando de sede de amor o ego do apaixonado que começou sua jornada em busca de alimento erótico para a alma.

Considerações finais

Paixão e patologia dividem o mesmo radical, *páthos*. O *páthos* da paixão nos levou a pensar nos aspectos de sofrimento e passividade envolvidos na mesma, nos levantando a questão se toda ela seria patológica. Percebemos que não havia muito escrito sobre o assunto na literatura psicanalítica e que pesquisá-lo seria de muita relevância para nosso trabalho clínico, à medida que nos forneceria subsídios para entendermos mais a dinâmica psíquica envolvida nesse sentimento tão marcadamente humano e que surge com frequência nos nossos consultórios.

Para estudá-la pelo viés da metapsicologia freudiana, delimitamos nosso campo de pesquisa à paixão amorosa, diferenciando-a do amor e buscando algo que a caracterizasse, lhe fosse específica e respondesse pelo seu quadro *sui generis*.

Nosso primeiro e principal norte foi associar a paixão ao ego ideal, diferentemente do amor, onde se faria mais presente o ideal do ego. Diferenciando as instâncias ideais e aprofundando o estudo do ego ideal, pudemos compreender melhor o que era específico da paixão. O ego ideal é projetado no objeto da paixão. Este, enquanto instância mais regredida, está intimamente conectado ao narcisismo primário, estágio muito inicial do desenvolvimento anímico, o que responderia ao porquê da paixão ser tão demandante, tão regredida, imediatista e fusional.

Especulamos que há três tipos de paixão: o enamoramento, o qual daria espaço para o amor; a autocombustão, aquela que terminaria naturalmente e sem maiores danos, consumida no seu próprio fogo, sem o oxigênio de outros investimentos; e finalmente a paixão patológica, essa sim, marcadamente sofrida, aprisionada na fixidez, repetição, excesso que caracterizam a patologia em psicanálise.

Dentre os tantos destinos que a paixão pode enveredar pelo caminho da patologia, nos ativemos ao narcisismo patológico; à melancolia; à negação da alteridade; à alienação do sujeito; ao fetichismo. Optamos em não entrar na seara das psicoses em detrimento de podermos nos aprofundar mais nos aspectos abordados. Em todos eles havia o papel fundamental do ego ideal, e por continuidade, do narcisismo primário.

Percebemos uma grande interconexão entre os aspectos patológicos da paixão, que em muito responde pelo desdobramento doentio da mesma, e nos foi difícil separá-los em dinâmicas distintas. Especialmente as patologias narcísicas e a melancolia. Acreditamos que não haja uma única maneira da paixão se tornar patológica, e sim, que todas têm grandes chances de se fazerem presentes em mais de um quadro do adoecimento.

Por exemplo, o narcisismo destrutivo leva o ego a auto atacar-se, o negativo pretende matar de inanição o ego, investindo na função desobjetalizante. Por sua vez, na negação da alteridade, o sujeito faz do outro um mero refletor de sua perfeição, que acaba também, por ser muito próximo da coisificação do fetiche, fazendo do objeto, um talismã, ou poção de *feitico*, palavra de onde veio o termo *fetiché*. Na alienação o sinal encontra-se trocado, o sujeito se subtrai da relação, apagando-se para iludir-se que não há conflito, não há dúvida, não há castração. Assim o ciclo vai se auto alimentando e ao mesmo tempo, se fechando, matando de asfixia a alma⁷⁴ do sujeito.

Toda paixão seria patológica? Essa questão jamais nos deixou em paz. Ao que tudo indica, deveríamos responder que não, uma vez que determinamos três possibilidades para a mesma, sendo a patologia apenas uma dentre elas. Porém, após tudo que lemos acerca do *páthos*, não podemos negar que a paixão é *páthica*, além de passional. Ela traz sempre sofrimento e passividade.

Toda ela traz a desilusão consigo, é impossível se apaixonar sem sofrer a decepção de não ter atingido o objetivo primeiro: o retorno narcísico primário. Todo apaixonado terá uma perda, dela pode-se elaborar o luto ou entrar na melancolia, entretanto, a perda será uma marca incontornável.

Em toda paixão há a passividade, talvez mais do que em qualquer outro sentimento, nela está presente aquilo que nos toma de assalto e nos espanta. E não falamos somente da paixão à primeira vista, falamos da passividade em relação a uma história primeira que se repete sem termos consciência: a época da bem-aventurança na fusão perfeita com o objeto primário. Somos passivos diante dessa demanda inconsciente.

⁷⁴ Usamos a palavra “alma” com a conotação de anímico, forma como Freud também se referia a aparelho psíquico.

E finalmente, não recuaremos diante da ideia de que, de certa forma, toda paixão é também patológica⁷⁵. Patológica no sentido da psicopatologia da vida cotidiana, no sentido de inerente ao patológico que há em todos nós. A paixão seria como o sonho, que tem como ponto de partida um funcionamento psicótico; ela tem como ponto de partida a *hybris*, aquilo que nos excede e que nunca daremos conta. Ela é patológica por natureza. Porém, como no sonho, devemos acordar para não entrarmos num estado psicótico permanente. Aí está a saída para a patologia da paixão, dar outro destino que não aquele para o qual ela parece fadada.

Assim como o amor da mãe permite ao bebê perceber gradativamente e o menos doloridamente possível que ele não é onipotente, espera-se que o mesmo se dê com a paixão, o amor possa fazer os laços verdadeiros com o outro, num movimento criativo, verdadeiramente erótico.

O amor por si mesmo também é uma possível saída saudável do apaixonamento, ou seja, a desilusão frente à nova tentativa de completude narcísica pode ser mitigada por um narcisismo primário bem elaborado, o qual alimenta de reservas de amor próprio o ego do sujeito, para assim ele poder elaborar a frustração do narcisismo primário não atingido, num processo de luto e não de melancolia.

A dinâmica envolvida na paixão tem muito de patológica, de *páthos*, passividade e sofrimento, no entanto seu destino não precisa necessariamente ser o aprisionamento na patologia. Assim como acordamos dos sonhos a cada amanhecer, podemos acordar do estado de fascinação auto engendrada na paixão e despertar para novas e criativas dinâmicas de relacionamento.

⁷⁵ Aqui queremos nos remeter à hipótese levantada por Rocha (2016) abordada no final do capítulo 1: O *páthos* da paixão.

Referências

- ALBERONI, F. *Enamoramento e amor*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- AULAGNIER, P. *Os destinos do prazer*. Rio de Janeiro: Imago, 1985.
- BANDIOU, A. e TRUONG, J. *Elogio ao amor*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- BARANGER, W. O narcisismo em Freud. In: BARANGER, W. (Org). *Contribuições ao conceito de objeto em psicanálise*, São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994, p.20-39.
- BARTHES, R. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1991.
- BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BENTO, V. E. S. Tóxico e adicção comparados a paixão e toxicomania: etimologia e psicanálise. *Psicologia USP*, São Paulo, vol. 17, n.1, p.181-206, 2006.
- _____. Para uma semiótica psicanalítica das toxicomanias: adições e paixões tóxicas no Freud pré-psicanalítico. *Revista Mal-estar e subjetividade*, Fortaleza, v. 7, n.1, p. 89-121, 2007.
- _____. Introdução às justificativas clínicas e teóricas da hipótese das paixões “tóxicas”. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v.27, n.1, p. 109-120, 2010.
- BERGERET, J. *Personalidade normal e patológica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- BERLINCK, M. T. O que é psicopatologia fundamental. *Revista Latinoamericana de Psicanálise*, São Paulo, v..1 , n.1, p. 46-59, 1998.
- _____. Editorial. *Revista Latinoamericana de Psicanálise*, São Paulo, v. 5, n.2, p. 7-11, 2002.
- BIRMAN, J. *Ensaio da teoria psicanalítica parte I*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- BRANCO, F. C. Sobre o amor e suas falhas: uma leitura da melancolia em psicanálise. *Ágora*, Rio de Janeiro, v.27, n.1, p. 85-98, 2014.
- CAMPOS, E. ; COELHO JR., N. E. Incidências da hermenêutica para a metodologia em pesquisa teórica em psicanálise. *Estudos de psicologia*. Campinas, v.27, n.2, 2010.
- CANGUILHEM, G. *O normal e o patológico*, 6ª ed. revisada. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

CAON, J.L. O pesquisador psicanalítico e a situação psicanalítica de pesquisa. *Psicologia: reflexão e crítica*. Porto Alegre, 1994, v.7 n.2 p.145-174, 1994.

CARVALHO e SILVA, P.J. O tratado das paixões da alma nos primórdios da medicina moderna: o *De victum romanorum* de Alessandro Petronio. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v.9, n.1, p. 64-75, 2006.

_____. Do uso das paixões ou a psicopatologia de Jean-François Senault (1641). *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v. 10, n.3, p. 536-548, 2007.

CECCARELLI, P. O sofrimento psíquico na perspectiva da psicopatologia fundamental. *Psicologia em estudo*, Maringá, v.10, n.3, p.471-477, 2005.

CHILAND, C. *Homo psychanalyticus*. Paris: PUF, 1990.

COELHO JR, N. E.; FIGUEIREDO, L. C. Figuras da intersubjetividade na constituição subjetiva: dimensões da alteridade. *Interações*, São Paulo, v.9, n.3, 2004.

EIGUER, A. A perversão narcísica, um conceito em evolução. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 48, n.3, p. 93-104, 2014.

ESCRIBENS, A. El principio de irrealidad. Acerca del amor, el sexo y el psicoanálisis. *Revista Psicoanálisis de la Sociedad Peruana de Psicoanálisis*, Peru, v. 5, 2007.

ESPANCA, F. Fanatismo. In: *Livro de sóror saudade*. Lisboa: Tipografia A Americana, 1923

FAGUNDES, J. O. Ilusão de fusão e narcisismo. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 27, n.3, p. 423-442, 1983.

FALCÃO, L. Cem anos de narcisismo: quem da psicanálise e além de Freud. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 48, n.3, p. 41-56, 2014.

FAVERET, B. M. S. e outros. Eros no século XXI: Édipo ou Narciso? *Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 39, p. 35-50, 2007.

FÉDIDA, P. *De uma psicologia geral a uma psicologia fundamental*, Comunicação ao V Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental, Campinas, setembro de 2000.

FERRAZ, F.C. *Perversão*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

_____. Perversão, hostilidade e abuso. In: CASSANDRA P. F. (Org.). *Tramas da perversão: a violência sexual intrafamiliar*, São Paulo: Escuta, 2014.

FERENCZI, S. (1910) Transferência e introjeção. In: *Obras completas de Psicanálise I*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERREIRA NETO, J. L. *A formação do psicólogo: Clínica social e mercado*. São Paulo: Escuta, 2004, Belo Horizonte: Fumec-FCH, 2004.

FIGUEIREDO, L. C. *Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi*. São Paulo: Escuta, 1999.

FRANÇA, C.P. Existe criança perversa? In: _____ (Org.). *Tramas da perversão: a violência sexual intrafamiliar*, São Paulo: Escuta, 2014.

FREUD, S. (1897) *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess 1887/1904*. Rio de Janeiro: Imago, 1986

_____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. [1905]. In: *Edição standard brasileira das obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v.7, p.123-253.

_____. Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (Contribuições à psicologia do amor I). [1910]. In: *Edição standard brasileira das obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v.11, p.147-158.

_____. Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuições à psicologia do amor I). [1912]. In: *Edição standard brasileira das obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v.11, p.159-174.

_____. Sobre o narcisismo: uma introdução. [1914]. In: *Edição standard brasileira das obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v.14, p.85-122.

_____. Zur Einführung des Narzißmus. [1914]. *Gesammelte Werke* Band X. Internet

_____. Repressão. [1915]. In: *Edição standard brasileira das obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v.14, p.165-184.

_____. O instinto e suas vicissitudes. [1915]. In: *Edição standard brasileira das obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v.15, p.129-164.

_____. Conferência 23. In: Conferências introdutórias à psicanálise. [1917]. In: *Edição standard brasileira das obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v.16, p.419-440.

_____. Conferência 26. In: Conferências introdutórias à psicanálise. [1917]. In: *Edição standard brasileira das obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v.16, p.481-502.

_____. Luto e melancolia. [1917]. In: *Edição standard brasileira das obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. 14, p.271-298.

- _____. Além do princípio do prazer. [1920]. In: *Edição standard brasileira das obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v.18, p.13-88.
- _____. Psicologia de grupo e análise do ego.[1921]. In: *Edição standard brasileira das obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v.18, p.89-182.
- _____. Group Psychology and The Analysis of The Ego. [1921]. *International Psycho-Analytical*. Internet
- _____. Massenpsychologie und ich-analyse. [1921]. *Gesammelte Werke*. Internet
- _____. O ego e o id. [1923]. In: *Edição standard brasileira das obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v.19, p.13-88.
- _____. Das Ich und das Es. [1923]. *Gesammelte Werke*. Internet
- _____. Fetichismo. [1927]. In: *Edição standard brasileira das obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v.21, p.175-187.
- _____. Mal estar na civilização. [1930]. In: *Edição standard brasileira das obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. 21, p.75-176.
- _____. Das Unbehagen in der Kultur. [1930]. *Gesammelte Werke*. Internet
- _____. Conferência 31. In: Novas conferências introdutórias. [1933]. In: *Edição standard brasileira das obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. 22, p.75-102.
- _____. Esboço de psicanálise. [1937]. In: *Edição standard brasileira das obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. 23, p.165-233.
- _____. A divisão do ego no processo de defesa. [1938]. In: *Edição standard brasileira das obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974,v.23, p.305-312.
- GREEN, A. Paixões e suas vicissitudes. In: _____. *Sobre a loucura pessoal*. Rio de Janeiro: Imago, 1988a.
- _____. *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. São Paulo: Escuta, 1988b.
- _____. Pulsão de morte, narcisismo negativo, função desobjetalizante. In: _____ et al. *A pulsão de morte*. São Paulo: Escuta, 1988c, p.57-68.
- _____. Mesa redonda. In: _____ et al. *A pulsão de morte*. São Paulo: Escuta, 1988c., p.91-109.
- _____. *O trabalho do negativo*. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- GORI, R. *A lógica das paixões*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

_____. A lógica das paixões. In: RUDGE, A. M. *Traumata*. São Paulo: Escuta, 2006.

HADDAD, G. Encontros amorosos: amor, paixão e desejo na cultura moderna. *IDE*, São Paulo, v.34, n.52, p. 123-131, 2011.

HANLY, C. Ego Ideal and Ideal Ego. *International Journal of Psychoanalysis*, London, vol. 65, p. 253-261, 1984.

HORNBY, A.S. *Oxford advanced learner's dictionary of current English*. Oxford: Oxford university, 1985.

_____. *Oxford advanced learner's dictionary of current English*. Oxford: Oxford university, 2010

HORNSTEIN, L. *Narcisismo, autoestima, identidade, alteridade*. SP: Via Lettera, 2009.

IRIBARRY, I. N. O que é pesquisa psicanalítica. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1 jan./jun., p. 115-138, 2003.

KERNBERG, O. F. *Love Relations: Normality and Pathology*. London: Yale University, 1995.

KLEIN, M. Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. In: _____. *Inveja e gratidão e outros trabalhos 1946-1963*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991, p.17-43.

_____. Algumas conclusões relativas à vida emocional da criança. In: _____. *Inveja e gratidão e outros trabalhos 1946-1963*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991, p.85-118.

LACAN, J. *O seminário Livro VIII – A transferência*. [1960]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LAPLANCHE, J. *Novos fundamentos para a psicanálise*. Lisboa: Edições 70, 1987.

_____. A pulsão de morte na teoria da pulsão sexual. In: GREEN, A. et al. *A pulsão de morte*. São Paulo: Escuta, 1988.

_____. Punctuation. [1967]. In: *La révolution copernicienne inachevée*. França: Aubier, 1992, p.3-6.

_____. Le temps e l'autre. [1990]. In: *La révolution copernicienne inachevée*. França: Aubier, 1992, p.359-384.

LAPLANCHE, J. ; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário da psicanálise*. 10ª ed. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1988.

LAWN, C. *Compreender Gadamer*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

- LANGENSCHIEDT. *Dicionário alemão*. Munich-Viena: Langenscheidt, 2015.
- LEBRUN, G. O conceito de paixão. In: CARDOSO, S. et al. *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.17-34.
- LEBRUN, J-P. *A perversão comum: viver junto sem o outro*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.
- LEJARRAGA, A.L. Paixão e desamparo. *Cadernos de Psicanálise*. Rio de Janeiro, v. 20, n.12, p. 161-171, 1998.
- LEJARRAGA, A.L. Freud e Winnicott: do apaixonamento à capacidade de amar. *Psicologia em Revista*, São Paulo, v. 15, n.164/165, p. 42-49, dez./2002 - jan./2003.
- LEMAIRE, J.G. *La pareja humana: su vida, su muerte, su estructura*. México: Fondo de cultura econômica, 1986.
- LINS, R.N. *A cama na varanda: arejando nossas ideias a respeito do amor e sexo: novas tendências*. Rio de Janeiro: Best Seller, 2007.
- LOUSADA, W. Prefácio. In: STENDHAL. *Do amor*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1957.
- LOWEWALD, H.W. The superego and ego-ideal. *International Journal of Psychoanalysis*, London, n.3, v.43, p. 264-268, 1962.
- MARTINS, A. Uma violência silenciosa: considerações sobre a perversão narcísica. *Cadernos de Psicanálise*, Rio de Janeiro, v. 31, n.22, 37-56, 2009.
- MARTINS, F. O que é páthos? *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v.2, n.4, p.62-80, 2000.
- MARTINS, L.F. O dom de Édipo. In: CARDOSO, S. et al. *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.329-357.
- MEYER, M. *O filósofo e as paixões*. Porto: Asa, 1994.
- MEZAN, R. A inveja. In: CARDOSO, S. et al. *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.117-140.
- MICHAELIS. *Dicionário alemão – português*. São Paulo: Melhoramentos, 2009.
- _____. *Dicionário prático inglês*. São Paulo: Melhoramentos, 2009.
- MINKOWSKI, E. Breves reflexões a respeito do sofrimento. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v.3, n.4, p.156-164, 1999.

- MOGUILLANSKY, R. Narcisismo, o senso comum e a alheidade: fundamentos de uma ética psicanalítica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, vol, 48, n.3, p. 105-124, 2014.
- MONTERO, R. *Paixões*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.
- NAVES, E.T. O papel da recusa nas relações entre narcisismo e perversão. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, São Paulo, v.2, n. 2, 1999.
- NUNBERG, H. *Princípios da Psicanálise*. [1932]. Rio de Janeiro: Livraria Atheneu, 1989.
- PASTORE, J.A.D. É possível uma existência sem excesso? *IDE*, São Paulo, v. 33, n. 55, p. 43-58, 2013.
- PAZ, O. *A dupla chama: amor e erotismo*. São Paulo: Siciliano, 2001.
- PELLEGRINO, H. Édipo e a paixão. In: CARDOSO, S. et al. *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.307-328.
- PEREDA, M.C. Recusa, seu efeito estrutural e sua dimensão patogênica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, vol.30, n.3, p. 539-545, 1996.
- PEREIRA, M.E.C. Pierre Fédida e o campo da psicopatologia fundamental. *Percurso Revista de Psicanálise*, São Paulo, v. 18, n. 31/32, p.45-54, 2004
- PERSON, E. S. Eros, amor y sexualidad. *Revista Psicoanálisis de la Sociedad Peruana de Psicoanálisis*, Peru, v.5, 2007.
- PRADO, M.P. *Narcisismo e estados de entranhamento*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- QUEIROZ, E. F. Do *páthos* do teatro grego à paixão da contemporaneidade. *Revista Symposium*, Recife, v. 3, p.79-85, 1999.
- _____. *A clínica da perversão*. São Paulo: Escuta, 2004.
- REY-FLAUD, H. *Comment Freud inventa le fétichisme et reinventa la psychanalyse*. Paris: Payot&Rivages, 1994.
- RIBEIRO, R.J. A paixão revolucionária e a paixão amorosa em Stendhal. In: CARDOSO, S. et al. *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.417-436.
- RIOS, J.C. O amor nos tempos de narciso. *Interface – comunicação, saúde, educação*, Botucatu, vol.12, n.25, p. 421-426, abril-jun. 2008.

ROCHA, Z. Freud e a paixão amorosa. In: _____. *Freud: novas aproximações*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2008, p.107-124.

_____. Freud e o narcisismo. In: _____. *Freud: novas aproximações*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2008, p.21-74.

_____. Freud entre Apolo e Dionísio. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

ROMANO, E. O conceito de objeto fetiche: sua sistematização. In: BARANGER, W. *Contribuições ao conceito de objeto em psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994, p.175-218.

ROSA, G. *Grande sertão: veredas*. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

ROSENFELD, H. The superego and the ego-ideal. *International Journal of Psychoanalysis*, Londres, n.3, v.43, P.258-263, 1962.

_____. A clinical approach to the psychoanalytical theory of the life and death instinct: an investigation into the aggressive aspects of narcissism. *International Journal of Psycho-Analysis*, Londres, v. 52, n.4, p. 169-178, 1971.

_____. *Impasse e interpretação*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.

ROUGEMONT, D. *O amor e o ocidente*. Lisboa: Vega, 1956.

ROUSSILLON, R. A função do objeto na ligação e desligamento das pulsões. *Livro anual de psicanálise*, vol.29, p. 95-113, 2015.

SAFATLE, V. *Fetichismo: colonizar o outro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

SANTOS, T.C. ; SARTORI, A.P. Loucos de Amor! Neuroses narcísicas, melancolia e erotomania feminina. *Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, v.39, p.13-33, 2007.

SEGAL, H. Da utilidade clínica do conceito de pulsão de morte. In: GREEN, A. et al. *A pulsão de morte*. São Paulo: Escuta, 1988, p.31-44.

_____. Mesa redonda. In: GREEN, A. et al. *A pulsão de morte*. São Paulo: Escuta, 1988, p.91-109.

SEMI, A.A. *O narcisismo*. São Paulo: Loyola, 1998.

SILVA, C.C.R. Reflexões sobre o normal e o patológico e a ética da psicanálise. *Psicanálise e Barroco em Revista*, Juiz de Fora, v.10. n. 2, p. 62-73, 2012.

SILVA, M.H.B. *A paixão silenciosa*. São Paulo: Escuta, 2002.

STENDHAL . *Do amor*. [1822]. Rio de Janeiro: Ediouro, 1957.

STOLLER, R.J. *Perversão: a forma erótica do ódio*. São Paulo: Hedra, 2014.

WIKIPEDIA. Verbetes *Paixão*. <pt.m.wikipedia.org> acessado em 23/02/2016.

ZIMERMAN, D. *Vocabulário contemporâneo de psicanálise*. Porto Alegre: Artmed, 2001.